

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

ELIZABETE RODRIGUES PEREIRA

**DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO DIANTE DAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO SEXTO ANO**

**SÃO MATEUS-ES
2019**

ELIZABETE RODRIGUES PEREIRA

DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO DIANTE DAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO SEXTO ANO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lílian Pittol Firme de Oliveira.

SÃO MATEUS-ES
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

P436d

Pereira, Elizabete Rodrigues.

Desafios e contribuições do pedagogo diante das dificuldades de aprendizagem de alunos do sexto ano / Elizabete Rodrigues Pereira – São Mateus - ES, 2019.

122 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: prof^a. Dr^a. Lilian Pittol Firme de Oliveira.

1. Pedagogo. 2. Acompanhamento pedagógico. 3. Aprendizagem. I. Oliveira, Lilian Pittol Firme de. II. Título.

CDD: 370.71

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

ELIZABETE RODRIGUES PEREIRA

**DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO DIANTE DAS
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO SEXTO
ANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 08 de novembro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA



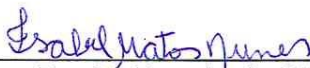
Profa. Dra. Lilian Pittol Firme de Oliveira
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)
Orientadora



Profa. Dra. Désirée Gonçalves Raggi
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Prof. Dr. Marcus Antônio da Costa Nunes
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



Profa. Dra. Isabel Matos Nunes
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Dedico este trabalho a Deus, pois devo a Ele a minha vida.

À minha família por ser o meu alicerce, em especial aos meus pais por tudo que sou.

Ao meu filho Estevão, que é a razão da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação de Mestrado é um trabalho que com certeza não se faz sozinha. Por isso, agradeço a todos que contribuíram na trajetória desta pesquisa.

Agradeço à minha família por ser sempre o meu porto seguro. À minha mãe **Donina Rodrigues Pereira**, agradeço-lhe por tudo o que sou. Ao meu pai, **Algemiro Pereira**, pois lhe devo muitos aprendizados, principalmente a humildade, a honestidade e, muitas vezes, as necessidades financeiras que juntos vivenciamos e que fizeram de mim o que sou.

Ao meu filho **Estevão**, que, ainda com oito anos, conseguiu entender a necessidade de estar distante, para que eu pudesse estudar.

Aos meus irmãos: **Elizangela**, por desde sempre acreditar no meu potencial; **Gerlany**, pelo encorajamento e pelas palavras de reconforto a cada dia; **Leandro**, pela articulação diante de tantos desafios; **Zilda**, pela inspiração em sua força e otimismo; a **Rose**, minha cunhada/irmã a quem vou ser grata eternamente pela ajuda no dia a dia; **Paulinho**, que, mesmo afastado de mim no período da minha pesquisa, ter me feito acreditar que ninguém é melhor que ninguém, daí minha ausência de medo diante dos desafios...

A André, pai do meu filho, pela ajuda de sempre.

À minha orientadora **Dra. Lílian Pittol Firme de Oliveira** pela confiança, incentivo, orientação, carinho e atenção.

A **Rosanete Cuzzuol**, por ter reforçado ainda mais a importância da humildade para qualquer ser humano.

Ao diretor da Escola Ermentina Leal, **Luiz Claudio Moro Aioffi**, pela parceria cotidianamente.

Aos professores que acreditaram no nosso trabalho, fazendo de suas aulas verdadeiros laboratórios de pesquisa, em especial, **Leonardo dos Santos Campos**. Às pedagogas da Escola Ermentina Leal **Josete Miranda Fraga Veríssimo** e **Luana Guilherme Lichtenheld da Silva** – parceiras do dia a dia na jornada pedagógica – e aos muitos colegas de trabalho que nos incentivaram. Pessoas que surgem nas nossas vidas e quase nos fazem acreditar que anjos existem.

Aos alunos dos sextos anos e famílias.

A **Ludimila Calimam** pela parceria.

Aos colegas de turma do Mestrado e professores.

À Faculdade Vale do Cricaré, ao apoio técnico da Secretaria, em especial à amiga Luzinete. Aos setores da biblioteca, do financeiro e à copa, pelo atendimento carinhoso de sempre.

Aos coordenadores do curso, professores Luana Frigulha Guisso e Marcus Antonius da Costa Nunes por toda a atenção aos alunos do Mestrado no atendimento às nossas demandas.

Finalmente, agradeço a **Deus** por ter me sustentado, contemplando-me com capacidade e permitindo que eu alcançasse mais esse objetivo. Obrigada, Senhor!

[...] o que nos move é o interesse, a curiosidade, a necessidade! Essa é a mola que nos impulsiona para a construção do saber humano e nossa cultura.

Paulo Freire

RESUMO

PEREIRA, Elizabete Rodrigues. **Desafios e contribuições do pedagogo diante das dificuldades de aprendizagem de alunos do sexto ano**. 2019. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus-ES, 2019.

A abordagem ao trabalho do pedagogo nas escolas públicas brasileiras tem se efetivado na busca por melhorias na questão do processo ensino-aprendizagem; no entanto, está relacionada também à autoafirmação desse profissional no interior das instituições. Esta pesquisa objetiva analisar os desafios e as possibilidades de contribuição do pedagogo para a aprendizagem dos alunos de sextos anos do Ensino Fundamental II por intermédio, principalmente, da implementação de ações que configuram o Projeto de Acompanhamento Pedagógico nas quatro turmas matriculadas no ano de 2019, na EEEFM Ermentina Leal. A bibliografia utilizada corrobora a opinião de vários autores acerca da importância deste profissional tanto para o trabalho dos professores como para uma escola efetivamente democrática. O referencial teórico que suporta esta investigação está ancorado em Franco, Pimenta, Libâneo e Freire, entre outros. Desta forma, discorreremos sobre o trabalho do pedagogo no dia a dia do contexto escolar levando em conta mecanismos imprescindíveis para a aprendizagem, como a condução e o apoio ao planejamento dos professores e as dificuldades de aprendizagem dos alunos, provenientes muitas vezes das peculiaridades que cada ser humano possui para aprender. Também enfocamos a importância da família para o desempenho satisfatório dos alunos. Por meio de uma pesquisa qualitativa ancorada pelo método de Observação Participante, em que a autora é um dos sujeitos da pesquisa, o trabalho proporciona a aplicação de questionários com entrevistas semiestruturadas e subsequentes questões em aberto, aplicadas aos professores de quatro turmas de sextos anos da Escola Ermentina Leal, aos funcionários da instituição, a 20 pais de alunos e a duas pedagogas – sujeitos desta pesquisa. Os resultados mostraram a percepção dos entrevistados acerca do acompanhamento pedagógico realizado e melhorias no desempenho dos estudantes após o referido trabalho. Há também, por fim, a elaboração de um documento intitulado “Cartilha Pedagógica” com o objetivo de subsidiar a prática pedagógica em outras instituições.

Palavras chave: pedagogo, acompanhamento pedagógico, aprendizagem.

ABSTRACT

PEREIRA, Elizabete Rodrigues. Challenges and contributions of the pedagogue to the learning difficulties of sixth grade students. 2019.99 122 f. Thesis (Masters) – College Vale Cricaré, St. Matthews-ES, 2019.

The approach to the work of the pedagogue in Brazilian public schools has been effective in the search for improvements in the issue of the teaching-learning; process, however, is also related to the self-affirmation of this professional within the institutions. This research aims to analyze the challenges and possibilities of contribution of the pedagogue to the learning of students of sixth grade of Junior High School, mainly through the implementation of actions that configure a project of pedagogical accompaniment in the four classes enrolled in 2019 at EEEFM Ermentina Leal. In the bibliography used, it was possible to verify the opinion of several authors about the importance of this professional both for the teachers' work and for an effectively democratic school. Thus, we discuss the work of the pedagogue in the everyday context of the school context considering essential mechanisms for learning, such as the conduct and support of teachers' planning and the learning difficulties of students, often arising from the peculiarities that each human being it must learn. We also focus on the importance of the family for satisfactory student performance. Through a qualitative research anchored by the Participant Observation method, in which the author is one of the research instruments, the work was triggered by the application of questionnaires containing semi-structured interviews with open questions, applied to teachers of four classes. of sixth years of Ermentina Leal School, to the staff of the institution, to 20 parents of students and to two pedagogues - subjects of this Master research. The results showed the perception of the interviewees about the pedagogical accompaniment performed and improvements in the performance of these students after the referred work. A document entitled "Pedagogical Booklet" was prepared with the purpose of subsidizing the pedagogical practice in other institutions.

Keywords: Pedagogue. Pedagogical Accompaniment. Learning.

LISTA DE SIGLAS

ANFOPE	Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação
CCE	Conselho Estadual de Educação
CDPA	Centro de Detenção Provisória de Aracruz
CMEB	Centro Municipal de Educação Básica
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
EEEFM	Escola de Ensino Fundamental e Médio
EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IFES	Instituto Federal do Espírito Santo
NEE	Necessidades Educativas Especiais
PAEBES	Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo
PCA	Professor Coordenador de Área
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SEDU	Secretaria de Estado da Educação
SRE	Superintendência Regional de Educação
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO TRABALHO DO PEDAGOGO.....	18
2.2 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO PEDAGOGO NA CONDUÇÃO DO PLANEJAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR	24
2.3 BREVE ANÁLISE ACERCA DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ...	28
2.4 A INTERVENÇÃO DO PEDAGOGO NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DOS SEXTOS ANOS	32
2.4.1 Implicações da dificuldade na escrita em outras disciplinas	38
3 METODOLOGIA	42
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DA PESQUISA	42
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS	44
3.3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	45
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	48
4.1 A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ERMENTINA LEAL.....	48
4.2 PROJETO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO.....	53
4.2.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA: O PRIMEIRO PASSO DO TRABALHO.....	54
4.2.2 EXECUÇÃO DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS.....	56
4.3 FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA.....	62
4.4 RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS.....	66
4.5 PROFESSORES DOS SEXTOS ANOS.....	69
4.6 PEDAGOGAS.....	74
4.7 DEPOIMENTOS DOS ALUNOS.....	81
4.8 CARTILHA PEDAGÓGICA.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	88
APÊNDICES	95

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem estudado e discutido acerca da produção de conhecimentos, de saberes e da educação como artefato cultural. Toda prática voltada a fim de compreender e estabelecer a educação de uma sociedade é normalmente atribuída à Pedagogia.

Libâneo pontua a extensa abrangência da Pedagogia pelo fato dessa ciência ultrapassar os processos educativos, métodos e maneiras de ensinar. Segundo ele, a Pedagogia “[...] é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa” (LIBÂNEO, 2004, p. 29).

Ao mesmo tempo em que norteia tudo o que diz respeito ao processo educativo, a Pedagogia pode ser vista como uma das âncoras na evolução da humanidade. Neste sentido, Franco (2012) afirma que os processos relacionados à educação estão ligados ao desenvolvimento da humanidade e ocorrem de diversas formas e circunstâncias. Por ser dependente desde o nascimento, o ser humano necessita dos cuidados de outras pessoas, e nesse processo adequa-se à cultura que o rodeia e fica altamente influenciado pelos processos educacionais.

Alguns professores, porém, encontram dificuldades em trabalhar as habilidades e competências preconizadas no currículo prescrito, que toma como ponto de partida a vivência de mundo e a realidade dos alunos. Essa é uma das abordagens de reflexão a respeito do ensino que cabe ao pedagogo. Entretanto, ainda se observa no ambiente escolar certa resistência à figura desse profissional, cuja importância é indiscutível no sentido de que lhe cabe a função de apoiar e incentivar a análise da prática educativa.

Na EEEFM Ermentina Leal, localizada em Vila do Riacho, no município de Aracruz (ES), assim como em grande parte das demais escolas da Rede Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo, grande parte dos alunos que chegam à escola no 6º ano do Ensino Fundamental II demonstra defasagem de conteúdos em relação ao ano em que estão matriculados. Tal situação gera grande preocupação a toda a equipe envolvida no processo educativo, por entender que os conteúdos do 6º ano são o alicerce para todas as demais fases da vida acadêmica dos alunos. O pedagogo, por sua vez, é o profissional que deve ser um dos principais articuladores das práticas

cotidianas como o processo de aprendizagem que está sendo conduzido pelos professores e que vão desencadear nos resultados.

Desta forma, não é preocupação recente o fato de que o desempenho das turmas de sextos anos tem apresentado deficiências no campo do conhecimento; trata-se a propósito, de uma situação que além de chamar a atenção dos professores e gestores, é comprovada pelos resultados, que estão sempre entre os mais insuficientes da Escola.

Temos percebido que entre as disciplinas em que os alunos apresentam as maiores dificuldades para entendimento do conteúdo estão as que envolvem cálculos, ou seja, Matemática, Química e Física, no caso do Ensino Médio. No Ensino Fundamental, a maior dificuldade encontra-se em Matemática. No entanto, as disciplinas de outras áreas, cujo entendimento necessita de recursos de leitura e interpretação, também apresentam resultados insatisfatórios, uma vez que necessitam de habilidades desenvolvidas pelo campo dos conhecimentos linguísticos.

Causa-nos grande inquietação o fato de alunos em plena idade escolar apresentarem níveis tão baixos em relação ao esperado; por isso, o grande desafio é buscar mecanismos com os professores e demais profissionais da equipe pedagógica com a finalidade de procurar melhorias no desempenho dos alunos das turmas de sexto ano, em especial nos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa e Matemática.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de analisar o papel do pedagogo na situação de aprendizagem desses alunos de sexto ano, matriculados na EEEFM Ermentina Leal, na medida em que esses profissionais conduzem as ações que servirão de base para subsidiar os alunos na aquisição dos saberes, priorizando-se as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

No decorrer da nossa experiência exercendo a função de pedagogo, sempre foi perceptível que os professores, assim como os demais membros da equipe, viam em nosso trabalho, um aliado dentro da rotina escolar. Era muito comum essa parceria ocorrer pela implementação de ações simples, mas eficazes, como o desenvolvimento de tarefas pela pedagoga com os alunos que já haviam assimilado o conteúdo, enquanto o professor trabalhava com aqueles que ainda não tinham concretizado a aquisição daqueles determinados saberes.

Corroborando o que afirma Pimenta (1991, p. 151), entendemos que os pedagogos são profissionais imprescindíveis ao ambiente escolar, tanto no que diz

respeito às atividades de administração, quanto às que auxiliam os professores na efetivação do ensinar, não somente na questão peculiar da aprendizagem, mas também na articulação entre conteúdos aliados a um projeto político-pedagógico de fato coerente. Sobre essa questão, Libâneo (2010, p. 63) esclarece que “pedagogos e docentes têm suas atividades mutuamente fecundadas por conta da especificidade de cada um, [...] o geral e o específico do ensino vão se interpenetrando”. Apesar disso, às vezes, temos a impressão de que nada foi feito para alavancar a melhoria dos resultados das turmas de sexto ano. Tais observações muito nos inquietam. E, por isso, nos instigaram a realizar essa investigação.

Pimenta (1988) defende que a escola pública precisa deste profissional, porque, no seu entendimento, é o pedagogo que transcende a sala de aula e, portanto, ele pode ser definido como essencial na organização da escola enquanto instituição democrática.

Na escola em que este estudo foi desenvolvido, a situação de grande parte dos alunos das quatro turmas pesquisadas necessita de atenção elevada em leitura, interpretação e resolução de problemas. Se levarmos em conta o nível nos quesitos citados, percebe-se demasiada fragilidade em todos eles. A constatação é a de que esses alunos chegaram ao sexto ano sem preparação para cursar o nível em questão. A consequência é uma quantidade considerável de alunos retidos no sexto ano no decorrer dos anos letivos (TABELA 1).

Tabela 1 - Demonstrativo do número de alunos retidos nas turmas de sexto ano, na EEEFM Ermentina Leal entre 2015 e 2018

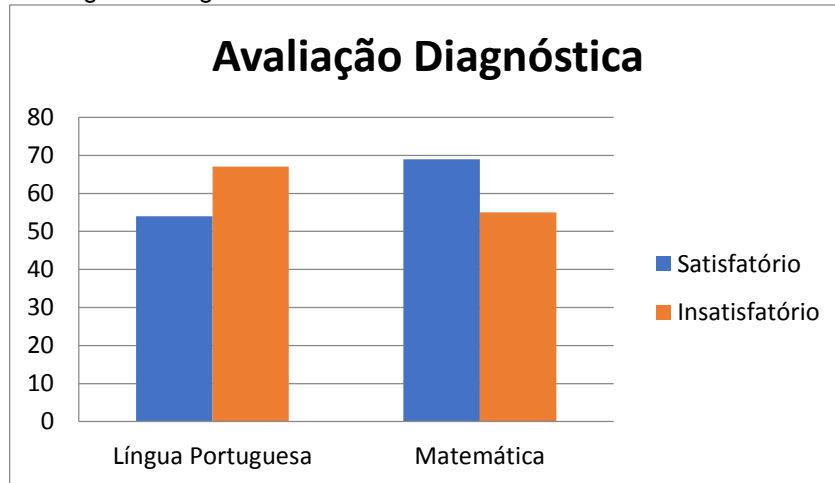
Ano Letivo	Série / Ano	Nº de Turmas	Total de alunos	Expedidas	Desistentes	Total de Alunos		% de Reprovação
						Aprovados	Reprovados	
2015	6º Ano - EF	4	145	12	8	92	33	26,4
2016	6º Ano - EF	4	144	14	13	76	41	35,04
2017	6º Ano - EF	5	131	13	4	97	17	14,92
2018	6º Ano - EF	4	124	10	5	80	29	26,61

Fonte: EEEFM Ermentina Leal

Na Tabela 1, é possível observar que a quantidade de alunos reprovados nos anos de 2015 a 2018 precisa de atenção e de ações com vistas à diminuição do problema. Neste contexto, uma das primeiras ações norteadoras será a análise das avaliações diagnósticas das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática.

Na Figura 1, os resultados em Língua Portuguesa apresentaram índices inferiores aos de Matemática: apenas 54 alunos atingiram a média correspondente a 60 pontos; a maior parte (57 alunos) não a alcançou. Já em Matemática, 69 alunos ficaram no nível satisfatório em relação a 55, que não atingiram o esperado.

Figura 1 - Níveis satisfatório e insatisfatório da Avaliação Diagnóstica em Língua Portuguesa e Matemática

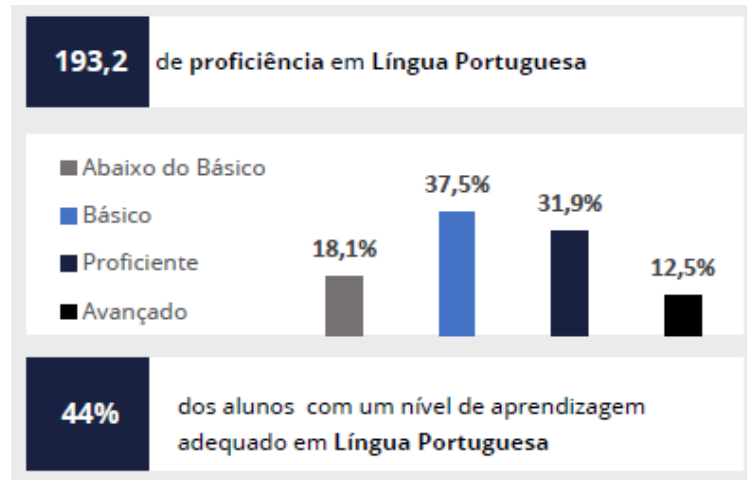


Fonte: EEEFM Ermentina Leal

No mês de maio de 2019, a Plataforma Educação em Foco disponibilizou os resultados de Matemática e Língua Portuguesa do Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (PAEBES) referente à aplicação no ano de 2018; de acordo com o *site* do programa, os dados divulgados “subsidiarão a implementação, a (re) formulação e o monitoramento de políticas educacionais, contribuindo ativamente para a melhoria da qualidade da educação no Estado e promoção da equidade”. A prova foi realizada pelos alunos que, em 2018, cursavam o 5º ano e que, em 2019, encontrar-se-iam nos sextos anos, na EEEFM Ermentina Leal. Assim, conforme se observa abaixo, na Figura 2, menos da metade – 44% dos alunos – possui nível de aprendizagem adequado em Língua Portuguesa.

Chama-nos a atenção o fato de o resultado ser o oposto ao que acabamos de mostrar na Figura 1 com as pontuações obtidas na Avaliação Diagnóstica; os resultados na disciplina de Matemática são melhores que os da disciplina de Língua Portuguesa. Já no PAEBES, ocorre o contrário: o nível de conhecimento dos alunos em Língua Portuguesa é superior ao de Matemática. Contradições à parte, o fato é que nas duas disciplinas há defasagem de aprendizagem.

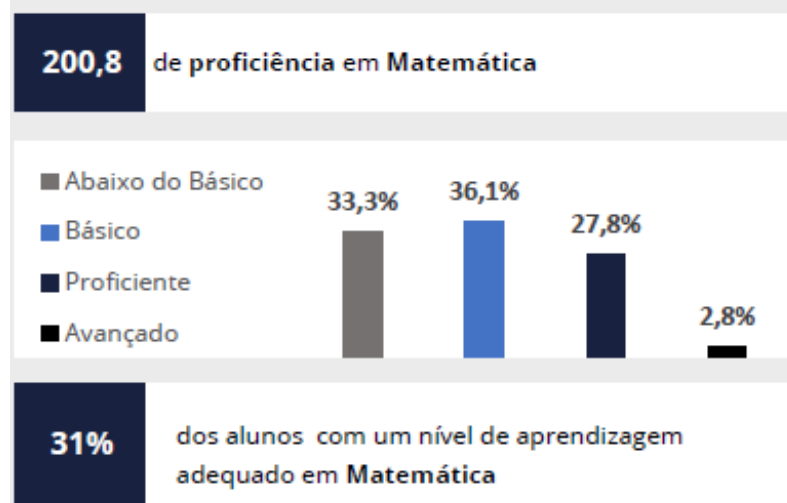
Figura 2 - Resultado da prova de Língua Portuguesa do Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (PAEBES) de 2018.



Fonte: <https://conteudo.focobrasil.com.br/jpp/relatorio/32020333-135531.pdf>

Logo abaixo, a Figura 3 mostra que em Matemática o desempenho foi pior, pois apenas 31% dos alunos estão em um nível adequado de conhecimentos.

Figura 3 - Resultado da prova de Matemática do Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (PAEBES) de 2018.



Fonte: <https://conteudo.focobrasil.com.br/jpp/relatorio/32020333-135531.pdf>

Por causa destes resultados, é visível que as intervenções pedagógicas precisam ser implementadas. É sabido que quatro aulas de Língua Portuguesa e cinco de Matemática, semanalmente, são insuficientes para que o professor consiga sanar as defasagens que os alunos trazem consigo. Também temos ciência de que estamos longe de um ideal pleiteado por todos: ter em nossas escolas um professor auxiliar para apoiar o professor regente, com o propósito de trabalhar por meio de reforço com

os alunos que não estão em um nível adequado de conhecimento, para o ano em que estão matriculados.

Assim, temos como problema desta pesquisa: Quais são os desafios e as contribuições do pedagogo diante das dificuldades de aprendizagem dos alunos nas turmas de sexto ano?

O objetivo geral desta pesquisa é investigar os desafios e as contribuições do pedagogo para lidar com as dificuldades de aprendizagem dos alunos das turmas de sexto ano. Entre os objetivos específicos, destacamos os seguintes: verificar como se aplicam as intervenções pedagógicas na aprendizagem dos alunos das turmas do sexto ano; subsidiar a implementação de ações como as reuniões pedagógicas com os pais, os projetos de monitoria, as conversas individuais envolvendo os alunos das turmas de sexto ano matriculados nos turnos matutino e vespertino; produzir uma cartilha de orientações pedagógicas, disponibilizando-a no meio virtual, com a viabilidade das ações que serão executadas.

O trabalho é composto por quatro capítulos. O primeiro traz introdução, justificativa e objetivos. O segundo é composto pelo Referencial Teórico, cujo texto apresenta os principais desafios e perspectivas do trabalho do pedagogo; também situamos a importância do planejamento no contexto escolar e a condução que deve ser dada pelo pedagogo; esse capítulo traz ainda uma análise acerca do comportamento dos discentes de sexto ano do Ensino Fundamental, reiterando algumas justificativas para a escolha por estas turmas e formas de intervenção do pedagogo nas dificuldades de aprendizagem dos alunos matriculados nesse nível de ensino.

O terceiro capítulo é composto pela metodologia, põe em contextualização, para o leitor, o local onde a pesquisa foi realizada e o bairro em que a escola está localizada, mostra quem são seus sujeitos participantes e apresenta as intervenções pedagógicas realizadas no decorrer desta pesquisa pelas pedagogas, também sujeitos deste trabalho.

Finalmente, no capítulo quarto, fazem-se a apresentação e a análise dos resultados, com trechos das entrevistas de funcionários da Escola que lidam diretamente com as turmas envolvidas na pesquisa, com os pais, com os professores e pedagogas, além dos depoimentos de alunos a partir da intervenção pedagógica. Em seguida fazemos as considerações finais. Os questionários aplicados aos sujeitos

compõem o apêndice A e o produto final desta pesquisa - uma Cartilha Pedagógica - constitui o apêndice B.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DO TRABALHO DO PEDAGOGO

O curso de Pedagogia foi instituído nos espaços da Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, através do Decreto-lei nº 1190, de 4 de abril de 1939, que buscou formar bacharéis para várias áreas de atuação, incluindo o setor pedagógico.

A habilitação para o bacharelado tinha a duração de três anos, “após os quais, adicionando-se um ano de curso de didática, formar-se-iam os licenciados, num esquema que passou a ser conhecido como 3 + 1” (SILVA, 2003, p. 12).

Para entendermos os caminhos percorridos pela pedagogia, analisemos:

A primeira regulamentação do curso de Pedagogia no Brasil, em 1939, prevê a formação do bacharel em Pedagogia, conhecido como “técnico em educação”. A legislação posterior, em atendimento à Lei 4.024/61 (LDB), mantém o curso de bacharelado para formação do pedagogo (Parecer CFE 251/62) e regulamenta as licenciaturas (Parecer CFE 292/62). O parecer CFE 252/69 – a última regulamentação existente – abole a distinção entre bacharelado e licenciatura, mas mantém a formação de especialistas nas várias habilitações, no mesmo espírito do Parecer CFE 251/62. Com suporte na idéia de “formar o especialista no professor”, a legislação em vigor estabelece que o formado no curso de Pedagogia recebe o título de licenciado (LIBÂNEO, 2007, p. 46).

Na década de 60, houve mais uma tentativa de especificar as funções do pedagogo; seria ele, agora, um especialista em educação, cujo papel era planejar, orientar, supervisionar e administrar o espaço da escola, enquanto a formação de professores cabia a escolas normais, conhecidas posteriormente como “magistério de nível médio”. Em 1969, propõe-se a união entre bacharelado e licenciatura, no entanto, o objetivo final do curso ainda era a formação do especialista em educação.

Na atualidade, segundo a Resolução CNE/CP n. I, de 15/05/2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia (DCN Pedagogia), a docência consiste na base da identidade profissional do pedagogo. Respeitada a base docente, a implementação destas diretrizes vem induzindo uma identidade múltipla e complexa ao pedagogo, na qual se articula o ser Professor, o ser pesquisador e o ser gestor (BRZEZINSKI, 2011, p. 123).

Nessa direção, permaneceram a indefinição e a imprecisão sobre a demanda da atuação do pedagogo no mercado de trabalho. Segundo Saviani (2012), no período em que o Curso de Pedagogia é implementado no ano de 1939, até 1961, quando é publicada a Lei de Diretrizes e Bases, a luta da classe foi pela identidade e

profissionalização do pedagogo, permanecendo o curso com a mesma estrutura desde a sua instituição, conhecido como 3+1, isto é, três anos de bacharelado mais um ano de licenciatura.

Brzezinski (2012, p. 45) corrobora este pensamento, ao dizer que “[o] bacharel em Pedagogia se formava técnico em educação, cuja função no mercado de trabalho nunca foi precisamente definida. A falta de identidade do curso de Pedagogia refletia-se no exercício profissional do pedagogo”.

Nesta hipótese, faz necessário que o pedagogo enfrente os vários desafios no cotidiano escolar, começando pela definição e afirmação do papel que desempenha em todo o contexto a que esta função se vincula. Franco argumenta que:

“a concepção amplamente difundida entre pesquisadores brasileiros de que a docência é a base indenitária da Pedagogia, fazendo-nos crer que seja a prática da docência que será o fundamento da ciência pedagógica”. No entanto, considero que seja o contrário, ou seja, é a ciência pedagógica que deve fundamentar a prática Docente. (2008, p. 130).

A Pedagogia, segundo Aranha (2006), passou por mudanças profundas até os dias atuais. Por isso, as universidades devem ser pensadas como um espaço de formação bem além de preparação do jovem para pesquisa ou para a busca de empregos com mais qualificação, visto que o próprio sentido da palavra pedagogo se expandiu. Assim, esse profissional, como na Grécia Antiga, é aquele que na escola pode e deve ser o condutor de crianças. Aranha (2006, p. 67) afirma que “a palavra *paidagogos* nomeava inicialmente o escravo que conduzia a criança, com o tempo o sentido do conceito ampliou-se para designar toda teoria sobre a educação [...]”.

Nesta direção, o passar dos anos serviu para situar o curso de Pedagogia como algo imprescindível na formação e emancipação humana; um curso que vá mais além das didáticas, seja como ciência da educação, e que reconheça na função do pedagogo uma atuação mais ampla.

“[...] Verificamos que a história da Pedagogia brasileira é permeada de avanços e retrocessos, o que acaba por refletir na formação de professores até no presente momento. Entretanto, há de se considerar a valiosa contribuição dos movimentos sociais e de entidades parceiras que muito vêm colaborando para a consolidação do curso de Pedagogia no Brasil e o delineamento do perfil do pedagogo, tal qual se apresenta atualmente”. (ZUCHINI, 2016, p. 39).

Neste caso, a entidade mencionada é a Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação (Anfope). Segundo Zuchini (2016), trata-se de uma

instituição de caráter acadêmico-científica que produz trabalhos voltados para o fortalecimento de políticas públicas para a formação dos profissionais da educação, entre eles, o pedagogo.

Segundo Franco (2012 p. 30), uma das dissonâncias do curso de pedagogia:

Os cursos de formação de pedagogos, a partir da legislação atual e por força desta, são obrigados a considerar que o pedagogo é o professor, ou de educação infantil ou de séries iniciais do ensino fundamental. Os estudiosos da ciência Pedagogia sabem que a similaridade professor-pedagogo não é correta. De modo geral, pode-se dizer que, ao professor, a tarefa primordial será a de discutir/refletir e organizar as condições para que o ensino possa realizar-se de maneira adequada, com alunos aprendendo, buscando o conhecimento, e com professores felizes e saudáveis.

Um dos motivos preocupantes em relação à função de pedagogo de forma geral, e ainda um dos seus maiores desafios, diz respeito ao conflito de identidade, haja vista que o próprio profissional, muitas vezes, tem uma visão equivocada de quais são suas atribuições.

É aconselhável que ele tenha bastante clareza da sua função para não se acomodar em “apagar incêndios”, pois muitas vezes acaba não exercendo sua principal atividade, que consiste em apoiar o professor na melhoria do processo ensino-aprendizagem. Segundo Mariani (2015), devido a essa falta de apoio, aparecem fatores como frustração e desmotivação ao pedagogo. Para essa autora, há uma modificação na maneira como a sociedade passou a tratar o pedagogo, parecendo não existir mais um acolhimento a este profissional.

O Regimento Comum das Escolas da Rede Estadual de Ensino do Estado do Espírito Santo traz, em seu artigo 52, as atribuições do pedagogo:

- I - participar, juntamente com o setor pedagógico, na elaboração, coordenação, execução e avaliação da proposta pedagógica;
- II - participar na elaboração do planejamento curricular, garantindo que a realidade do educando seja o ponto de partida para o seu redirecionamento;
- III - promover momento de estudo, reflexão e um constante repensar da prática pedagógica, proporcionando a análise de situação concreta;
- IV - atender ao educando, individualmente e em grupo, utilizando e diversificando técnicas que permitam diagnosticar, prevenir e acompanhar as situações que resultem no baixo rendimento na unidade de ensino;
- V - coordenar e acompanhar, juntamente com o corpo docente, o processo de classificação e reclassificação do educando;
- VI - encaminhar ações pedagógicas, a partir do interesse e necessidade do corpo docente e discente, acompanhando sistematicamente o processo ensino-aprendizagem;
- VII - zelar pelo aperfeiçoamento constante do corpo docente, além de engajar-se nas atividades extraclasses de cunho pedagógico;
- VIII - assessorar o trabalho do professor na observação, registro e sistematização de informes sobre o educando;

- IX - coordenar o planejamento curricular do corpo docente, de forma individualizada e coletiva;
- X - promover momentos de integração e socialização com servidores administrativos, visando ao envolvimento de todos na proposta pedagógica da unidade de ensino;
- XI - manter a direção da unidade de ensino informada sobre as atividades desenvolvidas pela gestão pedagógica;
- XII - diagnosticar, junto ao corpo docente, dificuldade de aprendizagem do educando, sugerindo medidas que contribuam para a superação da mesma;
- XIII - planejar, participar e avaliar as reuniões do conselho de classe, orientando os participantes em relação aos educandos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou problemas específicos;
- XIV - orientar e acompanhar os registros no diário de classe, bem como proceder à análise de histórico escolar e de transferência recebida;
- XV - colaborar com o coordenador escolar na elaboração do horário de aula, do mapa de carga horária e na organização da unidade de ensino;
- XVI - acompanhar a execução dos planos de ensino e dos instrumentos de avaliação e de recuperação paralela e final;
- XVII - participar, juntamente com o corpo docente, da seleção dos livros didáticos a serem adotados;
- XVIII - estimular o aperfeiçoamento sistemático do corpo docente, por meio de cursos, seminários, encontros e outros mecanismos adequados;
- XIX - organizar e manter atualizados os dados referentes ao processo ensino-aprendizagem para acompanhamento da vida escolar do educando;
- XX - participar, quando convocado pela direção, das reuniões realizadas na unidade de ensino;
- XXI - coordenar e acompanhar as ações de implantação de curso técnico de educação profissional;
- XXII - disseminar práticas inovadoras, visando ao aprofundamento teórico e garantindo o uso adequado dos espaços de aprendizagem e dos recursos tecnológicos disponíveis na unidade de ensino;
- XXIII - outras atribuições que lhe forem conferidas. (ESPÍRITO SANTO/SEDU, 2010, p. 24 e 25).

Entendemos que um dos caminhos para uma educação de qualidade deve ser a valorização dos profissionais; para isso, é necessário que o discurso deixe de ser somente em palavras e torne-se eminentemente real, pois os pedagogos que desempenham com responsabilidade sua função tornam-se de fato “profissionais de referência” na escola.

Não são poucas as vezes em que o pedagogo é requisitado para ajudar na resolução de problemas. Estas situações, entretanto, devem ser filtradas por ele, para que as questões indisciplinadas, por exemplo, não acabem se sobrepondo às demais atribuições pedagógicas.

Sintetizando a atuação do pedagogo, Franco (2012, p. 31) afirma que todo professor deveria ser pedagogo no sentido extenso do termo, organizando a sua prática de acordo com conhecimentos pedagógicos. No entanto, segundo a autora, nem todo pedagogo tem que necessariamente ser professor. “Essa é uma questão muito complexa; mas tenho a convicção de que, sem os pedagogos na escola, esta fica sem condições de organizar o espaço pedagógico escolar”.

A rotina da escola é algo bem dinâmico e ocorre em ritmo frenético em todos os aspectos: pedagógico, administrativo, rotatividade de pessoas, enfim, não existe uma diminuição do fluxo de demandas no dia a dia. Pelo contrário, do início ao final do ano letivo, há prazos que devem ser cumpridos, projetos que precisam ser desenvolvidos, cronogramas de provas e trabalhos, reuniões diversas a serem organizadas, professores que necessitam ser acompanhados, questões peculiares aos alunos que também exigem atenção e disponibilidade, sem falar de várias outras ações.

O diretor, apesar de responder oficialmente, não está no estabelecimento todos os dias, em decorrência de sua agenda de reuniões externas. Assim, tem-se no pedagogo o profissional que representa o principal gestor e tem sido assim, na maioria das vezes, o indicado para resolver as muitas demandas e/ou lhes dar encaminhamento.

Por este e por outros motivos, o pedagogo precisa estar bem ciente da função que desempenha. Se observada a Constituição Federal (1988), segundo a qual a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família [...]”, que, em seu Art. 205, estabelece como princípio: “I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, percebe-se que a permanência do aluno na escola também cabe ao pedagogo. O desânimo do aluno e, conseqüentemente, a sua desistência pode ser ocasionada pela ausência de aulas bem planejadas de forma que se tornem significativas e atraentes ao discente. Assim, cabe ao pedagogo mais esta responsabilidade, e por que não dizer, este desafio.

O pedagogo tem a possibilidade de implementar através da função por ele desempenhada, o caráter humanizador da educação, sua responsabilidade transcende a busca pela permanência do aluno, e vai ao encontro também do acesso, já que o pedagogo desempenha a função de gestor da escola.

Mesmo com todos os avanços oriundos da democratização do ensino, é sabido que a escola está longe de atingir seu ideal: de pleno ensino e aprendizagem. Para Comênio (1992, p. 33):

[...] temos a audácia de prometer uma Grande Didática; quero dizer, um tratado complexo da arte de ensinar tudo a todos. E de ensinar de tal modo, que o resultado seja infalível. E de ensinar depressa, isto é, sem nenhum problema e sem nenhuma dificuldade para os alunos e para os mestres, mas, antes, com um extremo prazer para ambos [...]

Portanto, um outro grande desafio do pedagogo é buscar estabelecer um ambiente em que os professores consigam desenvolver suas atividades, primando para que a aprendizagem ocorra de forma prazerosa. Sabe-se que não é algo fácil, comum e simples em meio a tantas tarefas que já cabem a este profissional. No entanto, acredita-se que o que acaba de ser mencionado não pode ser visto como um desafio inatingível, visto que muitas experiências ocorridas no interior da escola comprovam o quanto a satisfação possibilita a melhor fruição do aprender, bem como de tudo na vida que é feito com prazer.

Paín (2000) fala da importância que tem o prazer para a aprendizagem. Para ela, é importante que o prazer em aprender tenha o sentido de prazer olímpico, aquele em que se ganha de algo, neste caso, do problema, dos desafios diante das dificuldades em aprender. Este deve ser o objetivo da escola, que é conseguir proporcionar à criança o prazer em aprender.

Para tanto, o pedagogo deve subsidiar o professor com informações e reflexões que o levem a conscientizar-se da importância do ensinar com práticas prazerosas. Talvez seja este o caminho para buscar uma organização na educação brasileira.

[...] pode-se perceber, aqui no Brasil, um grande mal-estar em relação à Pedagogia e a seus discursos. Um fato faz-se presente aos olhos de qualquer um: a escola não está conseguindo produzir as aprendizagens previstas; os professores têm dificuldade para ensinar; os legisladores não sabem o que solicitar; os currículos ainda não definiram o que ensinar; a sociedade titubeia em relação ao *para que* estudar! (FRANCO, 2012, p. 39)

Essa desorganização e a crise de sentido na educação afetam sem dúvidas o aluno e, conseqüentemente, todo o processo ensino-aprendizagem. Mariani (2015, p. 46) coaduna-se com este pensamento quando diz que a relação professor-aluno se encontra desgastada devido a esta confusão que se estabeleceu na educação brasileira onde muitas vezes nem mesmo os professores sabem com clareza o seu papel, o que torna a educação sem perspectivas para eles.

Os alunos não sabem por que estudar, há falta de significação do que é estudar, há evasão, reprovação, indisciplina das mais diferentes formas que acabam por transformar a relação professor-aluno ainda mais conflitante e difícil de ser trabalhada. Os professores não sabem por que ensinar, o que é mais grave, estão sem perspectivas, que dirá pensar a educação quanto aos seus fins, aos seus meios e as articulações entre estes.

Em meio às tarefas que realiza, o pedagogo também lida com outros entraves. Alguns professores têm extrema dificuldade para cumprir os prazos e as solicitações

feitas por ele; os docentes não entendem que o pedagogo não trabalha sozinho e, reiteradamente, para finalizar algo, como por exemplo, relatórios e análise de diários, necessita que o professor tenha feito a parte que lhe foi designada. Com isso, há o atraso, ou a não realização de algum trabalho ao qual, para o pedagogo, foi estabelecido um prazo para a conclusão.

Só haverá perda de tempo em se parar a engrenagem quando todas as atenções e tempo estiverem voltados para o que há de mais precioso na escola, que é o processo ensino-aprendizagem, não aquele meramente transmissor de conhecimentos, mas o processo pautado no diálogo e na valorização da cultura do aluno, em que o sujeito vai paulatinamente adquirindo capacidade para ouvir, falar e argumentar.

É a atenção a esse foco do diálogo, de perceber e realçar a presença do outro dotado de sentimentos, afetos e emoções que todos os sujeitos integrantes da escola – incluindo o pedagogo – devem almejar.

Dessa forma somos levados a repensar nossa postura frente ao outro, especialmente nas ações pedagógicas e processos formativos de professores. O reconhecimento do outro exige a capacidade de buscar o encontro com o outro, de querer escutá-lo e, com isso, compreendê-lo. Nesse sentido, a ação pedagógica pode ser compreendida como um movimento aberto que constrói uma dinâmica interna própria, afastada de um fazer mecânico e sem sentido, indiferente às necessidades do outro (MARIANI, 2015, p. 49).

2.2 A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DO PEDAGOGO NA CONDUÇÃO DO PLANEJAMENTO NO CONTEXTO ESCOLAR

É válido considerar a importância do planejamento para qualquer circunstância da vida, seja pessoal ou profissional. Para Luckesi (2003), o planejamento primeiramente “implica o estabelecimento de metas, ações e recursos necessários à produção de resultados que sejam satisfatórios à vida pessoal e social, ou seja, a consecução dos nossos desejos”.

É sabido que a definição de um objetivo claro aumenta as possibilidades de obtenção de resultados positivos, seja qual for a meta estabelecida.

Dalmas (2008, p. 23) traz uma importante definição sobre o planejamento em geral. Para ele, o ser humano vive planejando, por isso o planejamento é inerente à

vida do homem. E quando se planeja, buscam-se fins e conseqüentemente meios para se alcançar. Isto não deixa de ser planejamento.

O pedagogo é o profissional que, no cotidiano escolar, deve proporcionar momentos aos professores para que possam refletir acerca da sua prática e, concomitantemente, pensar em ações didáticas que tornem a aprendizagem dos estudantes mais efetiva. Quando escrevemos a palavra “refletir”, estamos usando-a com o sentido de analisar o próprio desempenho, isto é, estar disposto a uma autoavaliação, para que, a partir dela, dependendo dos resultados, possa ser dada seqüência ao que foi ou ao que está sendo desenvolvido ou a fazer alterações e mudanças de acordo com a necessidade. Ou seja, pensar-se, em outros meios para alcançar o objetivo, cujo anseio é sempre a aprendizagem do aluno.

Segundo Saviani (apud FUSARI, 1990):

A palavra reflexão vem do verbo latino 'reflectire' que significa 'voltar atrás'. É, pois um (re) pensar, ou seja, um pensamento em segundo grau. (...) Refletir é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado. E é isto o filosofar.

Franco (2012, p. 32) salienta que a ausência de um espaço de reflexão e crítica, marca definitiva do espaço pedagógico, compromete as relações democráticas na escola, impedindo o exercício crítico da educabilidade. Na fala da autora, “talvez essa ausência explique, em parte, por que nossas escolas têm tido tanta dificuldade em cumprir sua função social de educar e ensinar”.

No início do ano letivo, os professores são orientados a elaborar o plano de ensino, documento que norteará, nesse período, o trabalho docente no desenvolvimento das atividades, pois trará todas as competências e habilidades alinhadas aos conteúdos a serem desenvolvidos. No entanto, é importante destacar aqui que o plano de ensino por si só não encerra o leque de saberes do professor acerca do que deve ser transmitido na rotina de ensino.

Pode-se afirmar que não é possível haver aprendizagem sem que sejam feitas reflexões constantes por parte dos professores e de toda a equipe escolar. Assim, segundo Gomez (2001), é preciso pensar o professor como um profissional que reflete criticamente sobre a prática cotidiana a fim de compreender as características específicas dos processos que ali decorrem, bem como sobre o contexto em que o ensino tem lugar para que possa, assim, facilitar o desenvolvimento autônomo e emancipador dos participantes no processo educativo.

Por meio do pensar e repensar diariamente a prática docente é que podem surgir os processos de significação que visam ampliar a compreensão e a atuação do ato complexo da docência.

A escola é composta por um aglomerado de sujeitos que formam vários grupos de acordo com funções e interesses: alunos, professores e demais funcionários da instituição. No que se refere ao grupo formado pelos professores, seria até natural pensar que essa reflexão do ato de ensinar ocorre não somente de forma individual, mas também coletiva, visando à troca de informações, de práticas e de ideias que possam ser compartilhadas.

No entanto, muitas vezes, o que se observa em relação a alguns docentes é a recusa em analisar de maneira conjunta as várias situações existentes na escola e fazê-lo de maneira global. Há uma preferência em manter as atenções voltadas somente para as próprias turmas, principalmente no que diz respeito aos planejamentos. Nessa contextualização, é válido lembrar os estudos de Franco (2012, p. 24) que diz, “Constatai que os docentes procuram blindar-se contra essas armadilhas do contexto escolar, calam-se e distanciam-se, evitando dialogar com as circunstâncias de seu espaço de trabalho”.

Neste sentido, Perrenoud (1994 p.33) salienta que [...] “os professores demonstram muita resistência em falar de suas práticas aos colegas. É preciso que haja relações de confiança que pressuponham ligações de amizade ou a sensação de fazer parte integrante de uma equipe pedagógica”.

Planejar de forma individual ainda é uma cultura existente na escola e não podemos deixar de reconhecer que também há necessidade desta forma de planejamento; contudo, por mais difícil que seja reunir o grupo de professores, mesmo que em áreas de planejamento, é nas reuniões coletivas que a maioria das decisões de caráter mais abrangente da escola deve ser analisada, pois ao mesmo tempo em que se fortalece a gestão democrática, ocorre a riqueza da troca e do compartilhamento de ideias e práticas. Por este motivo é que o pedagogo não pode deixar que elas não aconteçam, precisando, ainda, dar-lhes o devido direcionamento.

Nesta direção, Franco (2012, p. 33) argumenta:

Se não houver a direção de sentido, estabelecida pelo coletivo e significada pela Pedagogia, quem vai educar a criança? O acaso? Ou a influência mais forte? De alguma forma, é o que temos visto nas escolas: sem direção de sentido; os professores soltos, isolados, perdidos. Se há uma situação em que “uma andorinha não faz verão”, é na escola. O coletivo é o motor da

educação, e quem pode coletivizar a ação e dar-lhe direção de sentido, é a Pedagogia.

O planejamento coletivo favorece o crescimento profissional, o respeito à diversidade, o ajustamento às mudanças, o exercício da autodisciplina e da democracia. Mas em se tratando de planejamento, surgem indagações como: planejar por quê? Planejar o quê? Vasco Moretto nos traz uma resposta:

A questão porque planejar parece ter resposta óbvia; planeja-se porque “não há ventos favoráveis para quem não sabe para onde navega”. Na prática, no entanto a questão do planejamento no contexto escolar não parece ter a importância que deveria ter. Há quem pense que tudo já está planejado nos livros-texto ou nos materiais adotados como apoio ao professor. Há, ainda, quem pense que sua experiência como professora seja suficiente para ministrar suas aulas com eficiência (MORETTO, Vasco, 2007, p. 100).

No planejamento coletivo, é possível analisar bem como discutir a situação peculiar dos alunos, seus modos e tempos de aprendizagem, facilidades ou dificuldades de aprender e até mesmo o contexto em que estão inseridos. Segundo Aranha (2003), o currículo deverá ser pautado na ideia da diferença, isto é, não é o aluno que se ajusta, que deve adequar-se às condições de ensino; mas, de forma contrária, é a escola que deve incumbir-se de fazer as mudanças necessárias que possibilitem o desenvolvimento acadêmico de todos os alunos, considerando inclusive as características individuais de desenvolvimento e de aprendizagem.

Outro momento importante que ocorre periodicamente nas escolas é o Conselho de Classe. Seria adequado defini-lo como uma reunião avaliativa, em que todos os envolvidos no processo fazem uma reflexão acerca da aprendizagem dos alunos, o desempenho dos docentes, os resultados das estratégias de ensino utilizadas, a adequação da organização curricular e outros aspectos referentes a esse processo, a fim de avaliá-lo coletivamente, observando-se diversos pontos de vistas.

Segundo Libâneo (2004, p. 303), o Conselho de Classe é o local onde é possível analisar não somente o aluno e as turmas de maneira geral, mas também o rendimento do professor a partir dos resultados alcançados. Daí a importância de, no Conselho de Classe, valorizar a articulação de ideias relacionadas à prática dos docentes, as relações da comunidade escolar, além de estabelecer incentivos às ações voltadas para a melhoria dos resultados como um todo.

Nas palavras de Hoffmann, o Conselho de Classe deve servir de elemento norteador para o trabalho educativo: "À medida que se concebe a avaliação como um compromisso de futuro, o olhar para trás deixa de ser explicativo ou comprobatório e

transforma-se em ponto de partida para a ação pedagógica" (HOFFMANN, 2002, p. 28).

Ainda sobre o Conselho de Classe, é importante destacar que este tipo de reunião tem passado por reformulações no decorrer dos anos. Há algumas décadas, ele servia “apenas” para identificar os alunos que tinham ficado abaixo das médias estipuladas pelas secretarias de Educação, circunstância em que os professores “cantavam” as notas. Atualmente, trata-se de não apenas de um momento para analisar o desempenho de todos os participantes do processo educativo, em especial alunos e professores, mas também da escola em seu conjunto.

Visando implementar a cada dia uma gestão democrática e pautada na busca pelo desenvolvimento do protagonismo juvenil, a referida reunião conta também com a participação das lideranças dos alunos, os quais têm, neste momento, a oportunidade de expressar as suas percepções acerca das suas turmas e ainda pensar, com a equipe ali reunida, ações que possam resultar em melhoria das turmas das quais são os representantes.

Desta forma, a importância do pedagogo no Conselho de Classe inicia-se muito antes do momento em que ocorre a reunião. O papel deste profissional no início de cada trimestre é imprescindível na medida em que ele é o principal articulador das ações que conectam os professores, as aulas e a aprendizagem em uma só direção. Pois todos os resultados – isso inclui alunos e professores – vão culminar no Conselho de Classe. É por isso que reafirmamos e comemoramos a forma como esta reunião evoluiu ao longo dos anos quando deixa de ser um momento de punição e passa a ser uma reunião formativa com ênfase na análise de toda a equipe daquilo que deu certo e do que poderia vir a ser um replanejamento de rotas.

2.3 BREVE ANÁLISE ACERCA DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Quando os alunos iniciam o ano letivo, matriculados no sexto ano do Ensino Fundamental II, já trazem consigo diversos hábitos e valores. Esse conjunto de saberes e comportamentos, ou grande parte deles, foi adquirido na vivência acadêmica, muitos vivenciados e assimilados na vida escolar até o quinto ano; no entanto, quando iniciam essa nova fase escolar, deparam com realidades diferentes.

Domingues (1985) realizou uma pesquisa importante na década de 1980 e constatou que a perspectiva gerada para o 6º ano, antiga 5ª série, é um condicionante

importante no desempenho de alunos e professores. Segundo a autora, o que é solicitado pela escola nos anos finais do Ensino Fundamental, antigo 1º grau, é bem diferente do que vinha sendo realizado nos anos iniciais (antigo primário) do Ensino Fundamental.

Uma característica dos alunos de sextos anos que a escola deve levar em consideração é a parte comportamental e as relações interpessoais, pois a forma como a adaptação será trabalhada pelos professores poderá impactar nesta nova etapa da vida escolar. Freire (2011, p. 138) fala sobre o valor da afetividade.

[...] afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (FREIRE, 2011, p. 138).

A escola como um todo deve programar-se para a adaptação destes alunos que estão passando por mudanças também biológicas, afinal o aluno de sexto ano possui em média 11 ou 12 anos, faixa etária que é o marco inicial da adolescência.

Uma dessas mudanças diz respeito à rotina e aos procedimentos com os quais, até então, os discentes estavam acostumados. Aumenta o número de disciplinas e conseqüentemente de professores. Os horários também terão uma mudança significativa assim como as metodologias, formas de avaliação e trabalhos.

Em escolas em que os alunos cursam o quinto ano em determinada instituição e iniciam o Fundamental II em outra, como é o caso dos alunos que chegam à EEEFM Ermentina Leal, *lócus* desta pesquisa, as dificuldades de adaptação podem ser ainda maiores, pois além da mudança de estrutura física, existe também uma nova realidade relacionada aos conteúdos que nem sempre estão alinhados com as sequências trabalhadas nas escolas onde os alunos estudaram até o quinto ano, já que se trata de outra realidade com outros agentes envolvidos no processo de planejamento.

Neste sentido, é muito comum ouvir dos professores de turmas iniciais de Fundamental II que os alunos vieram “sem base” ou com o aprendizado deficiente, o que por si só explica por que a aplicação da avaliação diagnóstica é tão importante, afinal, esse instrumento vai auxiliar o professor a identificar habilidades e competências com fragilidades, norteando o docente sobre o que deve ser priorizado.

Mas só a avaliação diagnóstica não basta; o estabelecimento de parcerias, entre a escola que irá receber os alunos dos sextos anos e aquela onde no quinto ano estão matriculados, pode favorecer a nova adaptação dos alunos, para que ações já

sejam colocadas em prática ainda no final do quinto ano. Como exemplo, podemos citar uma visita destes estudantes na escola que irá recebê-los no sexto ano, para apresentar o perfil, normas e regras dessa instituição.

Outra questão relacionada aos alunos dos sextos anos que deve ser levada em consideração diz respeito à imaturidade em seu comportamento. Até o quinto ano, como ainda eram tratados como crianças, muitos chegam ao sexto ano com atitudes infantis em virtude do próprio contexto escolar e, às vezes, do familiar, observando-se também que esse perfil comportamental está interligado ao aspecto biológico que se encontra em transição. De acordo com Bock, (2002, p. 101):

Para Piaget, o desenvolvimento humano é dividido em períodos de acordo com o aparecimento de novas qualidades do pensamento que por sua vez, interfere no desenvolvimento global. São eles: 1º Sensório-motor (0 a 2 anos), 2º Pré-operatório (2 a 7 anos), 3º Operações concretas (7 a 12 anos), 4º Operações formais (12 anos em diante). Cada período é caracterizado por aquilo que de melhor o indivíduo consegue fazer nessas faixas etárias. Todos passam por todas essas fases ou períodos, nessa sequência, porém o início e o término de cada uma delas dependem das características biológicas do indivíduo e de fatores educacionais sociais.

As mudanças físicas são presença marcante na fase em que o indivíduo entra na adolescência. Mudam os interesses pelos amigos, as preocupações com a aparência se destacam e há toda a confusão de sentimentos que acabam contribuindo para que o aluno se dedique menos aos estudos ou não consiga administrar sozinho esse emaranhado de situações.

A interação proveniente das relações que se estabelecem na escola fará toda a diferença, pois é por meio do contato, da troca de experiências e do diálogo, somados aos aspectos biológicos, que as aprendizagens ocorrem, como afirma Vygotsky, para quem "o comportamento do homem é formado por peculiaridades e condições biológicas e sociais do seu crescimento" (2001, p. 63). Nesta direção, Oliveira, (2009, p. 63) destaca o papel social no desenvolvimento, a partir da concepção de Vygotsky referente à zona de desenvolvimento proximal:

A zona de desenvolvimento proximal estabelece forte ligação entre o processo de desenvolvimento e a relação do indivíduo com seu ambiente sociocultural e com sua situação de organismo que não se desenvolve plenamente sem o suporte de outros indivíduos de sua espécie. É na zona de desenvolvimento proximal que a interferência de outros indivíduos é a mais transformadora.

Quando os filhos chegam à adolescência, é muito comum que os pais deixem de olhar as suas agendas e questioná-los sobre o dia na escola. Essa espécie de falta

de vigília pode soar como oportunidade para desencadear descaso com os estudos. O acompanhamento da família, assim como o da equipe pedagógica, sempre terão importância e significado para que os alunos dos sextos anos tenham êxito ou não em sua vida acadêmica. Para Reis (2007, p. 6), é importante que os pais se familiarizem com a escola, pois a aproximação pode resultar em ganhos na qualidade da educação, uma vez que a família e a escola são instituições fundamentais no mundo moderno.

Dessa forma, a vida escolar do aluno do sexto ano é marcada por mudanças significativas que se não forem devidamente acompanhadas, poderão contribuir para que a repetência, nesta etapa escolar, seja uma das mais presentes, conforme revelam as pesquisas. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), entre 2014 e 2015, a repetência no 6º ano do Ensino Fundamental, obteve taxas de 14,4%. É extremamente importante nesse momento o olhar direcionado da equipe pedagógica. Os professores dos sextos anos precisam ser orientados e auxiliados em diversos aspectos que tendem a propiciar a melhor adaptação e a própria vivência dos novos alunos no cotidiano escolar. Nesta direção, a elaboração de um significativo plano de ação pode ser de grande valia. Neste documento, o pedagogo deve orientar os professores sobre a necessidade do acolhimento para essas turmas, bem como acerca dos ritmos de aprendizagens e metodologias que podem ser trabalhadas de forma interdisciplinar, evitando assim a fragmentação das disciplinas, proporcionando com isso que este momento de transição seja incorporado da forma mais natural possível pelos alunos.

No mundo das divisões do conhecimento, das especificidades que possibilitam e, frequentemente, proporcionam a perda da totalidade, busca-se, cada vez mais, a unidade, a interdisciplinaridade, não como forma de pensamento unidimensional, mas como uma apreensão crítica das diversas dimensões da mesma realidade (GASPARIN, 2005, p. 3).

A fim de evitar contribuir para o fracasso do aluno de sextos anos, a escola precisa considerar muitos dos diversos aspectos da vida extraescolar, mas que acabam refletindo no desenvolvimento da criança e nos resultados. Eis por que, mais uma vez, chamamos a atenção do papel do pedagogo para preparar não apenas o professor – que tem um papel acentuado como mediador do conhecimento – mas também todo o ambiente escolar, e minimizar os conflitos vivenciados com as mudanças neste período tão significativo na vida escolar dos alunos de sextos anos.

2.4 A INTERVENÇÃO DO PEDAGOGO NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DE SEXTOS ANOS

A escolha pelas turmas de sextos anos não foi aleatória, mas justifica-se, principalmente, pela relação de afinidade entre a autora desta pesquisa e os alunos nesta faixa etária. Acreditamos que a relação que se estabelece com o outro é marca determinante para o sucesso de muitas ideias surgidas no interior da escola. Concordamos com Freire (2004), quando afirma que o diálogo é uma exigência para o ser humano. É o encontro da reflexão e da ação dos homens que pode transformar e humanizar o mundo. Por isso, o diálogo não pode ser sinônimo de depósito ou uma simples troca de ideias.

No cotidiano escolar, percebemos que grande parte dos alunos do Ensino Fundamental possui uma afetividade que vai diminuindo e até desaparecendo em alguns estudantes quando chegam ao Ensino Médio. E ao mesmo tempo que demonstram carinho, deixam claro que precisam ser orientados em vários aspectos, incluindo o acadêmico, na medida em que alguns ainda são imaturos e às vezes não enxergam no estudo o valor e a importância que possui. Carecem que alguém esteja no dia a dia fazendo o papel de conduzir a vida escolar, e como uma boa parcela das famílias falha no acompanhamento aos filhos, é realmente a escola – mais precisamente o pedagogo – que faz este papel.

Aliado à afinidade que construímos com as turmas iniciantes do Fundamental II está o interesse que possuímos na questão dos índices de aprovação que poderiam estar bem melhores na Escola Ermentina Leal. Como já foi mencionado neste trabalho, causa-nos espanto que crianças nesta faixa etária estejam com resultados tão abaixo do esperado quando a maior preocupação delas deveria ser a escola. Então vemos nesta pesquisa a possibilidade de investigar meios e ações pelos quais o trabalho do pedagogo poderia ser valioso no sentido de orientar e nortear essas crianças e adolescentes.

O pedagogo deve ser o elo entre os alunos e os professores. Ao mesmo passo que orienta o professor acerca do trabalho pautado no perfil acadêmico dos sextos anos, atento às metodologias, tempos diferenciados de aprendizagem e tantas outras questões pertinentes, também deve ter seu olhar voltado para investidas que podem aguçar a curiosidade dos alunos dessa fase pela aprendizagem. Cordié (1996, p. 23)

diz que “[...] para que uma criança aprenda, é necessário que ela tenha o desejo de aprender... nada nem ninguém pode obrigar alguém a desejar”.

É pertinente destacar também o papel da escola, que é o de socializar o saber formal organizado, necessário para o desenvolvimento da pessoa, possibilitando ao sujeito, por meio do conhecimento, condições para viver e interagir em sociedade, como cidadão autônomo e consciente no mundo que o cerca.

A preocupação é evidenciada por Libâneo, quando propõe quatro objetivos para que ela [escola] de fato se consolide como instituição formadora.

Eu venho propondo quatro objetivos para a escola de hoje. [...] eles formam uma unidade [...]. O primeiro deles é o de preparar os alunos [...] para a vida numa sociedade tecno-científica-informacional. [...] Para isso, é preciso investir na formação geral, isto é, no domínio de instrumentos básicos da cultura e da ciência e das competências tecnológicas e habilidades técnicas requeridas pelos novos processos sociais e cognitivos. Na prática, refiro-me a conteúdos [...] que propiciem uma visão de conjunto das coisas, capacidade de tomar decisões, de fazer análises [...]. Em segundo lugar, proponho o objetivo de proporcionar meios de desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, ou seja, ajudar os alunos nas competências do pensar autônomo, crítico e criativo. Este é o ponto central do ensino atual, que deve ser considerado em estreita relação com os conteúdos, pois é pela via dos conteúdos que os alunos desenvolvem a capacidade de aprender [...]. O terceiro objetivo é a formação para a cidadania crítica e participativa. As escolas precisam criar espaços de participação dos alunos dentro e fora da sala de aula em que exercitem a cidadania crítica. [...] O quarto objetivo é a formação ética. É urgente que os diretores, coordenadores e professores entendam que a educação moral é uma necessidade premente da escola atual. Não estou pregando o moralismo [...] Estou falando de uma prática de gestão, de um projeto pedagógico [...] que programe o ensino do pensar sobre valores. [...] Em resumo, eu proponho investir na capacitação efetiva para empregos reais e na formação do sujeito político socialmente responsável (LIBÂNEO, 1998b, p. 4-5).

Neste sentido, para exemplificar e contextualizar, as aulas podem ser planejadas com o objetivo de desenvolver nos alunos o domínio de instrumentos básicos da cultura e da ciência e das competências tecnológicas. Uma aula em supermercados do bairro para comparação de preços pode ser realizada visando à formação para a cidadania crítica e participativa. Ajudar os alunos nas competências do pensar autônomo, crítico e criativo é necessário. Uma aula de campo, em pontos onde há concentração de lixo, pode ser de grande valia, pois pode levar os alunos a refletir sobre problemas relacionados ao meio ambiente.

Não podemos deixar de nos preocupar com a formação humana dos nossos alunos de sextos anos, por isso é importante trabalhar a educação moral por meio da ética, em que os valores, o respeito ao outro e a aceitação das diferenças sejam priorizados. Existem excelentes filmes de animação que podem ser utilizados. Os

recursos e fontes são inesgotáveis, basta a preocupação do professor em trabalhar conteúdos e temas que irão fazer a diferença para os alunos não só no aspecto cognitivo, mas na vida deles como um todo.

Ter noção da responsabilidade de se trabalhar no sistema educacional brasileiro é apenas o primeiro passo para avançar diante das dificuldades que se apresentam. Para o educador e historiador Leandro Karnal (2019), trabalhar com turmas de sextos anos passa pelo domínio da estabilidade emocional: “Para dar aula para um sexto ano, você precisa de uma extraordinária estabilidade pessoal. Se ela não existir, eles saberão”.

Assim como nas demais salas de aula, nas dos sextos anos, também é comum a presença de estudantes que, por diversos motivos, não conseguem chegar ao final dos trimestres e do ano letivo com resultados positivos que os promovam para o ano/série seguinte.

Por diversos motivos, algumas crianças e adolescentes matriculados nos sextos anos têm chegado a estas turmas sem a base necessária para a aprendizagem dos conteúdos. A impressão que se tem é a de que não viram o que está sendo trabalhado pelo professor e que este está falando uma língua desconhecida de seu público. Mesmo que surjam questionamentos de que tal conteúdo já deveria ser de conhecimento dos alunos, frequentemente, o professor precisa retomar o que já deveria fazer parte dos conhecimentos adquiridos nas séries anteriores.

Para explicar esta falta de base, pode ser que o professor do ano anterior não tenha mesmo trabalhado os conteúdos que estão sendo requisitados. Porém, a inferência que estamos fazendo está relacionada a uma causa bastante difundida entre os estudiosos da educação: a dificuldade de aprendizagem, expressão definida por García Sánchez (2004, p. 15-16) via conceito internacional:

[...], as dificuldades de aprendizagem se caracterizam por um funcionamento substancialmente abaixo do esperado, considerando a idade cronológica do sujeito e seu quociente intelectual, além de interferirem significativamente no rendimento acadêmico ou na vida cotidiana, exigindo um diagnóstico alternativo nos casos de déficits sensoriais. Assumem-se, portanto, um critério de discrepância entre aptidão e o rendimento e um critério de exclusão, além do baixo rendimento e da interferência na vida cotidiana. A conceitualização do Comitê Conjunto sobre Dificuldades de aprendizagem está na mesma linha, ao sugerir que as dificuldades de aprendizagem são algo heterogêneo, supõe problemas significativos na conquista das habilidades da leitura, de escrita e/ou matemática, que se acredita ser intrínsecas ao indivíduo, é possível encontrar superposição com outros problemas que não se devem a influências extrínsecas.

As dificuldades de aprendizagem fazem parte do contexto das escolas em geral e essa questão tem gerado debates na busca da resolução ou, ao menos, amenização do problema.

Neste ponto do nosso trabalho, é necessário destacar as diferenças concernentes aos problemas de aprendizado e de transtorno de aprendizado, já que as duas questões integram as dificuldades de aprendizagem. Copetti (2012, p. 23, grifo nosso) cita exemplos de problemas de aprendizado:

Uma criança com problemas no aprendizado pode não ter um transtorno de aprendizado. Por exemplo, uma criança que sempre foi bem nos estudos começa a apresentar, após a separação dos pais, sintomas depressivos [...] e seu rendimento escolar cai muito. Esta criança **não** possui um **transtorno de aprendizado**, pois sua queda no rendimento é situacional e secundária [...]. Uma criança pode ir mal nos estudos ao trocar de escola e não se adaptar ao novo ambiente, ou uma classe toda pode ter problemas na alfabetização por inexperiência da nova professora em alfabetizar.

Segundo o autor, estes são exemplos de problemas no aprendizado, e que, corrigidas as circunstâncias que levaram a isso, a criança retorna à capacidade plena de aprender. Diferente do transtorno do aprendizado:

Já um transtorno do aprendizado é uma doença, cujos critérios diagnosticados estão definidos no DSM-IV-TR, que é o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, 4ª edição revisada, da Associação Americana de Psiquiatria (COPETTI, 2012, p.23).

As dificuldades de aprendizagem não se resumem aos problemas e transtornos de aprendizado. Os motivos que podem ocasionar impedimento do aluno em aprender são outros. Trata-se de um universo bem mais abrangente.

Tendo por base que cada aluno é único, há que se considerar também que os modos e os tempos de aprendizagem são diferentes. Sendo assim, a forma como o sistema educacional está organizado não favorece o rendimento dos alunos. Por exemplo, com a quantidade de estudantes nas salas de aula atualmente, o professor não consegue oferecer atendimento individualizado, muitas vezes tão necessário aos alunos dos sextos anos, cujo tempo de aprendizagem ocorre de forma mais lenta que o dos demais.

Outro fator que também prejudica a aquisição de conhecimentos dos discentes com dificuldades de aprender são as metodologias usadas em sala de aula que geralmente são as mesmas utilizadas pelos professores. Ora, se a forma de aprendizagem é peculiar a cada sujeito, não deveriam as metodologias ser

diferenciadas? Ou seja, se parte da turma não aprende determinado conteúdo da forma como foi exposto, o professor deveria trazer o tema sobre nova abordagem. Sabemos que não é isso que ocorre na maioria das vezes. Como são muito comuns as salas heterogêneas, os professores devem estar atentos, observando, por exemplo, o que salienta Vygotsky (1996), para quem o educador deve ter metodologias de ensino diferenciadas para atender aos estudantes, visto que estes não detêm os mesmos conhecimentos nem aprendem da mesma forma e no mesmo espaço de tempo.

Neste sentido, Soares (2011) afirma que cada aluno tem o seu modo e tempo de aprender, sendo necessário que os professores façam readequações nas suas maneiras de trabalhar a fim de chegar ao objetivo precípua da educação, que é fazer com que os alunos aprendam.

Uma das principais justificativas para questões como estas ficarem sem solução é a “falta de tempo” dos professores. Além disso, alguns docentes encontram dificuldades em “sair da zona de conforto” por motivos como medo, insegurança, falta de preparo ou simplesmente comodismo. É necessário que os professores sejam encorajados a enfrentar mais este desafio.

O pedagogo deve ser um autêntico parceiro no que diz respeito à reflexão e à construção de novos caminhos em busca do objetivo principal, que é a concretização da aprendizagem. Para isso, este profissional não pode ser apenas espectador do processo. Ele deve “colocar a mão na massa”, isto é, envolver-se de maneira plena na prática cotidiana dos professores, pois é fazendo parte do contexto que ele poderá dar maior apoio e seguir dia a dia subsidiando e fortalecendo não somente o trabalho do professor, mas também a aprendizagem dos alunos.

Entende-se que, agindo assim, o pedagogo será mais um profissional acessível aos educandos em suas dificuldades, ou seja, o pedagogo torna-se para eles alguém próximo a quem podem recorrer e contar, tornando-se aliado do professor no sentido de conduzir as pessoas para a construção de projetos sociais comuns. Para Moraes (1986, p. 10), [...] só há ensino quando há companheirismo entre ensinante e ensinado, educador e educando, pois o que caracteriza o ensinar é a ultrapassagem da coexistência para a convivência.

A escola precisa ser um lugar onde a aprendizagem ocorra por meio também de colaboração; precisa ser um espaço em que o aluno do sexto ano, apesar da pouca idade, tenha voz e, mais que isto, seja visto como um sujeito ativo, como pessoa

dotada de sentimentos. E é nessa relação, em que o professor não está em um patamar acima do aluno, que o saber vai se (re) construindo cada vez mais. D'Ambrósio (2012) afirma que a dedicação, a preocupação e o amor têm valores inestimáveis no trabalho do professor, pois este profissional transmite aquilo que ninguém poderá tirar do ser humano, que é o conhecimento.

O acompanhamento da vida escolar dos filhos, por parte das famílias, abre a possibilidade de o aluno encontrar em seu lar o auxílio necessário para amenizar as suas dificuldades, uma vez que a família é considerada uma instituição com a responsabilidade de promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento das crianças na sociedade. Mas a falta desse acompanhamento pode ser um agravante para que as dificuldades de aprendizagem aumentem e perpetuem-se cada vez mais nessa criança.

Todavia, se a família coloca-a na escola, mas não a acompanha pode gerar na criança um sentimento de negligência e abandono em relação ao seu desenvolvimento. Por falta de um contato mais próximo e afetuoso, surgem as condutas caóticas e desordenadas, que se refletem em casa e quase sempre, também na escola em termo de indisciplina e de baixo rendimento escolar (MALDONADO,2002 Apud JARDIM, 2006, p.20).

Grande parte dos alunos dos sextos anos não possui maturidade suficiente para compreender a importância da escola. É necessário que sejam orientados diariamente em casa pelas suas famílias acerca disso. Neste sentido, o aluno que tem horários de estudo em casa, em que os pais ou uma pessoa adulta cumpra a função de acompanhamento da rotina de estudos e de execução das tarefas propostas pelos professores, terá muito mais chances de entender um determinado conteúdo que, na escola, não ficou claro o suficiente, diferentemente daqueles cujos pais não olham os cadernos e não estão lado a lado com a vida escolar do filho. Pode-se dizer que isso faz toda a diferença para amenizar ou aumentar possíveis dificuldades.

Os investimentos educacionais da família devem levar em conta os sinais dados pela escola sobre o rendimento dos filhos. O acompanhamento familiar dos estudos é uma necessidade, tanto para detectar o mais rapidamente possível as eventuais derrapagens para resolvê-las imediatamente, quanto para estimular o esforço dos próprios jovens. (SINGLY, 2007, p.57).

Mais uma vez reiteramos o papel do pedagogo, que é o de estar em contato e sintonia constante com as famílias dos educandos, não somente para apontar erros, mas também para estreitar a presença dos pais e tê-los como parceiros e corresponsáveis pelo sucesso dos filhos e conseqüentemente da escola. Nesta

direção, Mariani (2015) ressalta a importância dessa relação quando diz que para o bom funcionamento da escola, a instituição de ensino não pode ficar isolada e que é necessário que todos os profissionais primem pela coletividade junto às famílias em prol da melhoria da aprendizagem.

Acreditamos que é no contexto de parceria, reciprocidade, responsabilidade e, mais que isso, humanização na educação, que o pedagogo chega para assessorar, para ser um profissional imprescindível ao papel da escola, que é a busca incessante, o rompimento de barreiras – por exemplo, das dificuldades de aprendizagem – e finalmente do alcance daquilo que todos da escola almejam: a consolidação da transmissão dos saberes formais que devem ser transmitidos de geração em geração.

2.4.1 Implicações da dificuldade na escrita em outras disciplinas

De maneira geral, uma boa interpretação do que se lê e do que se ouve é imprescindível para viver e até mesmo conviver em um mundo não só marcado por tantos problemas e hostilidades sociais, mas ainda burocratizado e com avanços tecnológicos constantes.

Na escola, a dificuldade de compreensão de leitura por parte dos alunos, em especial os dos sextos anos, tem sido um problema gerador de resultados insatisfatórios que causam entrave na vida acadêmica das crianças, afetando não apenas os resultados de Língua Portuguesa, mas também os das demais disciplinas.

O entendimento correto ou não do que diz o enunciado da atividade faz toda a diferença para a compreensão do que está escrito e conseqüentemente dos resultados no decorrer dos processos avaliativos. Nota-se que a dificuldade na interpretação e entendimento dos textos é fruto de fragilidades decorrentes da leitura trabalhada apenas de forma superficial, ainda na infância do indivíduo.

A escola é um espaço privilegiado de formação de leitores, é imprescindível que ela ofereça diversidade de autores e textos. Na maioria dos casos, é na escola que a criança tem seu primeiro encontro com a literatura infanto-juvenil. Apesar de todos os problemas funcionais e estruturais, é na escola que a maioria das crianças aprende a ler. Muitas têm no ambiente escolar, o primeiro (e, às vezes, o único) contato com a literatura. (SOUZA, 1999, p. 63).

Todo o trabalho relacionado à leitura, desenvolvido nos primeiros anos do Ensino Fundamental, vai impactar no desempenho dos alunos ao longo de sua formação, isto é, também no Ensino Fundamental II. Assim, é recomendável que

nesta etapa escolar, as ações relacionadas à leitura e interpretação sejam incrementadas ainda mais e fortalecidas por meio de práticas, entre as quais o incentivo à utilização de livros que pode ser feita não somente pelos professores de Língua Portuguesa, mas também por todos os docentes das demais disciplinas, pois os resultados insatisfatórios nas avaliações e outras atividades costumam estar diretamente relacionados às fragilidades decorrentes nas habilidades de leitura e interpretação.

Ao pedagogo, cabe averiguar com os professores, já no início do ano letivo, o nível da leitura dos alunos dos sextos anos, por meio de avaliações diagnósticas, utilizando esta ferramenta em prol da prática docente de modo a possibilitar ações pedagógicas que corrijam as falhas e favoreçam a aprendizagem. Neste sentido, Luckesi afirma:

Para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica. No caso, consideramos que ela deve estar comprometida com uma proposta pedagógica histórico-crítica, uma vez que esta concepção está preocupada com a perspectiva de que o educando deverá apropriar-se criticamente de conhecimentos e habilidades necessárias à sua realização como sujeito crítico dentro desta sociedade que se caracteriza pelo modo capitalista de produção. A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de uma forma solta e isolada (LUCKESI, 2005, p. 82).

A aplicação da avaliação diagnóstica não pode servir apenas de cumprimento burocrático geralmente exigido pelas Secretarias de Educação, assim como os resultados não podem ficar soltos ou guardados e de nada acrescentarem ao processo educativo. Eles devem ser compartilhados com todos os professores, não com o propósito de rotular a turma, mas para servirem de bússola a fim de desencadear o trabalho que será viabilizado no decorrer do ano com a pretensão de alcançar sempre os melhores resultados.

Devido a vários fatores externos e internos à escola, muitos deles ligados aos recursos tecnológicos cada dia mais acessíveis a toda a população, o ato de ler não tem tido prioridade para muitas pessoas. Esse fato tem consequências desastrosas que acabam influenciando e prejudicando a vida acadêmica dos alunos. A ausência de leitura desdobra-se imediatamente em fragilidades no próprio ato de ler e escrever. Assim, quando o professor solicita uma leitura em voz alta, muitos alunos têm vergonha; e se leem e escrevem de forma imprecisa, não conseguem ter boa interpretação das palavras, frases e textos que se apresentam.

Essa deficiência não irá impactar negativamente apenas em uma ou outra disciplina, mas em toda a vida escolar do aluno. Nas disciplinas das ciências exatas, como a de Matemática, a compreensão do que está escrito no enunciado da questão é o primeiro passo para acertar ou errar a atividade. Paralelo a isso, existem os motivos inerentes às disciplinas em geral, entre os quais, falta de conhecimento prévio, desinteresse e metodologias que não propiciam a aprendizagem.

Para VITTI (1999, p. 32-33),

É muito comum observarmos nos estudantes o desinteresse pela matemática, o medo da avaliação, pode ser contribuído, em alguns casos, por professores e pais para que esse preconceito se acentue. Os professores na maioria dos casos se preocupam muito mais em cumprir um determinado programa de ensino do que em levantar as ideias prévias dos alunos sobre um determinado assunto. Os pais revelam aos filhos a dificuldade que também tinham em aprender matemática, ou até mesmo escolheram uma área para sua formação profissional que não utilizasse matemática.

Daí a importância deste problema ser discutido com todos os professores das turmas e ser feita uma análise conduzida pelo pedagogo de possíveis intervenções didáticas para minimizar cada vez mais esse déficit educativo. Essas reflexões são importantes para a obtenção de maiores e melhores condições para o favorecimento da aprendizagem. E espera-se que por esses meios se alcancem ações simples, mas efetivamente possíveis de serem implementadas, destacando-se trabalhos de monitoria em que se consegue realizar intervenções com os alunos menos favorecidos em seu aprendizado, utilizando-se para isso alunos que possuem facilidade para entenderem os conteúdos, ou, ainda, o incentivo por parte do pedagogo para que os professores façam uso, cada vez mais, de ferramentas tecnológicas que sirvam não somente para aguçar o gosto dos alunos pela aprendizagem, mas também e principalmente, para tornar a aprendizagem significativa.

A atuação do pedagogo na docência contemporânea não abandona ou nega o ensino, mas coloca o pedagogo na posição de gestor de espaços de ensinar e aprender. Ciente de que os alunos estão inseridos em espaços de cibercultura e se relacionam com linguagem híbridas, o pedagogo contemporâneo deve se apropriar da tecnologia digital, refletindo sobre o potencial técnico desta para a aprendizagem (SANCHES, 2018, p. 91).

Os recursos tecnológicos estão entre as diversas possibilidades que podem vir a ser utilizadas pelos professores dentro do universo das Metodologias Ativas de Ensino que têm, como um dos objetivos, tornar a aprendizagem significativa.

A Metodologia Ativa é um processo abrangente que tem como marca definitiva a inclusão do aluno como principal agente responsável pela sua aprendizagem, comprometendo-se com seu aprendizado.

Este método pode servir de enfrentamento ao atual modelo educacional em que o professor ainda é aquele que detém o saber. De agente passivo, o aluno torna-se protagonista com a finalidade de construir o seu conhecimento e oferecer-lhe condições suficientes para que tenha capacidade de intervir e promover as transformações necessárias.

Várias podem ser as estratégias para atingir uma aprendizagem ativa, desde que tenham como direcionamento o campo de estímulo das funções mentais do aluno, levando-o a pensar, raciocinar, observar, refletir, entender e combinar.

As Metodologias Ativas de Ensino estão cada vez mais próximas dos espaços formais de ensino por proporcionarem contribuições positivas nos processos de ensino e de aprendizagem. Estratégias de ensino ancoradas pelo método ativo têm como principais características: o aluno é o centro do processo; a viabilização da autonomia do aluno; o professor passa a ser o mediador, ativador e facilitador dos processos de ensino e de aprendizagem; e o estímulo à problematização da realidade, à constante reflexão e ao trabalho em equipe (DIESEL; MARCHESAN; MARTINS, 2016).

Diversas ações que fazem parte do Projeto de Acompanhamento Pedagógico a ser descrito nesta pesquisa ancoram-se na Metodologia Ativa, uma vez que muitas das aulas planejadas pelos professores de sextos anos com o subsídio das pedagogas objetivaram atrair a atenção dos alunos de maneira que a indisciplina – tão comum em turmas de sextos anos – não ficasse mais em primeiro plano e eles pudessem tornar-se coparticipantes, passando a ter uma aprendizagem que tivesse significado para as suas vidas.

Neste sentido, basta procurar tantas outras formas existentes de propiciar a aprendizagem significativa, em um cardápio de possibilidades que consiga, segundo Franco (2012, p. 69-70), “ensinar aos alunos tudo aquilo que precisa ser ensinado dentro das escolas públicas [...], por meio de processos didáticos inclusivos, emancipatórios e críticos, como almejava Paulo Freire”.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Ensino Fundamental e Médio Ermentina Leal, que, de forma simplificada, é denominada de Escola Ermentina Leal. A instituição localiza-se na Avenida São Benedito, número 344, no distrito de Vila do Riacho, no município de Aracruz (ES), CEP: 29197-105.

A Entidade é mantida pelo Governo do Estado do Espírito Santo e possui três turnos de funcionamento – matutino, vespertino e noturno – com oferta do Ensino Fundamental 2 – 6º ao 9º ano – e Ensino Médio regular, Educação de Jovens e Adultos (EJA) Fundamental e Médio, além do curso técnico em Administração.

A Escola Ermentina Leal foi construída em 1953 e chamava-se Escola Singular até a portaria 106, de 13 de setembro de 1963, que alterou seu nome. Após algumas evoluções, como o aumento do número das salas de aulas, passou a funcionar como Escola Reunida a partir do dia 2 de maio de 1964. Através do Decreto número 276 de 27/09/1963, transforma-se em Escola Reunida Riacho. Em 24 de junho de 1970, o Secretário de Educação e Cultura do Espírito Santo, Raul Monjardim Castello Branco, resolve através do processo número 15485/72 dar a denominação de Grupo Escolar “Ermentina Leal”, homenageando uma das primeiras professoras da Escola. A publicação que a transforma em Escola de 1º Grau “Ermentina Leal”, de Vila do Riacho, em unidade completa de ensino com classes de 1ª a 8ª série, data de 13 de janeiro de 1979, segundo documentos existentes na Escola.

Por muitos anos, a Escola ofereceu formação apenas até a 8ª série. No entanto, era oneroso para a população, em sua maioria de baixa renda, arcar com os gastos para que os filhos estudassem na Sede do Município. Dessa forma, com a Portaria número 193-R, de 21 de dezembro de 2005, a Escola passa a ofertar o Ensino Médio, etapa que ficou vinculada à EEEFM Monsenhor Guilherme, em Aracruz, até o ano de 2008, quando a Escola Ermentina Leal passa a oferecer, nas suas próprias dependências, o Ensino Médio.

Desde o ano de 2009, por meio da Resolução CEE/ES número 1902/2009, a Escola oferece Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesta modalidade, é atendido um grande fluxo de alunos no período noturno: trabalhadores do comércio e empreiteiras da região, em sua maioria. Em 2013, a Instituição passou a oferecer

também o curso técnico em Administração através de Ato Autorizativo via Portaria Sedu número 082-R, de 05/08/2013, Resolução CEE/ES número 3598/2013.

A Escola Ermentina Leal atende à comunidade em que está inserida e recebe alunos das aldeias indígenas de Comboios e Córrego do Ouro e de localidades rurais como: Cachoeirinha, Brejo Grande e Assentamento. Assim, o público atendido possui uma grande diversidade étnica, enriquecendo a pluralidade cultural no contexto educacional. É comum o desenvolvimento de projetos e ações durante todo o ano letivo, para valorizar e respeitar as diferenças. São exemplos de projetos desenvolvidos trabalhos relacionados à consciência negra, ao respeito às diferenças – *bullying* – e à Mostra Cultural.

Assim estão distribuídas as turmas em cada turno escolar no ano de 2019 (QUADRO 1):

Quadro 1 - Funcionamento da Escola Ermentina Leal por turno

Turnos	Funcionamento
Matutino	5 turmas de Ensino Fundamental e 6 turmas de Ensino Médio
Vespertino	9 turmas de Ensino Fundamental
Noturno	6 turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA, sendo 3 de Ensino Fundamental e 3 de Ensino Médio. Também no turno noturno estão matriculadas três turmas do curso Técnico em Administração

Fonte: EEEFM Ermentina Leal

A EEEFM Ermentina Leal possui duas turmas de alunos matriculadas na EJA, cujas salas de aulas estão localizadas no Centro de Detenção Provisória de Aracruz (CDPA). O acompanhamento pedagógico é realizado pela pedagoga do turno noturno da instituição. Desenvolver atividades com foco na aprendizagem significativa tem sido uma das metas. Neste sentido, dois projetos pedagógicos foram desenvolvidos no ano letivo de 2019. O projeto “Empreendedorismo” foi realizado no período de abril a agosto; o outro projeto, intitulado “Eu Tenho Um sonho”, encerrado no mês de dezembro do referido ano.

No ano em que esta pesquisa foi realizada, isto é, em 2019, a Escola contava com 84 funcionários, dos quais 57 são docentes ou pertencentes ao Setor Pedagógico.

A Escola conta ainda com outras duas professoras que trabalham com séries multisseriadas, ou seja, lecionam a maioria das disciplinas – Língua Portuguesa,

Matemática, História, Geografia e Ciências – em uma sala de aula com a 1ª, 2ª, 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental.

Em relação às turmas em que a pesquisa está focada, trata-se das quatro turmas de sextos anos, sendo que uma funciona no turno matutino e as outras três no vespertino, como apontado anteriormente. Cada uma conta com a seguinte quantidade de indivíduos (TABELA 2).

Tabela 2 - Turmas de sextos anos e a quantidade de alunos matriculados

TURMAS	QUANTIDADE DE ALUNOS
6º M 1	31
6º V 1	26
6º V 2	27
6º V 3	24

Fonte: EEEFM Ermentina Leal

A faixa etária dos alunos dos sextos anos varia entre 11 e 14 anos. A maior parte deles estudou até o quinto ano no Centro Municipal de Educação Infantil Álvaro Souza, localizado em Vila do Riacho. Os demais são provenientes da Escola Municipal de Educação Indígena Dorvalina Coutinho de Comboios e da Escola Pública Municipal Nova Esperança.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Foram pesquisadas três pedagogas que atuaram na Escola Ermentina Leal no ano de 2019: uma delas efetiva e autora desta pesquisa e as outras que, contratadas por regime de designação temporária, serão denominadas Pedagogas A e B.

A Pedagoga A tem 42 anos e há sete anos atua na profissão; trabalha na EEEFM Ermentina Leal desde 2016; em 2019, além de atuar como pedagoga no turno matutino, leciona a disciplina de Língua Portuguesa para três turmas de sextos anos do turno vespertino e para uma turma da EJA. A Pedagoga B possui 24 anos, e este é o seu primeiro ano na função; está na referida escola desde o mês de março atuando na função no turno vespertino. A terceira pedagoga tem 44 anos, há dez anos exerce esta função, está na Escola desde o ano de 2012 e responde pelo turno noturno, mas, como dispõe de uma carga horária de 40 horas, cumpre 15 das 25 horas nos turnos do diurno.

Compõem a relação de sujeitos deste estudo os 14 professores das turmas de sextos anos, cinco funcionários da EEEFM Ermentina Leal, a saber: o diretor da Escola, o coordenador do turno vespertino, uma cuidadora de um dos alunos do sexto ano matutino, uma funcionária da limpeza e uma Agente de Suporte Educacional (ASE). Pelo fato de todos eles lidarem diariamente com os alunos dos sextos anos, consideramos válido saber a opinião acerca do Projeto de Acompanhamento Pedagógico desenvolvido no ano de 2019.

Pertinente conhecer a opinião dos pais dos alunos a respeito do referido Projeto e por isso procedemos a um sorteio de 20 nomes para serem entrevistados. Completam a relação de sujeitos oito alunos dos sextos anos, cujos nomes foram obtidos por indicação dos professores, e dois alunos monitores, totalizando dez alunos. A partir de quatro perguntas abertas semiestruturadas, os alunos expressaram suas opiniões com a elaboração de uma redação de um pequeno texto, ao qual chamamos de depoimento, sobre o trabalho desenvolvido no ano de 2019 nos sextos anos pela equipe pedagógica.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A abordagem utilizada na pesquisa é qualitativa, com coleta de informações para serem analisadas e observação do ambiente escolar, com a preocupação de coletar e atentar para um maior número de elementos, a fim de uma compreensão mais aprimorada do problema que está sob análise (LUDKE e ANDRÉ 1986, p. 12).

Segundo Bogdan e Biklen (1982, apud Ibíd. p.13), “A pesquisa qualitativa ou naturalística envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e preocupa-se em retratar a perspectiva dos participantes”.

Em relação ao método, a pesquisa dar-se-á por meio da Observação Participante em que o pesquisador se torna parte do processo. Correia (1999, p. 31) afirma que “a Observação Participante é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa”.

A identificação do trabalho com este método dá-se devido ao fato de uma das pedagogas da Escola ser a autora da pesquisa. Segundo Vintem (1994), por estar imerso na progressão dos eventos, o investigador espera encontrar-se numa posição

privilegiada para obter muito mais informações e um conhecimento profundo do que aquele que seria possível se estivesse a observar todo o processo de fora.

Assim, no ano de 2019, foi desenvolvido um trabalho de acompanhamento com alunos, professores e pedagogas das quatro turmas dos sextos anos do Ensino Fundamental, em especial nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, com o propósito de constatar se a implementação das intervenções foi capaz de influenciar no desenvolvimento escolar destes alunos.

Além do acompanhamento do trabalho pedagógico em sala de aula e fora dela, elaborou-se um questionário para as duas outras pedagogas da Escola, com questões abertas, indagando-as acerca de todo o trabalho pedagógico. Por tratar-se da autora da pesquisa, a terceira pedagoga da Escola não respondeu ao instrumento.

Também responderam à entrevista os 14 professores das quatro turmas de sextos anos e cinco funcionários que lidam no cotidiano escolar com os alunos de sextos anos. Foi feita uma pesquisa por amostragem com 20 pais e/ou responsáveis por alunos matriculados nas turmas cujas ações foram aplicadas. Como critério para a escolha dos nomes participantes, foi adotada a forma de sorteio. Tivemos a preocupação de saber a opinião dos alunos acerca do trabalho desenvolvido. Por este motivo, foram colhidos também depoimentos de alguns alunos matriculados no ano pesquisado e de alunos monitores.

Desta forma, os questionários foram aplicados no período de 07 a 11 de outubro de 2019, nas dependências da EEEFM Ermentina Leal. Foi aplicada a seguinte quantidade de questionários: pedagogas: 2; professores: 14; demais funcionários: 5; e pais e responsáveis: 20

Para que os pais e responsáveis pelos alunos fossem até a Escola a fim de participarem da pesquisa, fizemos contato por ligação telefônica e marcamos um horário para que pudessem comparecer, informando-lhes que precisávamos saber a opinião deles a respeito do trabalho desenvolvido pela equipe pedagógica de acompanhamento das turmas de sextos anos. Algo que nos chamou a atenção foi a presença de todos os pais que foram chamados e a satisfação que demonstraram para responder aos questionários.

De igual forma, os funcionários da Escola, convidados a responder às questões, demonstraram boa vontade em participar diretamente da pesquisa; isso não pode ser dito sobre alguns professores dos sextos anos; dos 14 docentes, a maioria demonstrou interesse em colaborar; no entanto, cinco não esconderam a insatisfação

em ter que parar os seus afazeres para responder às perguntas, limitando-se a responder somente “sim” ou “não” para a maior parte dos questionamentos.

Todos os questionários compõem o Apêndice A desta pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 A ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO ERMENTINA LEAL

A definição, a organização e a implementação de ações pedagógicas fizeram parte do primeiro passo para realização desta pesquisa; em seguida, foi necessária a observação das referidas ações, etapa imprescindível para chegar aos resultados que aqui serão elencados.

Em se tratando do perfil socioeconômico, a maioria dos alunos atendidos pela EEEFM Ermentina Leal pertence à classe média baixa; são filhos de trabalhadores empregados nas indústrias instaladas no Município, no comércio, funcionários públicos, agricultores e outros.

Assim como em boa parte das escolas brasileiras, a EEEFM Ermentina Leal também enfrenta dificuldades em relação à ausência dos pais na vida escolar dos filhos, observando-se que essa questão se reflete não somente nos resultados dos alunos e da escola, mas também em prejuízos em todo o contexto educacional.

A participação é o principal meio de assegurar a gestão democrática, possibilitando o envolvimento de todos os integrantes da escola no processo de tomada de decisões e no funcionamento da organização escolar. A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas das escolas, de sua estrutura organizacional e de sua dinâmica, de suas relações com a comunidade, e propicia um clima de trabalho favorável a maior aproximação entre professores, alunos e pais (LIBÂNEO, OLIVEIRA; TOSCHI, 2009, p. 328-329).

Neste sentido, a gestão tem sido incansável em implementar mecanismos/meios/canais de comunicação para fortalecer a presença das famílias na Escola; no início do ano, é elaborada uma agenda de eventos em que, além de outras ações, constam reuniões de pais e plantões pedagógicos com data pré-estabelecida. Já as reuniões de aprendizagem do dia a dia em que a equipe pedagógica e os professores julgam necessária a presença da família, as solicitações são feitas por bilhete e ligação telefônica.

A presença da equipe pedagógica de forma mais efetiva em vários momentos que incluíram reunião com os professores e os pais, acompanhamento na sala de aula e nas aulas de campo, e diversas outras posturas e atitudes, possibilitaram a observação da execução de todas as ações previstas.

Em se tratando das características referentes ao comportamento dos alunos das quatro turmas, a que mais se difere é o sexto ano que estuda no turno matutino. Nota-se que pelo fato de a maioria residir em áreas rurais, há um grau mais acentuado de timidez. Isso se comprova pela observação do livro de ocorrências do setor de coordenação: há poucos registros de indisciplina em relação à turma do matutino se compararmos às ocorrências das três turmas do vespertino, cujos alunos residem em espaços mais urbanizados.

Outro fator agravante que interfere na vida acadêmica deles é a própria estrutura familiar. Quando a Escola solicita a presença dos pais e/ou responsáveis, na maioria das vezes, é a mãe que comparece. São mães trabalhadoras – muitas vezes única pessoa responsável pelo sustento da casa – e que, também por isso, não conseguem acompanhar a vida escolar de seus filhos. Em seus estudos, Sígolo e Lollato (2001) enfocam as aproximações entre a escola e a família, revelando que a mãe, com maior frequência, é quem acompanha as atividades escolares dos filhos.

No aspecto cognitivo, as quatro turmas apresentam características semelhantes. Há alunos que se destacam e há outros que estão bem aquém do nível desejado para o sexto ano.

Entre as ações desenvolvidas pela EEEFM Ermentina Leal estão os projetos pedagógicos, cujos temas, no início do ano letivo, são definidos pelo coletivo de professores e equipe gestora; trata-se de um dos trabalhos de cunho pedagógico em que mais se evidencia a participação dos alunos, pois os projetos não ocorrem somente nas salas de aula, mas principalmente de maneira investigativa, prática e com muita interação entre os alunos. Para Xavier e Fernandes (2008), a interação é um importante aliado. Ela não precisa acontecer necessariamente na sala de aula e não precisa existir exclusivamente na relação professor-aluno, mas entre sujeitos dispostos a interagir em prol do conhecimento.

Os projetos pedagógicos propiciam ainda a manifestação das diversas expressões corporais – uma das maiores habilidades dos nossos alunos – situação que explica a identificação deles com o que lhes é proposto e conseqüentemente a sua efetiva participação.

O bairro da Vila do Riacho está situado no Município de Aracruz (ES), a uma distância de 35 km aproximadamente da Sede do município em direção ao litoral norte e possui cerca de 4.250 domicílios, segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde. No aspecto social, poucas são as possibilidades de diversão na localidade para os

moradores e por isso a Escola é, para muitos, o único local extracasa que pode oferecer distração e ocupação.

Por este motivo, vê-se nos alunos um empenho bem mais significativo em projetos dinâmicos do que nas atividades do dia a dia da sala de aula; eles também demonstram satisfação em ajudar a Escola seja qual for a situação; agrada-lhes o fato de se sentirem úteis nas solicitações que a Escola lhes faz; assim, é comum ver alunos ou até mesmo ex-alunos auxiliando em atividades esportivas, culturais, operacionais e educacionais, como as que envolvem o projeto de Monitoria Voluntária, que vem sendo implementado desde 2018 e tem agregado conhecimentos para o aluno que ensina e para o que aprende.

[...] a monitoria compreendida ainda como um espaço de cooperação entre os alunos que se empenham na construção do conhecimento pelo processo de colaboração, pelo ato de interagir num processo em que cria aproximação. Dessa maneira, o monitor ao transmitir seu aprendizado auxiliando seus colegas que apresentam dificuldades com o conteúdo apresentado pelo educador passa a assumir o papel em conduzir, orientar e facilitar, criando situações inovadoras através das atividades, eles acabam sanando dúvidas que deixam de ser levadas para casa, assim passam a desenvolver uma educação pautada em atitudes e valores (SCHNEIDER, 2008, p.81).

Um dos princípios que mais tem propiciado a realização de várias ações na EEEFM Ermentina Leal é o trabalho em equipe, partindo-se do pressuposto de que o outro é sempre imprescindível para o sucesso do que se idealiza; a boa relação da maior parte do coletivo tem agregado força ao que se realiza e fortalecido a educação de maneira geral.

[...] educação é sempre um empreendimento coletivo e, portanto, implica o outro. Não há educação sem o outro. Em sua Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire afirmou que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”; concordemos ou não com esta tese, é impossível escapar do fato de que o outro está sempre presente nos atos de educação. Seja um educando o outro, seja os homens educando-se entre si, seja, ainda, a experiência do autodidatismo, em que alguém se educa por si mesmo, mas através da produção cultural feita por outros, o caráter coletivo dos processos educativos é recorrente (Gallo, 2008, p. 7).

A gestão escolar tem se fortalecido através da busca pelo desenvolvimento de parcerias; nesta direção, tem conseguido estabelecer muitas delas graças ao apoio de empresas locais e da região, Associação de Moradores, imprensa, empresários, profissionais do ramo da Psicologia, CRÁS, CMEB Álvaro Souza, Senai, Instituto

Federal do Espírito Santo (Ifes), Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e diversas outras.

O trabalho das três pedagogas pesquisadas é articulado de forma conjunta com base em:

- Projeto Político-Pedagógico da Escola.
- Plano de Ação do Projeto Jovem de Futuro – Projeto instituído na Escola no ano de 2015 pelo Governo do Estado do Espírito Santo em parceria com o Instituto Unibanco. Nele são estabelecidas metas e ações para o Ensino Fundamental e Médio.
- Agenda de Eventos – Documento elaborado pela equipe pedagógica junto ao coletivo da Escola com as ações e eventos que serão realizados durante o ano letivo.
- Solicitações e demandas da Superintendência Regional de Educação (SRE), em que são estabelecidos prazos determinados para serem cumpridos. Reunião de equipe que reúne o diretor, as pedagogas e os professores coordenadores de área (PCA's), para discussão das principais demandas da Escola; ocorre quinzenalmente ou ao menos uma vez por mês.
- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o índice mede a qualidade do aprendizado nacional e estabelece metas para a melhoria do ensino.

A meta estabelecida para a EEEFM Ermentina Leal para o ano de 2019 corresponde a 5,4 (TABELA 3).

Tabela 3 - Metas e resultados do Ideb obtidos pela EEEFM Ermentina Leal, nos anos de 2007 a 2019.

IDEB		
Ano	Meta	Obtido
2007	3,7	4,1
2009	3,8	4,6
2011	4,1	3,9
2013	4,5	3,1
2015	4,9	4,2
2017	5,1	4,5
2019	5,4	Ainda não foi divulgado

Fonte: EEEFM Ermentina Leal

Analisando a tabela, é possível observar que ela traz as metas e as notas obtidas pela Escola no Ideb desde o ano de 2007. Observa-se que, nesse período, a instituição ultrapassou a meta estipulada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), nos anos de 2007 e 2009, alcançando as notas 4,1 e 4,6, respectivamente. Observa-se ainda que a melhor nota obtida pela EEEFM Ermentina Leal até então foi a de 4,6 no ano de 2009, mesmo assim encontra-se bem aquém dos 6 pontos, meta preconizada pelo Ministério da Educação até 2022, que é uma média correspondente ao sistema educacional dos países desenvolvidos.

De acordo com o *site* do Ministério da Educação, o Ideb é um indicador nacional que possibilita à população acompanhar a qualidade da Educação através de resultados concretos, demonstrando-lhe os caminhos necessários para que a sociedade também se movimente em busca de melhorias. Ainda segundo o *site*, dois componentes são utilizados para calcular o Ideb: a taxa de rendimento escolar (aprovação) e as médias de desempenho nos exames aplicados pelo Inep. Por meio do Censo Escolar, realizado uma vez por ano, são obtidos os índices de aprovação.

O trabalho da equipe pedagógica é desenvolvido de forma similar, todas as pedagogas estão atentas para que os três turnos da Escola funcionem de modo alinhado, mas sem desconsiderar as peculiaridades de cada um deles, afinal, cada turno possui características que devem ser respeitadas, como a presença no turno matutino de muitos alunos que moram no interior do Bairro e, por este motivo, dependem do transporte escolar; a agitação do turno vespertino e, conseqüentemente, as ações com relação à indisciplina que devem ser observadas e priorizadas; a oferta da modalidade EJA e do curso técnico, no turno noturno, que

atinge o público adulto. Baseadas nestas especificidades, são desenvolvidas ações e eventos voltados para cada turno.

Considerando que a equipe almeja agregar de forma conjunta e unificada os três turnos da Escola, as pedagogas têm como meta desenvolver as atividades do dia a dia de acordo com as demandas prioritárias, ou seja, aquelas que têm prazo para ser cumpridas.

Paralelo a estas ações, as pedagogas são responsáveis pelo acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem que engloba uma série de atividades: reuniões com professores; acompanhamento das aulas; organização dos Conselhos de Classe e das Jornadas de Planejamento Pedagógico; plantões e projetos pedagógicos; análise de provas; acompanhamento dos índices da Escola e divulgação dos resultados; reuniões de aprendizagem com alunos e reuniões de pais; busca pelo estabelecimento de parcerias juntos a órgãos públicos e privados; assessoramento ao gestor; conferência de diários; comunicação aos professores acerca de matrículas e remanejamentos de alunos; formações; divulgação dos trabalhos realizados; monitoramento de atividades pedagógicas e do Plano de Ação da Escola; conversas individuais com alunos; apoio ao coordenador sempre que necessário; organização de visitas pedagógicas; e ainda outras.

Devido à quantidade de ações que se estabelecem no cotidiano escolar, é comum que algumas atividades de responsabilidade do pedagogo acabem sobressaindo-se a outras. Por isso, a importância do diálogo e do trabalho em equipe das pedagogas envolvidas. Considera-se importante ainda a constante avaliação do que está sendo realizado para um possível replanejamento e, se necessário, mudança de rotas.

4.2 PROJETO DE ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO

O Projeto de Acompanhamento Pedagógico consiste em um conjunto de ações pensadas pela equipe pedagógica e professores dos alunos das quatro turmas de sextos anos, com a análise dos resultados insatisfatórios da primeira avaliação do ano letivo aplicada nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Estas ações foram desencadeadas desde o início do ano letivo de 2019 e implementadas neste estudo, resultando em melhorias consideráveis, conforme demonstra a opinião dos entrevistados.

Desta forma, afirmamos que foi a partir dos resultados da Avaliação Diagnóstica que percebemos a necessidade de intervenção, e a oportunidade do processo que envolve esse trabalho tornar-se tema de pesquisa de mestrado.

4.2.1 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA: O PRIMEIRO PASSO DO TRABALHO

No período de 11/02 a 15/02/2019 foi feita a aplicação da referida prova. Esta avaliação, como o próprio nome indica, é aplicada para identificar os conhecimentos que os alunos trazem consigo para as séries em que estão matriculados e é realizada no início do ano letivo em todas as disciplinas e turmas da Escola, por solicitação da Superintendência Regional de Educação (SRE). Os professores são responsáveis pela elaboração e têm autonomia para decidir qual metodologia deverá ser utilizada na organização e aplicação do documento. No entanto, as avaliações de Matemática e de Língua Portuguesa dos sextos anos do Ensino Fundamental e das primeiras séries do Ensino Médio vêm elaboradas da SRE.

Fica sob a incumbência dos docentes a correção da prova, que é utilizada como subsídio para identificar as competências e habilidades com maiores fragilidades entre os alunos e elaborar o Plano de Ensino – documento que irá nortear o trabalho durante o ano letivo.

No caso dos professores dos sextos anos de Língua Portuguesa e Matemática, foi feita uma tabulação dos resultados seguida de uma análise com a equipe pedagógica. Assim, foi possível perceber que apesar dessas turmas possuírem alunos com conhecimentos adequados à série em que estão matriculados, também se observou que muitos estudantes necessitavam de ações mais eficazes para que o processo de aprendizagem se efetuassem.

Os resultados da Tabela 4 comprovam o desempenho insatisfatório de um número considerável de alunos dos sextos anos na Avaliação Diagnóstica.

Tabela 4 - Resultado da Avaliação Diagnóstica dos alunos das quatro turmas de sextos anos com níveis satisfatórios e insatisfatórios nas disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa.

Turmas	Matemática				Língua Portuguesa			
	6ºM01	6ºV01	6ºV02	6ºV03	6ºM01	6ºV01	6ºV02	6ºV03
Satisfatório (acima de 60)	23	17	18	11	9	14	20	11
Insatisfatório	8	14	14	19	14	16	15	12
Educação Especial	2							
Total de alunos avaliados nas turmas	33	31	32	30	23	30	35	23

Fonte: EEEFM Ermentina Leal

Como as Avaliações Diagnósticas foram aplicadas em dias diferentes, a quantidade de alunos que fizeram as provas não é igual nas duas disciplinas.

Com base na Tabela 4, é possível constatar que dos alunos matriculados, foram avaliados 126 em Matemática e 111 em Língua Portuguesa. Desta forma, os professores e a equipe pedagógica decidiram que a implementação de ações pedagógicas deveria ser iniciada o mais breve possível, mesmo levando em consideração que na Escola existem várias outras demandas que requerem atenção e labor, tanto do pedagogo quanto dos professores. Assim, as ações definidas sob a coordenação da equipe pedagógica e que envolvem diretamente os professores dos sextos anos foram colocadas em prática paralelamente a todas as demais atribuições que estes profissionais executam no dia a dia.

Após a reunião com os professores de Língua Portuguesa e Matemática para análise dos resultados da Avaliação Diagnóstica, a equipe pedagógica reuniu os demais professores para elencar quais ações deveriam ser desenvolvidas no primeiro e no segundo semestre do ano letivo, visando à busca por melhorias nos resultados das quatro turmas em estudo.

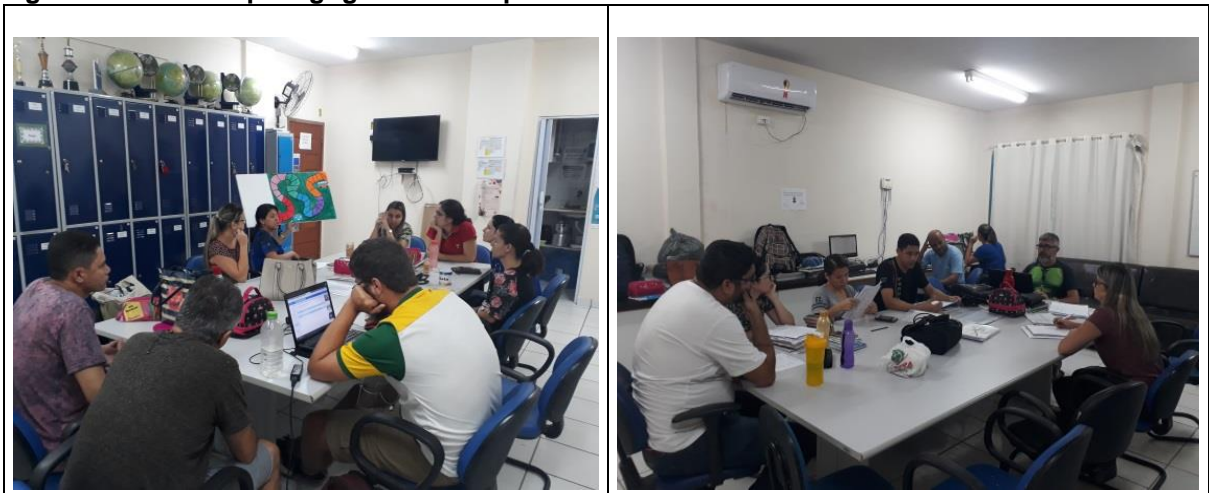
Ressaltamos que todo o planejamento das ações, com respectivo acompanhamento e avaliação, foi conduzido pela pedagoga e autora desta pesquisa, com a adesão e o efetivo apoio das outras duas pedagogas e dos professores. Foram necessárias diversas reuniões, sob a coordenação da referida pedagoga, para evitar que as ações deixassem de acontecer ou de não serem acompanhadas por causa das outras demandas.

4.2.2 EXECUÇÃO DAS AÇÕES PEDAGÓGICAS

A seguir relatamos algumas das ações colocadas em prática no Projeto de Acompanhamento Pedagógico e devidamente acompanhadas por fotos para melhor exemplificação.

Nos dias 19 e 21 de março de 2019, a equipe pedagógica reuniu-se com os professores de Língua Portuguesa e Matemática das quatro turmas de sextos anos para analisar os resultados da Avaliação Diagnóstica. Na mesma semana, no dia 25 de março, foram reunidos todos os professores de sextos anos (Figura 4) com o objetivo de apresentar o desempenho dos alunos das turmas acima mencionadas nas referidas disciplinas e definir, com o coletivo, as ações a serem implementadas. As reuniões com os professores ocorreram de forma ímpar durante a execução do Projeto. Diversos foram os objetivos, entre os quais: informar sobre o contexto familiar e possíveis problemas, como os de saúde, por exemplo, identificados nas reuniões da equipe pedagógica com os pais; indagar os docentes acerca do rendimento dos alunos; subsidiar os docentes em suas práticas cotidianas.

Figura 4 – Reunião pedagógica com os professores dos sextos anos



Paralelas às reuniões com os professores, foram realizadas aulas diferenciadas (Figura 5) – ancoradas na Metodologia Ativa de Ensino e sua linha de aprendizagem significativa em que os alunos são os protagonistas – que também ocorreram de forma efetiva nas turmas de sextos anos, como mostram as fotos a seguir.

Figura 5 – Aulas diferenciadas nas turmas de sextos anos



Aula de Ciências em que o professor utiliza um aplicativo computacional para fazer revisão de prova.



Aula de História e Geografia. Os alunos estudam com o auxílio de um aparelho *Chromebooks* para a realização de pesquisas relacionadas ao conteúdo trabalhado nas duas disciplinas.



Aula de Geografia. A professora trabalha conteúdos relacionados ao solo utilizando a horta da escola.



Alunos comparam preços em supermercados e aprendem cidadania em aula de Matemática.



Aula de campo das disciplinas de Ciências e Geografia sobre meio ambiente. Alunos visitam pontos de lixo no bairro.



O mapeamento de lugares nas salas de aulas foi uma das ações realizadas para otimizar a organização dos espaços, priorizando os lugares mais próximos dos professores para aqueles alunos com dificuldades de aprendizagem.

Reuniões da equipe pedagógica com as famílias dos alunos tornaram-se uma ação constante (Figura 6). Desta forma, os responsáveis foram chamados à Escola no mês de abril para conhecer o Projeto de Acompanhamento Pedagógico e receber informações sobre o desempenho dos alunos na Avaliação Diagnóstica e a necessidade do apoio familiar. Também no decorrer do trabalho, as famílias, cujos filhos apresentaram problemas indisciplinares ou fraco rendimento, foram reunidas para conversar a respeito dessas situações.

Figura 6 – Reuniões pedagógicas com as famílias dos alunos dos sextos anos



Uma das ações incluídas no Projeto de Acompanhamento Pedagógico é a “Monitoria Voluntária” em que alunos que possuem facilidade de aprendizagem ensinam àqueles com algum grau de dificuldade (Figura 8). Foram convidados a participar alunos dos oitavos e nonos anos por serem os maiores do Ensino Fundamental e ao mesmo tempo ainda não terem os compromissos peculiares do Ensino Médio. Programas de Menor Aprendiz, por exemplo. A partir de um horário específico de monitoria elaborado e acompanhado pelas pedagogas, os alunos se deslocam à Escola uma, duas ou três vezes na semana para auxiliar os alunos dos sextos anos. No início do ano foi feita uma sensibilização aos alunos que se encaixam no perfil de monitor para participarem. Para ser monitor, é necessário além de apresentar facilidade no aprendizado de Matemática, demonstrar comprometimento e responsabilidade, na medida em que desempenhar tal função demanda disponibilizar

uma parte do seu tempo voluntariamente, neste caso, o contraturno. Foram firmadas parcerias, como a que foi realizada com uma empresa localizada na própria comunidade, que apoiou o projeto doando as camisas para que os monitores pudessem atuar uniformizados.

Figura 7 – Reunião Pedagógica com alunos monitores



Figura 8 – Alunos monitores em atuação com os alunos dos sextos anos



Além das ações pedagógicas descritas, muitas outras foram desenvolvidas como, por exemplo, decisões relacionadas à indisciplina das turmas de sextos anos do turno vespertino, entre as quais remanejamentos e transferências de dois alunos, de acordo com o Regimento Escolar, após esgotarem-se as possibilidades de permanência na Escola, e reuniões de aprendizagem mais efetivas com a presença

do diretor e equipe pedagógica. Para a realização das ações descritas foi necessário ter além do empenho por parte das pedagogas, a adesão dos professores às ideias propostas, inclusive a aceitação e a coragem de alguns em “testar” metodologias diferenciadas em suas aulas nos sextos anos. Por causa da agitação típica dessas turmas, alguns professores preferem não ousar e optam por aulas com metodologias corriqueiras cujos mecanismos ajustam-se com mais propriedade para que os alunos permaneçam em seus lugares.

O trabalho em equipe adquiriu nuances que não podem deixar de ser citadas, pois foram imprescindíveis para que as ações envolvidas neste projeto acontecessem. A articulação entre os pares e o fortalecimento das relações a partir das habilidades que cada ser humano possui permitiram não só a implementação das ações, mas também o seu sucesso, compreendendo todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Através das conversas com os professores, houve melhorias na forma de distribuição das notas dos alunos no trimestre. No primeiro, alguns docentes aplicaram duas avaliações e trabalhos; a partir do segundo trimestre, uma avaliação foi aplicada, levando-se em consideração ainda todas as atividades realizadas pelos alunos em sala de aula.

Outra ação que merece destaque abarcou a presença da equipe pedagógica de forma mais efetiva nas salas de aula para acompanhar as metodologias utilizadas pelos professores, verificar a frequência dos alunos e subsidiar a realização de aulas diferenciadas. Essa prática auxilia o trabalho dos docentes, uma vez que, a partir daí, o professor foca estritamente no ensino, enquanto o pedagogo dá o suporte às demais questões, como a indisciplina, por exemplo. Importante lembrar que nas turmas de sextos anos ainda é comum o temor aos profissionais da gestão que, para elas, podem contactar suas famílias acerca de mau comportamento, o que faz com que os estudantes das turmas em questão acabem respeitando o pedagogo, o diretor e o coordenador até mais que o professor.

Também neste sentido, a equipe pedagógica realizou diversas conversas individuais durante todo o ano letivo com os alunos das demais turmas, mas em especial com os sextos anos, pois entendem-se ser uma prática inerente ao trabalho pedagógico. Acredita-se que o sucesso de cada aluno deve estar associado a toda a Escola, inclusive ao setor pedagógico, por isso a responsabilidade em acompanhá-

los no dia a dia escolar, instigando a curiosidade e o interesse dos alunos pelo conteúdo e coadunando-se com o que afirma Paulo Freire:

O que nos move é o interesse, a curiosidade, a necessidade. Essa é a mola que nos impulsiona para a construção do saber humano e nossa *cultura*. Uma criança não é um pote vazio que alguém vai inserindo informações. Quando ela chega à escola está repleta de seus saberes, de suas experiências. Portanto há necessidade de conhecer sua história, de provocar, para que ela perceba as experiências novas que ela pode romper, e para isso há necessidade que ela receba estímulos que lhe provoque esse interesse, isso tanto pelos pais quanto pelos educadores. (FREIRE, 1990, p. 07)

Como em todo o trabalho, muitas dificuldades se apresentaram durante a execução. Diversas ações, apesar de planejadas, não puderam ser aplicadas, pois dependiam de outras pessoas das quais não obtivemos o “feedback”. Outro fator que deve ser lembrado é a questão das movimentações de matrícula. Alunos que iniciaram 2019 nos sextos anos mudaram-se para outras localidades. Da mesma forma, a Escola recebeu alunos após a iniciação das ações. Todos eles foram alocados, mas não participaram de parte do trabalho.

Para a execução de todas as ações, foi necessário que a equipe pedagógica estivesse sempre atenta para a realização de reuniões com o grupo de professores de forma a avaliar permanentemente o trabalho, de acordo com o objetivo, que é a melhor aprendizagem dos sextos anos de maneira global. Concordamos com Franco (2012) quando afirma que os esforços do coletivo da escola não devem estar voltados somente para os conteúdos, mas para educar as crianças e os jovens para o desenvolvimento pleno, fazendo com que estejam aptos às exigências da sociedade moderna.

Houve preocupação em informar às famílias e a toda a comunidade de Vila do Riacho acerca do trabalho desenvolvido. Além da realização das diversas reuniões de pais, contamos com o apoio da imprensa local – jornal *Folha do Litoral* – que ajudou a divulgar todas as ações pedagógicas por meio de reportagens, como as que se seguem abaixo (Figura 9).

Figura 9 – Reportagens de ações desenvolvidas com alunos dos sextos anos



É importante destacar que ao final deste trabalho tem-se como objetivo a elaboração de uma Cartilha Pedagógica a ser disponibilizada em meio virtual, contendo a descrição de algumas ações que foram implementadas nas turmas de sextos anos da EEEFM Ermentina Leal, no ano de 2019.

4.3 FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA

Em relação ao questionário aplicado aos funcionários, teve-se por objetivo saber das pessoas entrevistadas a percepção que elas têm do trabalho pedagógico de maneira geral e, também, de maneira específica, dos sextos anos.

Sendo assim, procedeu-se à seguinte pergunta: “Na sua opinião, o trabalho do pedagogo pode impactar no desenvolvimento dos alunos das turmas de sextos anos?”

Justifique:

Impacta quando é realizado um trabalho em conjunto com o professor, com acompanhamento de planejamento e ações que contribuem para o enriquecimento das aulas (FUNCIONÁRIO A).

Com toda a certeza. O trabalho do pedagogo é tão importante quanto o trabalho do professor que lida diretamente com o aluno no dia a dia em sala de aula. Suas intervenções mais técnicas, subsidiando com informações e novas ideias que visam a melhora do aprendizado, são essenciais. É um olhar diferenciado extra-sala (FUNCIONÁRIO B).

Na visão dos entrevistados, a parceria firmada entre o pedagogo e os professores é imprescindível para que haja melhorias na aprendizagem. De fato, a experiência adquirida nestes dez anos atuando como pedagoga leva-nos a concordar com as falas dos entrevistados, pois no dia a dia muitas parcerias podem ser estabelecidas entre o trabalho comprometido do pedagogo e o dos professores para que possam proporcionar melhorias nos diversos aspectos na vida dos alunos, em especial o voltado para o processo ensino-aprendizagem. Mariani (2015) enaltece a função do pedagogo quando afirma que o papel deste profissional é imprescindível na educação. No entanto, para estar em consonância com o mundo moderno há que se buscar pela competência e dedicação. Para a autora, o pedagogo deve ser responsável pela busca de métodos que melhorem a aprendizagem de forma que transcenda a sala de aula.

Na pergunta relacionada à preocupação da equipe pedagógica específica aos resultados das turmas dos sextos anos, duas das respostas foram:

Existe uma grande preocupação com a aprendizagem das turmas de sextos anos, principalmente quanto a transição do 5º para o 6º ano, que causa um grande impacto na vida escolar dos estudantes. Observa-se essa preocupação pela busca constante de ações para maximizar o aprendizado dos alunos (FUNCIONÁRIO A).

Observamos essa preocupação e participação mais frequente com as turmas de sextos anos pelo fato de nossa unidade receber muitos alunos com dificuldade ou defasagem no aprendizado ou ainda distorção idade/ano e por esse motivo se faz necessária maior intervenção da equipe pedagógica (FUNCIONÁRIO B).

As respostas dos entrevistados nos fazem inferir que as discussões acerca do alto nível de indisciplina e falta de base no que diz respeito aos conteúdos nas turmas de sextos anos na EEEFM Ermentina Leal não constituem algo novo. Todos os anos, nas reflexões feitas pelo coletivo da Escola, essas duas principais questões são motivos de queixas entre os professores. No entanto, em 2019, com a execução das ações implementadas nos sextos anos, observou-se melhoria no comportamento, interesse e rendimento de grande parte dos alunos.

Perguntou-se também aos funcionários: “Quais são os maiores desafios para que a aprendizagem dos sextos anos aconteça?” Seguem-se algumas respostas:

A indisciplina, a resistência em cumprir atividades, tanto em sala de aula quanto tarefas de casa, falta de organização com materiais escolares e principalmente a falta de acompanhamento dos pais que é primordial para o avanço dos alunos (FUNCIONÁRIO C).

Há uma grande deficiência na educação nos anos iniciais do Ensino fundamental no que se refere a leitura e a escrita Isso compromete e muito o desenvolvimento dos alunos dos sextos anos. Também observo muitos alunos desmotivados e com pouco interesse, o que pode ser reflexo da desestrutura familiar e muitos enfrentam, afetando assim a sua aprendizagem (FUNCIONÁRIO D).

Com efeito, se a Escola tivesse maior apoio dos pais no que diz respeito ao acompanhamento da vida escolar de seus filhos, os resultados ao final do ano letivo seriam bem melhores. A escola trabalha de forma muito limitada; são tempos de aprendizagem engessados, divididos por horários fixos; ainda falta pessoal para auxiliar; aulas de reforço seriam muito bem-vindas, principalmente para aqueles alunos que, como muitos, apesar de estarem nos sextos anos, não dominam as quatro operações e apresentam grande dificuldade em leitura e escrita, deficiências estas que se não forem trabalhadas ou ao menos minimizadas acabarão por refletir em toda a vida acadêmica dos alunos. Sampaio reforça esta preocupação:

[...] na medida que o aluno tem dificuldades, não aprende e é reprovado por falta de conteúdos e a falta de conteúdos amplia-se à medida que os alunos ficam reprovados. O fracasso, dessa forma, não se explica apenas pela reprovação, nem pela perda de um ou mais anos, repetindo séries; outra perda relevante acontece pelo distanciamento cada vez maior estabelecido entre os alunos e o conhecimento que a escola pretende transmitir (SAMPAIO, 2004, p. 89).

Questionados sobre possíveis mudanças no comportamento dos alunos dos sextos anos, comparando-se a chegada deles à Escola ao momento atual, alguns responderam que:

Existe mudança principalmente atitudinal. Melhoria no comportamento de sala de aula e na aprendizagem (FUNCIONÁRIO A).

Logo que eles chegam eles trazem muitos maus hábitos que tiveram que ser trabalhados. Hoje já conseguem ter uma melhor atenção, trabalho em equipe, respeito com os colegas e maior comprometimento com os estudos (FUNCIONÁRIO C).

A constatação presente nas respostas leva-nos a acreditar que, embora haja ainda muito o que fazer, estamos no caminho certo; dessa forma, o trabalho desenvolvido no ano de 2019 com os sextos anos serve para nós, pedagogos, como mola propulsora em busca de bons resultados nos vários desafios que enfrentamos no dia a dia.

Na pergunta em que são questionados sobre quais ações realizadas contribuíram com maior eficácia para a melhoria da aprendizagem dos sextos anos, as respostas foram:

O trabalho da equipe pedagógica foi crucial para que fosse obtido grande avanço na turma. Os métodos que mais trouxeram resultados positivos foram a realização do mapa de sala, a monitoria para alunos com dificuldade e aulas mais dinâmicas (FUNCIONÁRIO C).

Todas as atividades pedagógicas realizadas nos sextos anos serviram para melhorar as turmas. O fato de ser diferente atrai as crianças (FUNCIONÁRIO E).

O acompanhamento pedagógico de aulas e o projeto de monitoria que contou com o apoio de alunos de outros anos para acompanhar os alunos dos sextos anos com dificuldade em matemática (FUNCIONÁRIO A).

O trabalho de monitoria tem rendido bons frutos (FUNCIONÁRIO B).

A equipe pedagógica está tendo grande participação no ensino e na aprendizagem dos sextos anos. Foram executados diversos trabalhos diferenciados junto aos professores, com o objetivo de estimular a aprendizagem, além do acompanhamento e monitoramento permanente destas e outras atividades desenvolvidas com os sextos anos. O trabalho agregou não somente à aprendizagem, mas inclusive a questões emocionais dos alunos (FUNCIONÁRIO D).

Nesta direção, Franco (2008) afirma que o trabalho proveniente da articulação escola e professores como um todo deve primar não apenas pelo fortalecimento da autoestima dos alunos através da articulação entre saber e prazer, mas também deve levar em consideração que as condições da instituição podem influenciar na satisfação do professor na atividade que realiza.

Através das falas dos funcionários, é possível perceber o reconhecimento acerca do trabalho de acompanhamento realizado pela equipe pedagógica. Para eles, os desdobramentos que podem fluir a partir da parceria professor e pedagogo só têm a favorecer os processos de aprendizagem.

4.4 RESPONSÁVEIS PELOS ALUNOS

O questionário aplicado aos vinte pais e responsáveis de alunos, participantes da pesquisa por meio de sorteio, objetivou constatar a opinião sobre o trabalho desenvolvido. Após responderem de forma afirmativa que acompanham a vida escolar de seus filhos, foram indagados sobre como ocorria esse acompanhamento. Grande parte dos entrevistados disse que através de conversas com os filhos, participando das reuniões escolares, olhando os cadernos, auxiliando nos deveres de casa e incentivando-os.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96), em seu 12º artigo, traz os deveres da família e destaca-a como uma das responsáveis pelo desenvolvimento educacional da criança, observando-se alguns princípios imprescindíveis ao processo educacional:

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB, 1998, p.13).

Quando perguntados se já haviam percebido dificuldades de aprendizagem nos filhos, 18 pais responderam que sim. Seguem algumas das respostas:

Ele tem muita dificuldade em terminar as tarefas em sala de aula (RESPONSÁVEL A).

Ele não conseguia se organizar em relação as matérias (RESPONSÁVEL B).

Ela tem déficit de atenção e não consegue memorizar as explicações dadas pelos professores (RESPONSÁVEL C).

Ele não consegue ter atenção nos estudos. Acredito que por causa dos problemas familiares (RESPONSÁVEL D).

Apesar de fazermos a transcrição de apenas quatro respostas que investigam as percepções dos pais a respeito das dificuldades nos filhos, advindas dos questionários, verificou-se que a maior parte, ou seja, 18, responderam de modo afirmativo. Esse fato reforça o quanto é necessário que os alunos de sextos anos tenham acompanhamento. Alguém que os oriente e esteja sempre procurando meios

para contribuir com a aprendizagem, principalmente daqueles cujo tempo e forma de aprender apresentam peculiaridades.

Os professores devem ser constantemente orientados para isso a fim de que a desigualdade de saberes seja considerada. Pimenta (1988) corrobora esta ideia, pois para ela, no processo de ensino aprendizagem, o professor e o aluno não têm o mesmo grau de conhecimento devido as suas experiências. Por isso, mesmo que o professor não saiba, ele precisa aprender a compreender o mundo do aluno para comparar com o seu mundo e ter condições de orientá-los a partir do conteúdo, possibilitando que o aluno esteja preparado para se inserir democraticamente no mundo que o rodeia.

Sobre a opinião dos pais acerca do trabalho de acompanhamento pedagógico desenvolvido nos sextos anos no ano de 2019, transcrevem-se algumas opiniões:

Tem me ajudado muito com minha filha. Ela tem conseguido superar em grande parte o problema de déficit de aprendizagem que possui (RESPONSÁVEL C).

Percebi que este ano o meu filho se dedicou mais e demonstrou mais interesse em relação aos trabalhos da escola (RESPONSÁVEL A).

Achei excelente. Sempre atentos aos alunos Sou comunicada de qualquer tipo de situação relacionada à minha irmã da qual sou responsável por ela (RESPONSÁVEL E).

É um trabalho muito bom para diversas crianças com dificuldade de aprendizagem (RESPONSÁVEL F).

Percebo que o meu filho está bem mais esperto, curioso com todos os tipos de assuntos. Pergunta sobre tudo e em grande parte esse desenvolvimento deve-se à escola (RESPONSÁVEL B).

Observamos que os pais aprovam o trabalho e reconhecem que tem surtido efeitos positivos na vida escolar de seus filhos. É importante esse feedback dos pais para nós pedagogos, principais articuladores do acompanhamento pedagógico. Muitas vezes, a escola se restringe a somente falar dos problemas que os filhos ali apresentam; mas, saber das famílias suas opiniões acerca das atividades que a escola desenvolve, pode ser favorável às reflexões e planejamentos.

Foi indagado se os pais percebem mudanças na aprendizagem dos filhos comparando o momento em que chegaram à Escola com o momento atual. Entre as respostas, destacamos:

Ela buscou ser mais responsável e interessada pela aprendizagem (RESPONSÁVEL G).

Hoje ele se interessa mais. Está mais disposto a aprender, a estudar (RESPONSÁVEL F).

Agora ele chega em casa e já vai fazer as tarefas sozinho. Se tem trabalho já fala e vai fazer (RESPONSÁVEL A).

As respostas causam-nos um sentimento de alegria e a sensação do dever cumprido. É compensador ver os avanços dos alunos e ter essa comprovação através da fala dos pais. Esse fato só nos impulsiona a continuar buscando melhorias cada dia mais na nossa prática pedagógica por meio também do suporte aos professores. Para Libâneo (2010), o pedagogo é essencial no auxílio para a melhoria dos docentes em sala de aula e nas diversas situações do processo ensino-aprendizagem. Os seus princípios teóricos devem alinhar as áreas do conhecimento pedagógico.

Outra pergunta, direcionada aos pais, foi se, em relação ao trabalho que a equipe pedagógica desenvolveu nos sextos anos, ainda existe algo que pode melhorar pedagogicamente. Alguns contribuíram com sugestões, algumas das quais fogem da alçada escolar. “Na sociedade brasileira contemporânea, novas exigências estão postas ao trabalho dos professores. No colapso das antigas certezas morais, cobra-se deles que cumpram funções da família e de outras instituições sociais” (FRANCO, 2008, p. 14).

Acompanhamento psicológico com os alunos. Seria bom um psicólogo na escola para ajudar tanto os alunos quanto os pais (RESPONSÁVEL H).

No entanto, na maioria das respostas, houve muitos elogios.

Eu acho que a escola já faz um excelente trabalho. Só cabe aos pais ajudarem também (RESPONSÁVEL B).

Arrumar um meio para que os pais saibam das reuniões porque eu mesmo gosto e faço questão de participar (RESPONSÁVEL I).

A atenção maior de alguns professores e intensificação da explicação nas matérias porque as vezes chegam em casa com exercícios para fazer e não sabem responder direito (RESPONSÁVEL J).

Eu tenho visto que o trabalho da escola em relação à turma da minha filha tem se intensificado a cada trimestre para que os alunos tenham melhoras. A escola tem se esforçado e tem obtido resultados com isso. No meu ponto de vista são os alunos que têm que se esforçar mais (RESPONSÁVEL C).

Muitas das respostas serviram para nos fazer repensar certas práticas existentes na Escola e buscar meios para melhorá-las, citando-se, por exemplo, as metodologias utilizadas pelos professores no dia a dia. Temos consciência de que o trabalho desenvolvido nas quatro turmas de sextos anos em 2019, embora tenha dado resultados bem satisfatórios, não conseguiu atingir todos os alunos que precisavam de melhorias. Muito ainda precisa ser feito tendo como principal objetivo uma aprendizagem que tenha significado para a vida do aluno. Ou, como resume Moreira (2006, p. 38), “a aprendizagem significativa é o processo por meio do qual novas informações adquirem significado por interação (não associação) com aspectos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva.

4.5 PROFESSORES DOS SEXTOS ANOS

Na entrevista realizada com os professores, uma das abordagens foi em relação às expectativas que eles têm do trabalho do pedagogo.

Que seja referência no processo ensino aprendizagem por meio do acompanhamento constante das minhas dificuldades e das dificuldades dos alunos, sugerindo metodologias específicas para cada público e auxiliando também nas propostas de intervenção para a melhoria do processo educativo (PROFESSOR DE HISTÓRIA).

Ótimas expectativas, pois o pedagogo vem para orientar e acrescentar informações para o trabalho em sala de aula, acontecendo assim uma troca de aprendizado em prol do aluno (PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA).

Que seja um mediador entre professor e aluno e possa acompanhar e contribuir nas metodologias da qualidade do ensino (PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA).

Que possa ser um trabalho contínuo e que esteja sempre voltado em ajudar os professores em sala de aula desenvolvendo atividades extras e proporcionando um amplo apoio ao grupo de professores (PROFESSORA DE GEOGRAFIA).

As manifestações demonstraram o anseio dos professores em relação ao suporte que, segundo sua opinião, deve ser proporcionado pelo pedagogo no dia a dia escolar em diversos aspectos, isto é, tanto em sala de aula como no apoio ao planejamento. É importante enfatizar que a implementação de algumas ações só foi possível graças ao trabalho conjunto entre o pedagogo e o professor. Isso de fato contribuiu para que as ações se tornassem possíveis e apresentassem resultados. Para Libâneo (2010), o trabalho do pedagogo ultrapassa a especificidade das disciplinas da escola. É muito mais abrangente por envolver tudo que está ligado ao processo educacional desde objetivos, questões voltadas aos aspectos psicológico, social e cultural, avaliação, recursos metodológicos e, também e especialmente, aos problemas de aprendizagem dos alunos.

Quando perguntados em que situações recorrem ao pedagogo, as respostas dos professores de Ciências, Matemática e Geografia foram:

Recorro o pedagogo quando preciso planejar e organizar atividades, quando observo que tem alunos com dificuldades, faltosos, onde haja necessidade de interação entre a escola e a família (PROFESSORA DE CIÊNCIAS).

Quando observo que na sala de aula tem alunos com muita dificuldade e para que juntos, professor e pedagogo encontrem propostas do que fazer com este aluno que não consegue aprender (PROFESSORA DE MATEMÁTICA).

Quando percebo problemas relacionados a aprendizagem dos alunos (PROFESSORA DE GEOGRAFIA).

Recorro ao pedagogo quando procuro métodos diferenciados para as turmas e para informar sobre a situação de alunos com dificuldades. Juntos traçamos o melhor caminho, para que os estudantes alcancem uma aprendizagem cada vez mais significativa (PROFESSOR DE CIÊNCIAS).

Reconhecer o pedagogo como um profissional capaz de agregar esforços ao trabalho dos demais integrantes da comunidade escolar, entre eles o professor,

parece-nos algo promissor e leva-nos a acreditar na possibilidade de valorização desse profissional dentro do próprio ambiente escolar, uma vez que não são raras as vezes que ouvimos falas de desrespeito a esta profissão vinda de alguns docentes. Franco (2008) destaca a importância da conexão entre o professor e o pedagogo quando diz que o fazer pedagógico é que sustenta a atividade docente ao mesmo tempo que o trabalho do professor é que fornece subsídios para o saber e para a prática pedagógica.

Questionados se existe preocupação de maneira geral da equipe pedagógica em relação ao trabalho que os docentes realizam nas turmas dos sextos anos, algumas respostas foram:

Sim. Há preocupação com o ensino e aprendizagem dos sextos anos. Levando-se em conta que são turmas que se deve ter um olhar mais abrangente pois estão passando por mudanças significativas em suas vidas (PROFESSORA DE MATEMÁTICA).

Sim. A equipe pedagógica é bem presente, acompanha o trabalho do professor sempre procurando acrescentar informações que agreguem o trabalho e ajudem da melhor forma possível (PROFESSORA DE CIÊNCIAS).

A equipe pedagógica é empenhada em procurar soluções e metodologias que possam melhorar o nosso trabalho e dessa forma, melhorar a aprendizagem dos estudantes. Esta equipe realiza um trabalho que foca na aprendizagem dos alunos incluindo os alunos que apresentam maior fragilidade na aprendizagem (PROFESSOR DE CIÊNCIAS).

Sim. Na sala de aula durante as aulas a equipe pedagógica sempre acompanha como estão sendo desenvolvidos os conteúdos propostos no Plano de Ensino, observando e verificando quais são os alunos que não estão conseguindo aprender. Depois de identificado, o professor e a equipe pedagógica buscam realizar ações que possam ajudar esse aluno em sua aprendizagem (PROFESSOR DE MATEMÁTICA).

Todos os professores reconhecem que há preocupação por parte da equipe pedagógica em relação ao trabalho dos docentes nas turmas de sextos anos. Essa consciência dos professores acerca da importância do pedagogo junto aos planejamentos e trabalhos na sala de aula nos surpreende, mas ao mesmo tempo é motivo de satisfação para nós pedagogos, uma vez que, ao longo da nossa jornada pedagógica, temos presenciado situações em que certos professores demonstram recusa em planejar ou até mesmo a reunir-se com o pedagogo.

O pressuposto segue na direção de que o pedagogo, por sua formação, é um profissional capaz de compreender e intervir na realidade escolar, não apenas em relação às práticas de sala de aula, mas também de gestão, de planejamento e orientação educacional. (SCHVARZ, 2014, p.58).

Os professores foram indagados se existe acompanhamento da equipe pedagógica aos alunos dos sextos anos, incluindo-se aprendizagem, frequência, problemas de saúde que afetam o aspecto cognitivo e comportamental, e todos responderam de forma afirmativa; abaixo, a transcrição de algumas respostas:

Existe acompanhamento inclusive ao aspecto da indisciplina dos alunos dos sextos anos. Desde o início do ano várias intervenções foram feitas (PROFESSOR DE HISTÓRIA).

São realizadas reuniões com os professores e com os pais A equipe pedagógica informa os problemas de saúde que podem prejudicar o aprendizado. Em relação à frequência também há monitoramento e os casos mais extremos são encaminhados ao Conselho Tutelar (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA).

Sempre que há indisciplina, dificuldades de aprendizagem, alunos faltosos, a equipe pedagógica intervém para que os avanços aconteçam (PROFESSORA DE CIÊNCIAS).

Toda vez que é identificado uma dificuldade no aluno é feito o encaminhamento à equipe pedagógica e em seguida a família é chamada para ter ciência e pensar junto à escola, maneiras de melhorar a aprendizagem do aluno (PROFESSOR DE MATEMÁTICA).

Por meio do acompanhamento pedagógico realizado em 2019, uma das primeiras constatações que temos é a aproximação entre as pedagogas e os alunos destas turmas. Assim, foi possível conhecê-los além do aspecto cognitivo. Posto isto, foi possível não só auxiliá-los em suas aprendizagens, mas também aprender com eles, pois diversas vezes foi preciso nos colocar no lugar deles, exercitando a empatia e transcendendo a relação pedagogas e alunos. Nas palavras de Freire,

É preciso, [...] reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria, prescindida da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje (FREIRE, 1996, p. 161).

Perguntamos também aos professores, qual é a maior dificuldade encontrada nos sextos anos, para que a aprendizagem se concretize.

Muitas vezes a falta de atenção atrapalha, fazendo com que a dificuldade seja ainda maior em determinadas modalidades (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA).

Falta de conhecimentos prévios principalmente nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática. Falta da participação da família na escola. Aspectos sócio-econômicos e emocionais (PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA).

A maior dificuldade vem da base da alfabetização dos alunos. A maioria possui uma dificuldade imensa em ler e interpretar textos e imagens o que torna a aprendizagem bem complicada (PROFESSOR DE HISTÓRIA).

A indisciplina por parte de alguns alunos e também a dificuldade de aprendizagem (PROFESSORA DE ARTE).

A falta de conhecimentos prévios e a indisciplina, aspectos peculiares dos alunos dos sextos anos e que estão sempre à tona nas reuniões gerais sobre a aprendizagem na EEEFM Ermentina Leal, foram os mais apontados, como já se previa.

Ocorre que muitos desses problemas foram minimizados nos sextos anos em 2019, devido, em grande parte, à quantidade de aulas com o uso de metodologias diferenciadas e significativas que os professores foram encorajados a realizar. Franco (2012) destaca a importância de o professor repensar o próprio trabalho, pois para esta autora repensar a prática docente é fundamental para que aumente a consciência do professor acerca do seu fazer diário não somente na sala de aula, mas também de maneira global, beneficiando a aprendizagem como um todo.

Nesta direção, Libâneo (2005, p. 76) afirma:

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76).

Outra pergunta foi sobre a percepção dos professores a respeito das possíveis mudanças no comportamento dos alunos dos sextos anos comparando-se o momento atual com o da chegada dos alunos no início do ano de 2019. Todos responderam de forma afirmativa. Abaixo algumas respostas.

Alguns alunos mudaram mediante algumas ações desenvolvidas pela equipe pedagógica (PROFESSORA DE ARTE).

Há uma melhora relacionada ao comportamento e ao compromisso com as atividades (PROFESSOR DE CIÊNCIAS).

Os alunos apresentaram uma melhora na concentração, participação e principalmente no comportamento (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Neste ano, os alunos dos sextos anos chegaram à Escola Ermentina Leal com o comportamento indisciplinar muito elevado e a todo instante foi trabalhado a aprendizagem dos alunos, realizadas reuniões com as famílias, sempre focando a aprendizagem e a disciplina. A proposta de trabalho com o projeto de monitoria nas aulas durante o ano, que resultou na melhoria dos alunos indisciplinados onde procuram fazer as atividades e participar das aulas (PROFESSORA DE MATEMÁTICA).

Após todo o trabalho com os alunos conseguimos verificar que a indisciplina diminuiu e estão mais preocupados em adquirir notas para a aprovação (PROFESSORA DE LÍNGUA PORTUGUESA).

Não podemos atribuir somente ao Projeto de Acompanhamento Pedagógico a melhora percebida pelos professores em grande parte dos alunos dos sextos anos. O que podemos afirmar é que no ano de 2019 esses alunos tiveram a oportunidade de ter profissionais focados em seu desenvolvimento. Conversas individuais e coletivas tornaram a prática docente muito mais participativa. O diálogo é, para Paulo Freire, um importante aliado:

(...) o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. (FREIRE, 1987, p. 39)

4.6 PEDAGOGAS

Na entrevista feita com as duas pedagogas da Escola, abordamos, entre outras questões, o motivo da escolha da profissão, a organização da rotina do trabalho, expectativas dos segmentos em relação ao fazer pedagógico, relações interpessoais, acompanhamento pedagógico de maneira geral e específica das turmas de sextos anos. De acordo com Pimenta (1988), o pedagogo é necessário à escola pública, pois entende-se que o fazer pedagógico não só transcende a sala de aula, mas também é imprescindível para que a escola seja de fato democrática.

Com relação à escolha da profissão:

Sempre gostei da área da educação. A escolha para atuar como pedagoga deve-se ao fato de me sentir realizada nas tarefas do fazer pedagógico, como por exemplo, orientar alunos e professores acerca do processo de aprendizagem (PEDAGOGA A).

Desde criança sempre quis ser professora. Assim, consegui uma bolsa de estudos para fazer o curso de Pedagogia, participei de um processo seletivo por meio de prova e neste ano estou tendo a oportunidade de atuar na área pela primeira vez (PEDAGOGA B).

Observa-se que ambas as pedagogas escolheram esta profissão e realizam-se no dia a dia por meio das atribuições que desempenham. Mariani (2015, p.43) diz que:

Ser pedagogo na contemporaneidade requer comprometimento, competência e dedicação por parte de quem escolhe a arte de ensinar como a arte de educar-se no educar. O pedagogo tem papel fundamental no sistema educacional. Ele busca auxiliar no desenvolvimento de métodos para melhorar o processo de aprendizagem dos educandos e para que estes possam utilizá-los para além da sala de aula.

Ao serem questionadas sobre como ocorre a rotina de trabalho, as pedagogas se manifestaram assim:

Recebo os alunos pela manhã, organizo materiais impressos para os professores, analiso diários de classe, realizo reunião com os professores, organizo horário especial quando necessário, acompanho o rendimento dos alunos. Acompanho os planejamentos, auxílio a coordenadora, enfim, uma série de outras coisas que são atribuições do pedagogo (PEDAGOGA A).

Entre as atividades que realizo no dia a dia, recepciono os alunos na entrada da Escola, organizo a impressão de atividades e avaliações, acompanho os planejamentos e algumas aulas, ministro formações, organizo ações e eventos como por exemplo, Dia da Família na Escola, Plantão Pedagógico, Conselhos de Classe, projetos, faço atendimentos aos pais, monitoro a execução de ações como a monitoria voluntária, entre outros (PEDAGOGA B).

Percebemos através das respostas das pedagogas A e B que o cotidiano do pedagogo na Escola é algo extremamente dinâmico; no entanto, esses profissionais precisam estar focados no que é de fato pedagógico para que não acabem atuando de forma improvisada, resolvendo situações momentâneas e esquecendo-se de uma das principais atribuições, que é o suporte aos professores de maneira geral.

Concordamos com Schvarz (2014), quando diz que “A formação do pedagogo demanda o compromisso com a busca pelo conhecimento acerca das questões educativas e formativas do homem e não somente sobre questões pedagógicas”. Segundo a autora, para isso é necessária a busca constante e, principalmente, é fundamental que este profissional perceba a educação com um olhar crítico para a realidade contemporânea.

Com relação às expectativas dos professores ao trabalho que as pedagogas realizam, elas expressaram as seguintes opiniões:

Infelizmente a função de pedagogo não é muito valorizada por uma parte dos professores. Achem que só levamos mais trabalho para eles. Poucos são os professores que veem o pedagogo como um profissional de valor e que pode fazer diferença na aprendizagem dos alunos (PEDAGOGA A).

Que sejam feitas ações diferenciadas com os alunos (PEDAGOGA B).

A fala da pedagoga A revela-nos que apesar de vivermos em uma sociedade do conhecimento, ainda há certa rejeição ao pedagogo até mesmo por parte de alguns profissionais da Escola, ideia que é corroborada por Libâneo (2001, p. 4):

Apesar disso, a Pedagogia como campo de estudos específicos vive, hoje, no Brasil, um grande paradoxo. Por um lado, está em alta na sociedade. Nos meios profissionais, políticos, universitários, sindicais, empresariais, nos meios de comunicação, nos movimentos da sociedade civil, verificamos uma redescoberta da Pedagogia. Observamos uma movimentação na sociedade mostrando uma ampliação do campo do educativo com a conseqüente repercussão no campo do pedagógico. Enquanto isso, essa mesma Pedagogia está em baixa entre intelectuais e profissionais do meio educacional, com uma forte tendência em identificá-la apenas com a docência, quando não para desqualificá-la como campo de saberes específicos.

Segundo as pedagogas, a valorização dos demais funcionários da Escola e dos alunos a respeito do trabalho pedagógico difere-se da de alguns professores.

Os funcionários de maneira geral nos valorizam mais e somos mais respeitados na nossa função de pedagoga. Também vejo que os estudantes têm respeito e valorizam o nosso trabalho. Sempre nos procuram com solicitações, sugestões que contribuem para o trabalho pedagógico (PEDAGOGA A).

Percebo que a expectativa que os demais funcionários têm em relação ao trabalho do pedagogo é que consigamos trazer melhorias para a escola. E é o que tentamos fazer no dia a dia. Também considero importante a opinião dos alunos. Pois podemos trabalhar levando em consideração os anseios deles (PEDAGOGA B).

Na educação do século XXI, não há mais espaço para indefinição de papéis dos membros de uma escola. O pedagogo não pode mais ser visto como um mero “apagador de incêndios”. Por isso, é importante que ele se prepare para enfrentar os diversos desafios. Neste sentido, Zuchini (2016) afirma que de acordo com as demandas que se apresentam na educação, a formação inicial e a continuada são os suportes necessários aos educadores para que estejam aptos a enfrentar os desafios da sociedade contemporânea.

Um dos desafios que se apresenta aos pedagogos no dia a dia escolar são as atribuições. Elas foram questionadas se é possível diferenciar o que é pedagógico daquilo que é função de outros profissionais da Escola.

Infelizmente o pedagogo não atua apenas na sua função. Ainda ajuda e muito na coordenação, direção e outros setores (PEDAGOGA A).

Por meio de nossas atribuições. Mas muitas vezes precisamos ser muitos firmes no contexto escolar para não desempenhar funções que não são do pedagogo (PEDAGOGA B).

A resposta da pedagoga A expressa uma crença presente em muitas escolas de que o pedagogo está sempre disponível para atender às demandas que se apresentam, como, por exemplo, tirar cópias para os professores quando estes estiverem em sala de aula. De acordo com a nossa experiência, podemos perceber que uma forma de minimizar problemas assim é a elaboração de uma agenda que deve ser afixada em alguns locais da escola contendo a rotina do pedagogo. Ao saber que o pedagogo está acompanhando uma aula, em reunião com outros professores ou tarefa similar, há aqueles que podem vir a repensar as funções do pedagogo e até programarem melhor os seus horários, oportunidade para que possam resolver eles mesmos suas demandas.

Ao serem questionadas acerca dos motivos que levam os professores a recorrerem ao pedagogo, elas disseram:

Alunos faltosos, indisciplinados, baixo rendimento, problemas sócios emocionais (PEDAGOGA A).

Quando precisam de orientações ou mesmo em busca de materiais para uma aula diferenciada ou ainda a correção de avaliações e atividades (PEDAGOGA B).

Ainda contamos nas escolas com professores e até mesmo outros profissionais que não reconhecem na figura do pedagogo alguém que de fato ajude no processo ensino-aprendizagem. Deste modo, percebemos na rotina escolar que não são todos os professores que acreditam que uma conversa com o pedagogo sobre um problema peculiar de um aluno ou de uma turma irá surtir os efeitos esperados. Apenas esperam que seja alguém voltado para a burocracia escolar, como, por exemplo, que analise provas e outros documentos, corrija diários, observe a frequência e atividades afins. Felizmente, esse fato não se aplica a todos os professores. Há, sim, aqueles que veem no pedagogo alguém que pode ajudar no desenvolvimento dos alunos, que possui ideias plausíveis e que por estas e tantas outras razões agrega valor ao trabalho do professor.

Indagadas acerca da importância do Projeto de Acompanhamento Pedagógico, as respostas foram:

O acompanhamento pedagógico é primordial para o processo ensino aprendizagem. Na minha opinião, a maioria das pessoas precisa de alguém para o orientar. Na escola essa é uma das atribuições do pedagogo que não pode passar em branco (PEDAGOGA A).

Por meio do acompanhamento verificamos se o professor está cumprindo com os temas propostos na sua disciplina. Este acompanhamento ocorre nos planejamentos e em sala de aula. O acompanhamento dos alunos acontece em sala de aula e por meio da sinalização dos professores (PEDAGOGA B).

Sobre o acompanhamento ao trabalho dos professores, as duas pedagogas disseram ser uma prática existente na Escola e de extrema importância na opinião delas. Além de nortear a prática docente, o acompanhamento possibilita a melhor organização da formação cultural. De acordo com Saviani (1985), o pedagogo é aquele que, através do trabalho que realiza, acaba criando condições para o acesso à cultura, pois é o profissional que graças às competências que possui pode ter o

domínio dos meios para propiciar o acesso e o apoderamento de toda a cultura disponibilizada ao longo do tempo à humanidade.

Nas quatro perguntas finais do questionário, elas foram indagadas sobre o Projeto de Acompanhamento Pedagógico direcionado aos sextos anos. Com relação ao maior desafio do pedagogo para que a aprendizagem nestas turmas aconteça, elas disseram que:

Fazer com que os professores trabalhem de forma diversificada para atender as diferenças encontradas nestas turmas (PEDAGOGA A).

Fazer com que os professores utilizem metodologias diferenciadas para cativar este aluno, visto que vêm de uma outra escola (PEDAGOGA B).

É comum encontrar uma resistência por parte de alguns professores em trabalhar com metodologias diferenciadas, inclusive nas turmas de sextos anos, em que a indisciplina se faz presente. Mesmo assim, a EEEFM Ermentina Leal teve um grande avanço neste sentido, em 2019, pois muitos professores fizeram uso de recursos e metodologias diferenciadas em suas aulas. Corroborando esta ideia, Souza (2007) diz ser absolutamente possível a utilização de recursos que ajudem na promoção do desenvolvimento da aprendizagem como um todo. Isso até propicia melhoras no processo inerente ao relacionamento do professor e do aluno alinhado ao conhecimento.

Questionadas se existem diferenças do trabalho pedagógico realizado nas turmas de sextos anos e nas demais, responderam de forma afirmativa:

Sim. Ainda são crianças em sua maioria e possuem suas peculiaridades. Realizamos muitas ações específicas aos sextos anos como por exemplo, um projeto de conquista de pontos com direito a uma viagem para a turma que obtiver o melhor desempenho. Presença maior do pedagogo nas salas de aula e diversas outras (PEDAGOGA A).

Sim, pois os sextos anos vêm de uma outra realidade e é difícil até para que eles se acostumem com o novo ambiente escolar (PEDAGOGA B).

As respostas das duas pedagogas revelam que é pertinente levar em consideração as peculiaridades existentes nas turmas de sextos anos em vários aspectos, como o comportamental, o cognitivo, o psicológico e o social. Como vimos

no decorrer deste trabalho, o fato de buscar refletir bem no início do ano sobre as características deste público pode fazer toda a diferença em relação à promoção dos alunos para as séries posteriores.

Sobre as dificuldades enfrentadas pela equipe pedagógica no ano de 2019 para lidar com os sextos anos, as respostas foram as seguintes:

As turmas chegaram muito agitadas e rebeldes sem querer desenvolver as atividades propostas (PEDAGOGA A).

Os sextos anos vêm de outra realidade e é difícil até que eles se acostumem com o novo ambiente escolar (PEDAGOGA B).

O comportamento agitado das turmas de sextos anos na EEEFM Ermentina Leal é uma realidade antiga. Muitas são as possibilidades para explicar isso, como o fato de virem de outras escolas, desconhecendo as normas da nova escola, ou de estarem em uma fase de transformações físicas e emocionais, ou também, pelo fato de muitos alunos, por causa da estrutura de suas famílias, não terem limites suficientes para que possam produzir harmonia e respeito em suas relações interpessoais.

Neste sentido, a equipe pedagógica tem pensado em meios para minimizar alguns desses indicadores; um deles é um trabalho de aproximação realizado no mês de novembro do ano de 2019, em que alunos do quinto ano do Centro Municipal de Educação Básica Álvaro Souza visitaram a EEEFM Ermentina Leal para conhecer o local onde iriam estudar em 2020.

A recepção coube à equipe pedagógica e a alunos do Ensino Médio, que apresentaram, em um aparelho data-show, as normas e regras da Escola, fotos dos ambientes, informações acerca da organização das disciplinas, horários de aulas, projetos da instituição e outros. O objetivo foi propiciar desde o ano anterior uma aproximação e familiarização dos novos alunos com o ambiente onde irão estudar a partir do sexto ano.

Finalmente, indagadas sobre qual a ação pedagógica, desenvolvida em 2019, que mais impactou de forma significativa na aprendizagem dos sextos anos, as respostas foram as seguintes:

As reuniões de pais juntamente com os alunos. A partir daí alguns deles começaram a fazer atividades (PEDAGOGA A).

O projeto Monitoria Voluntária, onde alunos do turno matutino vem à escola dar um apoio aos alunos com maior dificuldade em matemática. Outro é o projeto para melhoria do desempenho com um todo, onde eles ganham estrelas diariamente e ao final a turma que acumular mais estrelas ganhará uma viagem (PEDAGOGA B).

Temos convicção de que a harmonia estabelecida na rotina de trabalho das três pedagogas e a vontade do trio de organizar as ações pedagógicas e o trabalho em equipe junto a alguns professores foram o divisor para que o trabalho nas turmas de sextos anos em 2019 tenha tido um pouco mais de êxito que o desempenho das turmas nos anos anteriores. Sabemos que é um pequeno passo diante de tantas atribuições do pedagogo; porém, deu-nos evidências de que muitas das ações realizadas podem e devem servir de bússola nos próximos anos letivos com estas e outras turmas.

Citando o trabalho de dissertação de mestrado de Mariani (2015, p. 51), “o pedagogo é o responsável em potencializar o próprio Ser Pedagogo, refletir e recriar o fazer pedagógico; por isso, fica a certeza de que são profissionais essenciais na construção da educação de qualidade”.

4.7 DEPOIMENTOS DOS ALUNOS

Achamos pertinente saber a opinião dos alunos sobre o trabalho realizado. Solicitamos aos professores a indicação de nomes para que pudéssemos colher os depoimentos. No dia 4 de outubro de 2019, reunimos os alunos e explicamos o objetivo da reunião, o de que precisávamos que eles respondessem, na semana seguinte, a quatro perguntas acerca do Projeto de Acompanhamento Pedagógico desenvolvido nos sextos anos. Nos dias 8 e 9 de outubro, reunimos os alunos indicados pelos professores e os dois alunos monitores, e a partir de quatro questionamentos (APÊNDICE A), solicitamos que redigissem um pequeno texto, que chamamos de depoimento. A seguir, a transcrição dos depoimentos dos alunos:

Houve melhora no comportamento dos alunos. Há maior interação das turmas nas aulas que fogem à rotina de quadro e caderno. A saída para o mercado foi uma das atividades mais interessantes executadas pela escola, os alunos se envolveram bastante e conseguiram alcançar com êxito o que foi transmitido. Considero válida a orientação da equipe pedagógica pois mostra que nós somos importantes e que a equipe se preocupa conosco e acredito que a demonstração de confiança incentiva muito no comportamento dos alunos de forma que nos sentimos responsáveis pelo nosso futuro (ALUNO A).

Estamos aprendendo e nos divertindo junto. Conseguimos aprender a fazer contas em mercados, jogos e cartazes. As aulas diferenciadas nos ajudaram na parte física que foi o festival de Atletismo e no desenvolvimento das contas, em que tivemos que ir ao supermercado verificar preços e ainda a utilização dos chromebooks na aula de história. Precisamos ser orientados sempre dos melhores caminhos a seguir (ALUNO B).

Melhorei muito nas matérias esse ano. A turma também melhorou. Os sextos anos iam para a coordenação todos os dias e agora diminuiu bastante. Eu não vejo muita reclamação dos alunos dos sextos anos (ALUNO C).

No começo do ano nossa sala era uma das piores da escola. Com o acompanhamento das pedagogas se tornou a melhor dos sextos anos da tarde. Tivemos muitos trabalhos feitos pelas pedagogas e professores que ajudaram na melhora da turma, como o mapeamento de sala, aulas de campo, aulas diferenciadas, reunião de pais com a participação dos alunos e jogos. Penso que essa orientação das pedagogas para os alunos dos sextos anos pois elas nos ajudam a pensar mais no futuro e no presente (ALUNO D).

Em vista do que era a nossa turma melhorou bastante, cumprindo as atividades e também no comportamento. Os professores fizeram aulas diferentes, e a turma gostou muito, porque ninguém gosta de ficar só na sala de aula só copiando dever (ALUNO E).

Nossa turma melhorou bastante pois com o acompanhamento pedagógico passamos a ter mais aulas diferentes, como as aulas de campo, que nos ajudaram a aprender melhor e com o tempo passamos a ser a melhor sala dos sextos anos. Acho muito importante as orientações das pedagogas para entendermos que sem os estudos não teremos futuro nenhum (ALUNO F).

Uma das ações implementadas na Escola em 2018 e que em 2019 foi destinada às turmas dos sextos anos, dentro do Projeto de Acompanhamento Pedagógico, foi o projeto Monitoria Voluntária, em que alunos dos oitavos e nonos anos auxiliam alunos com dificuldade na disciplina de Matemática no turno oposto ao que estudam. Algumas adequações foram feitas ao projeto, e os resultados podem ser percebidos nas falas dos alunos que receberam auxílio e também nas daqueles que foram monitorados.

O trabalho da monitoria me ajudou muito pois tenho muita dificuldade em matemática. Sem a monitoria não teria tido melhoras nesta matéria (ALUNO G).

Acho que melhorei no aprendizado. Estou aprendendo mais. Se não tivesse tido essa melhora não passaria de ano (ALUNO H).

Com este projeto os alunos foram ajudados, pois é mais fácil aprender com alguém ao lado. Eles gostam bastante de ter monitor e uma forma de perceber isso, é que na maioria das vezes eles vão até os monitores pedir ajuda sem precisar que o professor indique alunos para serem atendidos. O projeto vem dando resultados. Os alunos que são ajudados demonstram avanços no aprendizado e melhorias nas notas (ALUNO MONITOR A).

Os alunos com dificuldades acabaram tendo mais facilidade em realizar as atividades de matemática com o monitor ao lado. Alguns gostam bastante outros demonstram ter vergonha e não querem alguém para “pegar no pé deles” mas no geral esses alunos precisam de uma atenção maior e acabam acompanhando os demais e melhorando o desempenho escolar (ALUNO MONITOR B).

Os alunos dos sextos anos são em sua maioria crianças e adolescentes desprovidos do grau ideal de maturidade. Não conseguem enxergar a importância dos estudos e precisam de orientação. Alguns professores estão atentos a essa necessidade e o fazem na medida do possível; os docentes, porém, já estão bastante ocupados pela incumbência que têm de transmitir os conteúdos e as tarefas atreladas a isso como, por exemplo, planejamento de aulas e elaboração de diários. Na maioria das vezes, é o pedagogo que realiza o processo de orientação; entretanto, ele não tem somente uma série ou ano específicos para acompanhar, pois possui outras atribuições.

Nesse cenário, observa-se que iriam ser agregadas muitas habilidades à vida acadêmica dos alunos, se, ao chegarem às suas casas, tivessem um suporte e ao mesmo tempo acompanhamento de suas famílias para que, retornando à escola nos dias posteriores, as tarefas tivessem sido cumpridas, o hábito da leitura tivesse sido incentivado, enfim, que houvesse uma complementação cotidiana ao trabalho que a escola realiza.

Pela análise das falas dos entrevistados, é possível reconhecer que muito tem sido feito pelas pedagogas da EEEFM Ermentina Leal para melhorias no processo de ensino-aprendizagem, afinal, reconhecemos a complexidade do fazer educativo, em especial, a importância de o professor entender e respeitar os tempos e modos diferentes para o aluno aprender.

De forma geral, percebemos nas falas dos sujeitos uma crescente valorização do pedagogo; muitos profissionais da Escola, entre os quais os professores entrevistados e funcionários do setor administrativo, reconhecem a importância deste profissional como elemento de apoio ao trabalho do professor. E isso há de ser comemorado, pois observamos nas falas das próprias pedagogas, sujeitos desta pesquisa, que esse fato ainda não é consenso no grupo de docentes da EEEFM Ermentina Leal; nessa linha de raciocínio, surge um grande desafio ao pedagogo: maximizar a presença e o trabalho a fim de que os seus esforços sejam cada dia mais vistos e quiçá reconhecidos.

Outra dificuldade citada pelas pedagogas diz respeito à constatação, por elas próprias, de ainda estarmos longe de convencer a totalidade dos docentes a utilizarem em suas aulas Metodologias Ativas de Ensino, aquelas em que o aluno é protagonista no ato de aprender. Muitos ainda temem sair de suas zonas de conforto e optam por fazer o trivial e o rotineiro. O pedagogo não pode desistir de alcançar estes professores e convencê-los a testarem novos métodos, colocando-se também como aliado e parceiro nesta jornada.

É pertinente registrar que na opinião dos professores e dos funcionários que foram ouvidos, uma das barreiras para efetivar a aprendizagem nos sextos anos reside na fragilidade de conteúdos que estes alunos apresentam. Problematizar esta questão com os profissionais envolvidos com a educação dos anos iniciais do Ensino Fundamental I pode ser válido. Esforços precisam ser incrementados para fazer com que as famílias dos alunos de sextos anos sejam parceiras na educação formal de seus filhos. Sem o apoio das pessoas que passam a maior parte do tempo com os nossos alunos, as dificuldades na aprendizagem tendem a ser obstáculos para os educadores.

Por meio da fala dos responsáveis entrevistados, constatamos a confiança no trabalho pedagógico desenvolvido e que, através dele, os alunos têm atingido níveis de aprendizagem que têm superado as dificuldades e surpreendido os seus pais.

Os alunos entrevistados nos deram o *feedback* de que precisávamos para ter a certeza de que aulas diferenciadas foram de grande valia para eles, pois na opinião dos próprios alunos, os professores conseguiram ir além de dar aulas, utilizando recursos tradicionais como o livro didático e o quadro. As aulas práticas conseguiram atrair a atenção e envolver os alunos de forma a facilitar e a promover a aprendizagem.

Valorizamos cada opinião expressa nesta pesquisa, pois ao mesmo tempo que ouvimos os alunos, o público que atendemos diariamente, tivemos a oportunidade de conhecer o que pensam professores, funcionários e os pais acerca do trabalho do pedagogo, fazendo-nos constatar que muitos são os desafios, mas valiosas podem ser as contribuições deste profissional para a concretização da aprendizagem nas turmas de sextos anos.

4.8 CARTILHA PEDAGÓGICA

Após a descrição do passo a passo das ações resultantes do Projeto de Acompanhamento Pedagógico, temos consciência de que muito ainda há que ser pesquisado, pois a educação é algo em constante mudança e por isso as pesquisas provenientes da pedagogia nunca poderão ser encerradas. No entanto, as ações colocadas em práticas em muito agregaram ao nosso conhecimento pedagógico; através delas, comprovamos que ações simples, mas possíveis de serem implementadas, podem ser de grande valia no processo ensino-aprendizagem.

Desta forma, atendendo a um dos objetivos da pesquisa, foi elaborada a partir das ações executadas no Projeto de Acompanhamento Pedagógico a “Cartilha Pedagógica” (APÊNDICE B) que apresenta as estratégias utilizadas pela equipe pedagógica da EEEFM Ermentina Leal para lidar com as dificuldades de aprendizagem nas turmas de sextos anos do Ensino Fundamental.

É necessário ao pedagogo aprimorar a cada dia a aprendizagem das relações interpessoais, lidando harmoniosamente com as diferenças, inclusive a dos adultos. O estudo nos fez reconhecer que a teoria e a prática complementam-se. Neste sentido, causa-nos orgulho a elaboração da “Cartilha Pedagógica” que orienta pedagogos e demais profissionais da educação a como proceder para implementar as ações que fizeram parte do nosso trabalho de acompanhamento pedagógico e que podem vir a ser experimentadas em outras escolas.

Ainda é pertinente destacar que o foco do trabalho enquanto pedagogos é a busca constante pela melhoria na efetivação do processo de ensino e aprendizagem e, por não atuarmos diariamente em sala de aula, precisamos estar em contato direto com os professores e alunos.

Esta cartilha faz parte da pesquisa de mestrado e será publicada como produto final a partir deste trabalho, com o objetivo de compartilhar a nossa experiência e,

quem sabe, contribuir com o trabalho de outros pedagogos, uma vez que todas as ações propostas possuem viabilidade de serem implementadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao término deste trabalho, foi possível verificar que no contexto escolar muitos são os desafios, porém, em proporção bem maior, muitas podem ser as contribuições do pedagogo para a aprendizagem dos alunos dos sextos anos do Ensino Fundamental e para a escola como um todo. Entre os desafios – talvez o maior – encontra-se a questão da desvalorização deste profissional por parte de alguns colegas do trabalho que ainda não veem nele alguém com devida importância para a engrenagem que é a escola. Essa descrença torna muitas vezes o próprio local de trabalho um ambiente hostil ao profissional, o que faz com que seja necessário ao pedagogo transcender seu aspecto emocional para conseguir cumprir suas atribuições.

Ainda falando de desafios, este trabalho possibilitou a concretização de algo que na nossa prática como pedagoga já se tinha percepção: é urgente a necessidade de apoio das famílias para que os resultados relacionados à aprendizagem consigam ser sempre melhorados. Os depoimentos de professores, funcionários da Escola e dos pais entrevistados comprovam as expressivas melhorias nos aspectos atitudinal e cognitivo dos alunos dos sextos anos. No entanto, o período em que estas crianças passam na escola é bem pouco se comparado com o restante do tempo fora da instituição, tempo este que também vai impactá-las de algum modo.

Os resultados nas provas e nos trimestres – principalmente no que diz respeito às disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática –, também apontam melhorias nas notas dos alunos se comparadas ao início do ano letivo. Atribuímos esse fato não só a uma ou outra ação, mas também ao trabalho conjunto realizado entre a equipe pedagógica e os professores dos sextos anos.

Por este motivo, temos muita segurança e convicção de que o nosso trabalho pode servir de fonte de pesquisa a outros pedagogos se considerarmos principalmente que as ações realizadas nas turmas de sextos anos são passíveis de ser implementadas em qualquer outra instituição, afinal, não se trata de ideias mirabolantes, mas de um trabalho pautado na simplicidade de estratégias que são feitas no dia a dia e que demandam articulação, trabalho em equipe e registro de tudo o que for realizado.

Muitos são os desafios inerentes a essa profissão. Além de vivenciá-los na nossa prática pedagógica, esta pesquisa nos possibilitou a oportunidade de conhecer a opinião de outros estudiosos sobre ela.

Ficou evidente que as práticas educativas articuladas e desenvolvidas pela equipe pedagógica, junto aos professores nas turmas de sextos anos, contribuíram de forma significativa para o aspecto cognitivo dos alunos, sem que abrissemos mão da preocupação com a formação humana. Neste sentido, foram desenvolvidas aulas que abordaram alguns temas transversais, destacando-se ética, cidadania e meio ambiente.

Não acreditamos em receitas prontas ou respostas definitivas. Mas estamos abertos a esse desafio que é dialogar com o real, considerando para isso vários aspectos, inclusive o da diversidade, e as particularidades, entre elas, a Inteligência socioemocional.

Tivemos muitas dificuldades – e cautelosamente foram vencidas uma a uma – para chegar à conclusão deste trabalho; todas serviram para nos fortalecer e nos trazer muitos ensinamentos, em especial o de que o conhecimento é algo extremamente prazeroso e que muito tem a contribuir para a nossa autoafirmação enquanto seres humanos que podem vir a ser capazes e ainda para nos fazer ter a certeza de que estar na educação procurando tornar a nossa prática pedagógica cada dia melhor e mais significativa é a nossa meta.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Referenciais para construção de sistemas educacionais inclusivos – a fundamentação filosófica – a história – a formalização**. Versão preliminar. Brasília: MEC/SEESP, 2003.
- _____. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 2006.
- BOCK, Ana Mercês Bahia (Org). **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva. 2002.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S.K. **Qualitative Research for Education**. Boston: Allyn and Bacon, 1982.
- BRASIL. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União. Brasília, nº 248, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**. Lei Darcy Ribeiro nº 9.394/96. Brasília-1998.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 15 de abril de 2019.
- BRASIL. Portaria 034. Regimento comum das escolas da rede estadual de ensino do estado do Espírito Santo. **Diário Oficial do Estado do Espírito Santo**, Vitória, ES, 2010, p. 21-22 e 24-25.
- BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogo: delineando identidades**. In: **Revista UFG**, julho 2011, ano XII, nº 10 p. 123.
- _____. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- COMÊNIO, Jan Amós. **Didáctica magna**. 4. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- COPETTI, Jordano. **Dificuldades de aprendizado: manual para pais e professores**. Curitiba: Juruá, 2012.
- CORDIÉ, Anny. **Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas (1996).
- Correia, M. C. **A Observação participante enquanto técnica de investigação**. *Pensar Enfermagem*, 13 (2), 30-36. (1999).
- DALMAS, A. **Planejamento participativo na escola: elaboração acompanhamento e avaliação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Educação matemática: da teoria à prática**. Campinas: Papirus, 2012.

DIESEL, Aline; MARCHESAN, Michele Roos; MARTINS, Silvana Neumann. **Metodologias Ativas de Ensino na Sala De Aula: Um Olhar de Docentes da Educação Profissional Técnica de Nível Médio**. 2016. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/1008>. Acesso em 2 de Novembro de 2019.

DOMINGUES, M. H. M. S. **A escola de primeiro grau: passagem da 5º para 6º ano**. Tese de doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, PUC, 1995.

EDUCAÇÃO EM FOCO. Disponível em: <https://conteudo.focobrasil.com.br/jpp/relatorio/> Acesso em: 28 de novembro de 2018.

FUSARI, J. C. **O planejamento do trabalho pedagógico: algumas indagações e tentativas de respostas**. FDE: Idéias, n. 8, 1990.

FRANCO, Maria A. do R.S. **Pedagogia como ciência da educação**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Pedagogia e prática docente**. 1. Ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Ed. Cortez, 1990.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra (coleção leitura), 1996.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

GARCÍA SÁNCHEZ, Jesús-Nicasio. **Dificuldades de aprendizagem e intervenção psicopedagógica**; tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

GÓMEZ, A. I. Pérez. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

INSTITUTO UNIBANCO. **Curso Gestão Escolar para Resultados de Aprendizagem**. Módulo: APOIO AO CIRCUITO DE GESTÃO. Disponível em: <https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/pdf%20e%20Arquivos/Caderno%20Curso%20GEpR-1.pdf>. Acesso em: 28 de setembro de 2019.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/inep-divulga-dados-ineditos-sobre-fluxo-escolar-na-educacao-basica/21206. Acesso em 13 de Outubro de 2019.

JARDIM, A. P. **Relação entre Família e Escola**: Proposta de Ação no Processo Ensino Aprendizagem. Presidente Prudente: Unoeste, 2006.

KARNAL, Leandro. **Sala de aula é o espaço da destruição da estabilidade psíquica de educadores**. 2017. (5m46s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=by-0HhKSQ18>. Acesso em: 24 de julho de 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. Perspectivas de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo. **Revista Pensar a Prática**, Goiás, v. 1, p. 1- 22, jan./jun. 1998.

_____. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Educar, Curitiba, 2001. Editora da UFPR. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf> Acesso em 17 de Outubro de 2019

_____. **Pedagogia e Pedagogos, para que?** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

_____. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MALDONADO, M. T. **Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir.** São Paulo: Saraiva, 2002.

MARIANI, Inês Kumiechick. **O ser pedagogo na contemporaneidade em meio à emergência da diversidade como alteridade.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Oeste de Santa Catarina.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conheca-o-ideb>. Acesso em 02 de Novembro de 2019.

MORAIS, Regis de. **O que é ensinar.** São Paulo: EPU, 1986.

MORETTO, Vasco Pedro. **Planejamento: planejando a educação para o desenvolvimento de competências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vigotsky - aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.** SP: Scipione, 2009.

PAEBES. O PROGRAMA. Disponível em: <http://www.paebes.caedufif.net/o-programa/historico/> Acesso em: 02 de junho de 2019.

PEREIRA, D. S. C. O significado de aprender o número. In: **Encontros com Sara Paín.** PARENTE, S. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2000, p.25.

PERRENOUD, P. **La formation des enseignants entre théorie et pratique.** Paris: L'Harmattan, 1994.

PIMENTA, Selma Garrido. **O pedagogo na escola pública.** São Paulo: Loyola, 1988.

_____. **O pedagogo na escola pública.** Loyola: São Paulo, 1991.

PORTARIA 143-R de 17/11/2009. **Proposta Político Pedagógica da EEEEFM Ermentina Leal.** 2013.

REIS, Risolene Pereira. In. **Mundo Jovem**, nº. 373. Fev. 2007, p.6

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira. **Um gosto amargo de escola: relações entre currículo, ensino e fracasso escolar.** São Paulo: Iglu, 2004.

SANCHES, Leticia Rocha Justino. **PEDAGOGO NA CULTURA DIGITAL: contribuição do design educacional para a práxis da polidocência no contexto híbrido.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) - Centro de Educação, Filosofia e Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

SAVIANI, D. **O sentido da pedagogia e o papel do pedagogo**. In: **Revista ANDE**. São Paulo: Cortez, 1985.

_____. **A Pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHNEIDER, M. S. P. S. **A Produção de conhecimento e a ambientação de formação de professor**. 2008. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

SCHVARZ, Liliani Hermes Cordeiro, **A esfera da cotidianidade e da não-cotidianidade: desafios e limites na ação do pedagogo na escola**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Guarapuava.

SIGOLO, S. R. L. e LOLLATO, S. O. (2001). **Aproximações entre escola e família: um desafio para educadores**, In: CHAKUR, C. R. de S. L. (org). Araraquara: FCL/Laboratório Editorial / UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Problemas da educação sob o olhar da psicologia. Editora.

SILVA, Carmem Silvia Bissoli da. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOARES, Marcos Aurélio Silva. **O pedagogo e a organização do trabalho pedagógico**. Curitiba: Ibpex, 2011.

SOUZA, Denise Trento de. Entendendo um pouco mais sobre sucesso (e fracasso) escolar: ou sobre os acordos de trabalho entre professores e alunos. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Autoridade e Autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1999.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: **I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM**. Maringá, 2007. Arq. Mudi. Periódicos.

VITTI, C. M. **Matemática com prazer, a partir da história e da geometria**. São Paulo. Editora UNIMEP, 1999.

VINTEN, G. Participant observation: A model for organizational investigation? **Journal of Managerial Psychology**. Bradford, 9 (2), 30, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5.ed. São Paulo (Brasil): Martins Fontes, 1996.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

XAVIER, O.S. & FERNANDES, R.C. A. **A Aula em espaços não-convencionais**. In: VEIGA: I. P. A. Aula: Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas. Campinas: Papirus Editora. 2008.

ZUCHINI, A. T. F. S. **O PERFIL PROFISSIONAL DO PEDAGOGO A PARTIR DOS DOCUMENTOS DA ANFOPE: contribuições para o campo da Pedagogia**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

APÊNDICE A



Entrevista com funcionários que lidam com os sextos anos da EEEFM

Ermentina Leal

Prezado Sr^o (a)

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação - da mestranda Elizabete Rodrigues Pereira - que se encontra em andamento no ano de 2019 na Faculdade Vale do Cricaré, localizada no município de São Mateus (ES). Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Dissertação de Mestrado), destacando-se que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião. Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Obrigado pela sua colaboração!

1- Nome: _____

2- Formação: _____

3- Função que desempenha na escola: _____

4- Na sua opinião, o trabalho do pedagogo pode impactar no desenvolvimento dos alunos das turmas de sextos anos? Justifique:

5- Você percebe preocupação da equipe pedagógica específica com a aprendizagem das turmas dos sextos anos? Justifique:

6- Existe acompanhamento da equipe pedagógica dos alunos dos sextos anos (alunos com dificuldades de aprendizagem, problemas de saúde, frequência, comportamento)?

7- De acordo com a sua vivência no ambiente escolar, quais são os maiores desafios para que a aprendizagem dos sextos ocorra?

8- Você percebe mudanças no comportamento dos alunos dos sextos anos comparando o momento atual com o momento em que chegaram nesta escola?
Se sim, quais?

9- Existe algum trabalho desenvolvido no ano de 2019 nas turmas de sextos anos que, na sua opinião, contribuiu para a melhoria das turmas no aspecto da aprendizagem e no do social? Se sim, descreva:



Entrevista com os pais de alunos de sextos anos da EEEFM Ermentina Leal

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação - da mestranda Elizabete Rodrigues Pereira - que se encontra em andamento no ano de 2019 na Faculdade Vale do Cricaré, localizada no município de São Mateus (ES). Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Dissertação de Mestrado), destacando-se que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião. Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Obrigado pela sua colaboração!

- 1- Nome: _____
- 2- Formação: _____
- 3- Responsável pelo aluno:
- 4- Você acompanha a vida escolar do seu filho?
() Sim () Não
- 5- Se sim, como esse acompanhamento ocorre? Descreva:
- 6- Já havia percebido alguma dificuldade de aprendizagem no seu filho?
() Sim () Não
Em caso afirmativo, quais?
- 7- Existe alguma disciplina em que ele se destaca?
() Sim () Não
Em caso afirmativo, quais?
- 8- Percebeu se ele teve dificuldades de aprendizagem na transição do 5º para o 6º ano?
() Sim () Não
Se sim, justifique: Como você avalia o trabalho de acompanhamento pedagógico desenvolvido pela escola neste ano na turma do seu filho (a)?
- 9- Você percebe mudanças na aprendizagem do seu filho comparando o momento atual com o momento em que chegou na EEEFM Ermentina Leal?
() Sim () Não
Em caso afirmativo, quais?

- 10- Você percebe preocupação da equipe pedagógica específica com a aprendizagem da turma que o seu filho estuda? Justifique:
- 11- Você participa das ações pedagógicas que a Escola realiza? () Sim () Não
Em caso afirmativo, quais?
- 12- Existe algum trabalho desenvolvido no ano de 2019 na turma do seu filho em que você percebeu entusiasmo da parte dele? Se sim, descreva:
- 13- Em relação ao trabalho que a escola faz na turma que o seu filho estuda, o que ainda pode melhorar?



Entrevista com os professores de sextos anos da EEEFM Ermentina Leal

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação - da mestranda Elizabete Rodrigues Pereira - que se encontra em andamento no ano de 2019 na Faculdade Vale do Cricaré, localizada no município de São Mateus (ES). Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Dissertação de Mestrado), destacando-se que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião. Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Obrigado pela sua colaboração!

- 1- Nome: _____
- 2- Formação: _____
- 3- Tempo de experiência no Magistério: _____
- 4- Tempo de experiência de trabalho nos sextos anos: _____
- 5- Disciplina que atua: _____
- 6- Que expectativas você tem quanto ao trabalho do pedagogo?
- 7- Em que situações você recorre ao pedagogo?
- 8- Existe diferença no planejamento de aulas para o sexto ano e para outras turmas?
- 9- Existem particularidades nas turmas de sextos anos que devem ser observadas visando à aprendizagem dos alunos?
- 10- De maneira geral, existe preocupação da equipe pedagógica com o trabalho que você realiza nas turmas dos sextos anos?
- 11- Existe acompanhamento da equipe pedagógica aos alunos dos sextos anos (alunos com dificuldades de aprendizagem, problemas de saúde, frequência, comportamento)?
- 12- Em relação aos sextos anos, qual é a maior dificuldade encontrada para que a aprendizagem se concretize?
- 13- Você percebe mudanças no comportamento dos alunos dos sextos anos comparando o momento atual com o momento em que chegaram nesta escola?
Justifique:



Entrevista com as pedagogas de sextos anos da EEEFM Ermentina Leal

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma dissertação de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação - da mestranda Elizabete Rodrigues Pereira - que se encontra em andamento no ano de 2019 na Faculdade Vale do Cricaré, localizada no município de São Mateus (ES). Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins acadêmicos (Dissertação de Mestrado), destacando-se que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião. Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Obrigado pela sua colaboração!

- 1- Nome: _____
- 2- Tempo na função de Pedagoga: _____
- 3- O que a motivou na escolha desta profissão?
- 4- Descreva um pouco da rotina do seu trabalho:
Quais as principais atribuições de um pedagogo?
- 5- Que expectativas você acha que os professores têm quanto ao seu trabalho?
- 6- Que expectativas você acha que os diferentes setores da escola têm quanto ao seu trabalho?
- 7- Que expectativas você acha que a sociedade tem quanto ao seu trabalho?
- 8- Qual é a importância da opinião dos estudantes?
- 9- Que conexões são possíveis fazer entre o trabalho pedagógico e a qualidade da educação?
- 10- Como é possível diferenciar o que é especificamente uma intervenção pedagógica daquilo que é função de outros profissionais?
- 11- No dia a dia da escola, quais motivos levam os professores a recorrerem ao pedagogo?
- 12- É importante o pedagogo acompanhar o trabalho dos professores? Por quê? Como isso acontece? E de que maneira se desenvolve o acompanhamento dos alunos na escola?

13- Em se tratando da aprendizagem dos alunos dos sextos anos, qual (s) tem sido, o maior desafio do pedagogo?

14- Existem diferenças do trabalho pedagógico realizado nos sextos anos e nas demais turmas?

15- Houve dificuldades enfrentadas pela equipe pedagógica em relação à chegada dos alunos de sextos anos, específicas ao ano de 2019?

16- Existe alguma ação pedagógica desenvolvida neste ano especificamente nas turmas de sextos anos que, na sua opinião, impactou mais que as outras na aprendizagem? Se sim, descreva:

Perguntas aplicadas aos alunos

- 1- Houve melhorias na sua turma a partir do trabalho de acompanhamento pedagógico realizado pelas pedagogas?
- 2- Na sua opinião, as aulas dadas com a utilização de recursos diferenciados, além do livro didático e do quadro, melhoraram o interesse dos alunos?
- 3- Quais das ações realizadas na sua turma tiveram maior participação dos alunos?
- 4- Você considera importante a orientação da pedagoga sobre a importância dos estudos para alunos dos sextos anos?

APÊNDICE B

CARTILHA PEDAGÓGICA

Estratégias para lidar com as dificuldades de aprendizagem nas turmas de sextos anos do Ensino Fundamental



CARTILHA PEDAGÓGICA

São Mateus – ES
Novembro – 2019

APRESENTAÇÃO

Esta Cartilha tem por finalidade propor sugestões de trabalho a serem desenvolvidas com turmas do Ensino Fundamental com dificuldades de aprendizagem e com resultados abaixo do esperado. Trata-se de proposições para auxiliar a prática pedagógica.

O presente documento reproduz algumas ações pedagógicas implementadas em quatro turmas de sexto ano por meio de um Projeto de Acompanhamento Pedagógico na EEEFM Ermentina Leal, localizada no distrito de Vila do Riacho, no município de Aracruz (ES).

Sob a responsabilidade da equipe pedagógica formada pelas pedagogas Elizabete Rodrigues Pereira, Josete Miranda Fraga Verissimo e Luana Guilherme Lichtenheld da Silva, o trabalho teve como objetivo principal investigar a atuação do pedagogo da EEEFM Ermentina Leal diante das dificuldades de aprendizagem dos alunos das turmas dos sextos anos.

As atividades ocorreram durante todo o ano letivo de 2019 e resumem-se a, entre outras ações, reuniões pedagógicas com professores, com os pais e com os alunos; à tomada de decisões relacionadas à indisciplina; à presença da equipe pedagógica em sala de aula auxiliando os professores; ao planejamento e à execução de aulas diferenciadas; ao apoio e ao subsídio ao planejamento; à implementação do projeto de “Monitoria Voluntária”.

Este trabalho desencadeou-se a partir de uma pesquisa de Mestrado, na Faculdade Vale do Cricaré, localizada em São Mateus (ES), realizada pela pedagoga Elizabete Rodrigues Pereira e serviu para alavancar diversas melhorias no comportamento e no aprendizado dos alunos dos sextos anos, conforme mostram os resultados no decorrer dos trimestres e os depoimentos dos familiares entrevistados, dos professores, dos funcionários da instituição, das pedagogas e dos alunos.

É importante salientar a importância do trabalho em equipe entre as pedagogas, professores e outros funcionários da instituição. Temos convicção de que a efetivação e o sucesso das ações pedagógicas só se tornaram possíveis graças às parcerias que se estabeleceram no dia a dia.

Com a elaboração desta Cartilha, pretende-se primeiramente divulgar um trabalho realizado em que houve consenso na Comunidade Escolar acerca das melhorias resultantes nas turmas por meio das ações. Ao mesmo tempo queremos sugeri-la

como ferramenta de apoio à prática pedagógica que pode vir a ser experimentada em outras escolas.

Nas próximas páginas, a apresentação das ações pedagógicas com o objetivo e a descrição de cada uma delas. Vale ressaltar que algumas ações aparecem descritas mais de uma vez por apresentarem objetivos diferentes.

Vila do Riacho, novembro de 2019.

Elizabete Rodrigues Pereira
Autora e coordenadora do Projeto

SUMÁRIO

Reunião Pedagógica com os professores de Língua Portuguesa e Matemática	117
Reunião Pedagógica com os professores das turmas em que o trabalho será realizado	118
Mapeamento de lugares em sala de aula	119
Reunião Pedagógica com as famílias	120
Reunião Pedagógica com os professores.....	121
Implementação de Monitoria Voluntária	122
Reunião entre a equipe pedagógica, professores e alunos monitores.....	123
Participação da pedagoga em sala de aula durante recuperação trimestral.....	124
Reunião Pedagógica com as famílias	125
Acompanhamento de uma aula com utilização de recursos tecnológicos (<i>Chromebooks</i>)	126
Planejamento e execução de uma aula com visitação a locais do bairro onde são depositados lixos.....	127
Planejamento e realização de uma aula em que os alunos visitam supermercados do bairro	128
Planejamento e execução de uma aula com trabalhos realizados na horta da escola.....	129
Presença da equipe pedagógica em sala de aula.....	130
Planejamento e execução de uma aula com exibição de filmes.....	132
Tomada de decisões relacionadas à indisciplina das turmas de sextos anos.....	132

Ação

Reunião com os professores de Língua Portuguesa e Matemática.

Objetivo

Analisar os resultados da Avaliação Diagnóstica.

Descrição da Ação

A equipe pedagógica pode reunir os professores das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática logo no início do ano letivo, para discutir ações a serem implementadas a partir dos resultados da avaliação diagnóstica, que, na maioria das vezes, precisam ser alavancados. Por meio de trabalho conjunto, podem ser pensadas ações que propiciem melhorias na aprendizagem dos alunos. Nesta reunião devem ser analisadas as planilhas tabuladas pelos professores com observações sobre a situação individual de cada aluno.

Ação

Reunião geral com os professores das turmas em que o trabalho será realizado.

Objetivo

Apresentar os resultados das avaliações diagnósticas e definir ações a serem implementadas dentro de um Projeto de Acompanhamento Pedagógico.

Descrição da Ação

É importante que os resultados das avaliações diagnósticas sejam analisados e discutidos com todos os professores das turmas em que o Projeto de Acompanhamento Pedagógico será desenvolvido. Sob essa perspectiva, é válido reunir o coletivo dos professores não só para informar acerca dos resultados obtidos nas avaliações diagnósticas, mas também para discutir ações que possam impactar na melhoria da aprendizagem dos alunos.

Ação

Mapeamento de lugares em sala de aula.

Objetivo

Otimizar a organização dos lugares dos alunos na sala de aula, priorizando os lugares mais próximos dos professores para aqueles com dificuldades de aprendizagem.

Descrição da Ação

Uma das ações que pode ser realizada nas turmas do Ensino Fundamental é o que chamamos na Escola de “mapeamento de sala”. Trata-se de localizar os alunos nos lugares que, de acordo com o entendimento dos professores, são os mais apropriados para cada estudante. Para organizar os lugares, é importante contar com a colaboração dos professores que, preferencialmente, têm maior conhecimento do comportamento e do nível de aprendizagem dos alunos. É comum haver algumas resistências por parte dos alunos em querer permanecer no lugar onde se sentavam. Por isso, às vezes uma orientação pedagógica acerca do motivo da troca de lugar é salutar. Após o mapeamento, a nova ordem deve ser afixada nas salas e entregue uma cópia a cada professor. É interessante pontuar que tal ação não pode ser feita e esquecida. Assim como todas as outras intervenções, o mapeamento precisa ser monitorado, conversas precisam ser repetidas, e os professores, lembrados da importância do mapeamento.

Ação

Reunião pedagógica com as famílias.

Objetivo

Informar acerca do desempenho dos alunos na avaliação diagnóstica e da necessidade do acompanhamento familiar.

Descrição da Ação

Um dos maiores problemas vivenciados pelos profissionais da escola no dia a dia é a ausência da família para acompanhar e auxiliar a escola nos possíveis problemas relacionados à vida escolar dos alunos. Por isso, ter a presença e o apoio da família deve ser uma das metas trilhadas durante toda a execução do projeto de acompanhamento pedagógico. Desta forma, a equipe pedagógica precisa organizar um cronograma de reuniões com os pais, para que, já na primeira, possa apresentar os resultados da avaliação diagnóstica e o Projeto de Acompanhamento Pedagógico, apontando os problemas e sinalizando ideias que venham a sanar ou pelo menos minimizar os referidos problemas.

Ação

Reunião da equipe pedagógica com os professores.

Objetivo

Informar aos professores sobre o contexto familiar e possíveis problemas, como o de saúde, por exemplo, identificados nas reuniões da equipe pedagógica com as famílias.

Descrição da Ação

Durante os meses em que o Projeto de Acompanhamento Pedagógico for realizado, a equipe pedagógica precisará realizar reuniões mensais ou bimestrais com os professores para dar-lhes *feedbacks* acerca das reuniões que forem realizadas com os familiares dos alunos e até mesmo para saber dos docentes as informações relacionadas ao desenvolvimento de aprendizagem dos alunos.

Ação

Implementação de monitoria voluntária.

Objetivo

Subsidiar os alunos com dificuldades de aprendizagem com ensinamentos de alunos monitores.

Descrição da Ação

Uma das ideias que pode fazer parte de um Projeto de Acompanhamento Pedagógico é a “Monitoria Voluntária”. Trata-se de trabalhar com alunos que possuem facilidade em aprendizagem para ensinar os que têm algum grau de dificuldade. No projeto desenvolvido na EEEFM Ermentina Leal, foram convidados a participar os alunos dos oitavos e nonos anos por serem os maiores alunos do Ensino Fundamental e ao mesmo tempo ainda não terem os compromissos peculiares do Ensino Médio. Programas de menor aprendiz, por exemplo. A partir de um horário específico de monitoria elaborado e acompanhado pelas pedagogas, os alunos se deslocam à escola uma, duas ou três vezes na semana auxiliando os alunos dos sextos anos, onde o Projeto de Acompanhamento Pedagógico foi desenvolvido no ano de 2019. Todo o trabalho deve ser monitorado com a sensibilização aos alunos que se encaixam no perfil de monitor e demonstram comprometimento e responsabilidade para atuar como monitor, uma vez que desempenhar tal função demanda disponibilizar uma parte do seu tempo voluntariamente, neste caso, o contraturno. Também é ideal que se firmem parcerias, como a que foi realizada com uma empresa localizada na própria comunidade que apoiou o projeto doando as camisas para que os monitores pudessem atuar uniformizados.

Ação

Reunião entre a equipe pedagógica, os professores e os alunos monitores.

Objetivo

Avaliar o desenvolvimento do projeto “Monitoria Voluntária”.

Descrição da Ação

Periodicamente devem ser realizadas reuniões com a equipe pedagógica e com os alunos participantes do projeto “Monitoria Voluntária” para colher as sugestões dos alunos e ao mesmo tempo incentivá-los a continuarem participando da atividade.

Ação

Participação da equipe pedagógica em sala de aula durante a recuperação trimestral.

Objetivo

Subsidiar o trabalho do professor nos períodos de recuperação.

Descrição da Ação

Com base nos resultados trimestrais, a equipe pedagógica pode propiciar um suporte ainda maior aos professores cujas turmas tenham apresentado desempenhos insatisfatórios. Desta forma, enquanto os professores reforçam os conteúdos com aqueles alunos que não conseguiram média no trimestre, a pedagoga pode fazer atividades diferenciadas, como, por exemplo, a exibição de um filme para os alunos que estejam em uma situação favorável no rendimento. Essa ação pode apresentar-se como uma metodologia, facilitando as condições para que os alunos tenham mais chance de recuperar a nota do trimestre em vez de simplesmente repetir a mesma prova, como habitualmente é feito por alguns profissionais.

Ação

Reunião pedagógica com as famílias.

Objetivo

Informar aos pais sobre os alunos que apresentam problemas relacionados à indisciplina ou ao fraco rendimento.

Descrição da Ação

Durante o ano letivo, a escola precisa convocar os pais para reuniões e tratar dos assuntos relacionados aos problemas que estiverem interferindo na aprendizagem de seus filhos. Algumas dessas reuniões, muitas delas individuais, podem ser realizadas somente com a equipe pedagógica. Em outras, é necessário que os professores e os alunos das turmas acompanhadas participem. Quando houver necessidade de que os professores estejam presentes, a equipe pedagógica precisará articular os horários daqueles professores que estariam em sala de aula em uma outra turma, contando para isso com a parceria de outros colegas de trabalho.

Ação

Acompanhamento de uma aula integrada de História e Geografia em que os alunos utilizam recursos tecnológicos para realizar pesquisas relacionadas ao conteúdo trabalhado nas duas disciplinas.

Objetivo

Preparar os alunos para a vida numa sociedade tecno-científica-informacional, trabalhando o domínio de instrumentos básicos da cultura e da ciência e das competências tecnológicas e habilidades técnicas requeridas pelos novos processos sociais e cognitivos.

Descrição da Ação

Os professores devem ser incentivados a desenvolverem aulas com o uso de metodologias diferenciadas; neste sentido, a equipe pedagógica precisa sugerir e acompanhar a execução das aulas em que os professores trabalham os conteúdos preconizados no Currículo de uma maneira muito mais atraente e significativa aos alunos. Como exemplo, podemos citar uma aula realizada pelos professores de História e de Geografia em que utilizaram *Chromebooks*, disponibilizando um aparelho para que cada aluno desenvolvesse sua pesquisa alinhada aos objetivos propostos pelos professores. Assim, a partir da utilização dos aparelhos, foi possível presenciar um interesse não muito comum em turmas de sextos anos nas aulas. Percebeu-se que o uso da tecnologia pode e deve fazer parte da rotina nas salas de aulas, pois agrega valor à aprendizagem. A aula pode ser desenvolvida no laboratório de informática da escola.

Ação

Planejamento e execução de uma aula com visita aos pontos do bairro onde são depositados os lixos.

Objetivo

Desenvolver nos alunos a capacidade cognitiva e operativa, ajudando-os nas competências do pensar autônomo, crítico e criativo.

Descrição da Ação

Outra atividade que pode ser desenvolvida entre a equipe pedagógica e os professores de Ciências e Geografia é uma visita aos pontos do bairro onde ainda existam moradores que depositam lixo em lugar inadequado. Antes da visita é necessário que o professor de Ciências defina para os alunos o conceito do que é lixo, tipos de lixo e suas consequências. Após a abordagem teórica, os alunos devem ser encaminhados aos pontos em que o lixo é depositado. O professor de Ciências pode fazer reflexões com os alunos e ver na prática o que foi discutido na sala de aula. O professor de Geografia pode levar os alunos a refletir acerca da importância dos cinco “Erres”: Repensar, Reduzir, Recusar, Reutilizar e Reciclar. A aula pode ser encerrada com um documentário ou filme acerca do tema Meio Ambiente e com uma roda de conversa com citação de hábitos e de cuidados com o meio ambiente que costumam ter em suas casas.

Ação

Planejamento e realização de uma aula em que os alunos visitam supermercados do bairro para comparação de preços.

Objetivo

Trabalhar a formação para a cidadania crítica e participativa.

Descrição da Ação

Uma aula tendo como ambiente as prateleiras de supermercados podem ser bem atraente aos alunos, em especial os do Ensino Fundamental II. Em 2019, os estudantes dos sextos anos tiveram a oportunidade de visitar dois supermercados localizados no distrito de Vila do Riacho para pesquisar os preços dos produtos praticados nos estabelecimentos. A aula foi iniciada com o professor da disciplina de Matemática abordando conceitos de números decimais e com a pedagoga explicando a dinâmica da visita. Ao chegar aos supermercados, a turma foi dividida em grupos; cada grupo ficou responsável em pesquisar os preços de um determinado gênero a saber: frutas e verduras, gêneros alimentícios, material de limpeza e produtos de beleza. Diante de um tempo estipulado, os alunos adentraram os supermercados e realizaram a ação. Esta foi com certeza uma das aulas em que mais houve interesse, participação e empenho dos estudantes. Na opinião do estudante Rafael Emanuel Butter Lopes dos Santos (6^oV1), **“A saída para o mercado foi uma das atividades mais interessantes executadas pela escola, os alunos se envolveram bastante e conseguiram alcançar com êxito o que foi transmitido”**.

Ação

Planejamento e execução de uma aula com trabalhos realizados na horta da escola.

Objetivo

Desenvolver nos alunos a capacidade cognitiva e operativa, ajudando-os nas competências do pensar autônomo, crítico e criativo.

Descrição da Ação

Um espaço pequeno pode se transformar em uma horta. Foi o que ocorreu no pátio da EEEFM Ermentina Leal, onde, a partir do reaproveitamento de lugar até então não utilizado, a professora de Geografia construiu uma horta com alunos e duas funcionárias da Escola. O local passou a ser utilizado para realização de aulas com abordagens relacionadas aos tipos de solo e utilização do solo, uso de agrotóxicos, alimentação saudável e outros assuntos.

Ação

Presença da equipe pedagógica em sala de aula.

Objetivo

Acompanhar o desenvolvimento dos alunos e as metodologias utilizadas pelos professores.

Descrição da Ação

A presença da equipe pedagógica de forma constante nas salas de aula pode gerar bons resultados. Além de acompanhar as aulas desenvolvidas pelos professores, também é possível monitorar a frequência dos alunos, perceber as dificuldades ou até mesmo as fragilidades de alguns alunos, conversar individualmente de forma muito particular na sala de aula e, quando necessário, em outro ambiente. Há ainda a aproximação entre os alunos e os pedagogos, situação que pode gerar ganhos positivos para a aprendizagem discente.

Ação

Planejamento e execução de uma aula com exibição de filmes.

Objetivo

Trabalhar a educação moral por meio da ética: valores, respeito ao outro e aceitação das diferenças.

Descrição da Ação

O “*bullyng*” tem sido uma das práticas mais comuns e lamentáveis presentes na escola. Por isso, é necessário que os ensinamentos acerca do respeito ao outro façam parte do currículo e sejam desenvolvidos na escola desde muito cedo. Trabalhar a ética com filmes voltados para o tema conta com excelente aceitação dos estudantes. Após a exibição, também é válido fomentar as discussões com a análise do filme via rodas de conversa ou até mesmo por meio de questionários.

Ação

Tomada de decisões relacionadas à indisciplina das turmas de sextos anos.

Objetivo

Manter a ordem, a harmonia e o respeito entre os pares na escola.

Descrição da Ação

A indisciplina é algo que não pode passar despercebido no contexto escolar. Ações precisam ser desenvolvidas de forma que os alunos sejam levados a conscientizarem-se de que a escola é um local onde existem normas que devem ser respeitadas. Além de apresentar o Regimento Escolar no início do ano letivo, a equipe pedagógica precisa monitorar as turmas para que a indisciplina de alguns não consiga atrapalhar o rendimento da maioria.